



Raphael Sacchi Zaremba

**O mundo na palma da sua mão:
reflexos do estilo de vida “superconectado”**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Rio de Janeiro
Abril de 2014



Raphael Sacchi Zaremba

**O mundo na palma da sua mão: reflexos
do estilo de vida “superconectado”**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Ana Maria Nicolaci da Costa

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Carla Francisca Bottino Antonaccio

PUC-Rio

Profa. Denise Berruezo Portinari

Departamento de Artes & Design PUC-Rio

Prof. Leonardo Marques de Abreu

ESPM

Profa. Rosane de Albuquerque dos Santos Abreu

FIOCRUZ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 01 de abril de 2014.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Raphael Sacchi Zaremba

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio em 1998. Obteve o título de Mestre em Psicologia pela PUC-Rio em 2001. Atualmente é professor do Departamento de Psicologia e da Coordenação de Ensino de Empreendedorismo da instituição.

Ficha Catalográfica

Zaremba, Raphael Sacchi

O mundo na palma da sua mão: reflexos do estilo de vida “superconectado” / Raphael Sacchi Zaremba ; orientadora: Ana Maria Nicolai-da-Costa. – 2014.

152 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2014.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Revolução digital. 3. Pós-modernidade. 4. Smartphones. 5. Relacionamentos. 6. Trabalho. 7. Gestão do tempo. I. Nicolai-da-Costa, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

“Meu amor, não existem palavras suficientes para te agradecer... Só posso dizer que, sem você, nada faria sentido. Muito obrigado por dividir a sua vida comigo. Te amo! NEOQEAV...”

Agradecimentos

Não poderia deixar de começar agradecendo a minha “eterna orientadora”. Se hoje estou finalizando um Doutorado, devo isto a você, Ana.

Obrigado pelo incentivo, pela orientação, pela compreensão, pela paciência e por tudo mais. Muito obrigado, acima de tudo, por sempre ter acreditado em mim e na minha capacidade. Você não faz ideia de quanto isto foi – e é até hoje – importante na minha trajetória. Foi um grande prazer, e uma enorme honra, poder trabalhar com você esses anos todos. Que bom que consegui voltar a tempo de tê-la como minha orientadora novamente...

Outra que tem fundamental importância na minha jornada, e a quem também devo agradecer, é você, Regina.

Você é o tipo de pessoa que sempre queremos ter por perto. A sua positividade, o seu otimismo e o seu alto astral constantes e contagiantes só fazem trazer alegria para a vida de todos que têm o prazer de conviver contigo. Ao longo da minha vida, conheci muito poucas pessoas tão generosas quanto você. Muito obrigado por compartilhar comigo um pouco da sua luz.

Aproveitando o embalo, devo agradecer à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado

Agradeço, também, a todos os meus colegas professores do Departamento de Psicologia e da Coordenação de Ensino de Empreendedorismo da PUC-Rio. A troca de ideias e de experiências com cada um de vocês só faz enriquecer a minha vida, dentro e fora da academia. Muito obrigado a todos(as)!

Este agradecimento se estende a todos os funcionários do Departamento de Psicologia e da Coordenação de Ensino de Empreendedorismo da PUC-Rio.

O meu obrigado vai especialmente para Chico, Flavio, Edson, Leo, Marcelina, Val e Verinha. Muito obrigado por terem tornado a minha vida consideravelmente mais fácil nos últimos anos. Sem a ajuda de vocês nada disso seria possível. Espero ter a chance de conviver com vocês diariamente por muitos e muitos anos ainda...

Não posso deixar de agradecer, ainda, aos meus maravilhosos colegas de equipe nesta aventura que foram os últimos quatro anos. Bel, Betty, Erika, Mari, Pedro e Thereza, muito obrigado pelas trocas e pelas sugestões, que tanto agregaram à presente pesquisa e a minha experiência no Doutorado como um todo.

Preciso agradecer, também, a todos aqueles que se dispuseram a me doar um pouco do seu tão caro tempo para me conceder entrevistas. Sem a colaboração de vocês, esta pesquisa não poderia ter sido realizada. Obrigado pela disponibilidade e pela paciência para responder a todas as minhas perguntas.

Minha gratidão se estende, ainda, a todos os voluntários, voluntárias e atletas da VemSer – Esporte & Psicologia. Sem a compreensão e ajuda de vocês, eu jamais teria conseguido chegar ao fim deste percurso.

Quero agradecer também a todos aqueles amigos e amigas que, ainda que de longe, sempre se fazem presentes. Vocês sabem quem vocês são e sabem o quanto são importantes na minha vida... Obrigado por tudo!

Por último, mas não menos importante, meu muito obrigado vai, ainda, para os meus pais, Ana Maria e Victor; irmãos, Bruno e Sabrina; sobrinhos, João Pedro, Juliana e Caio; cunhada, Bianca; cunhado, Mozart; sogro e sogra, Eduardo e Sandra; e demais “agregados”. A vocês, eu agradeço simplesmente por existirem. É motivo de muita felicidade para mim poder fazer parte desta família incrivelmente maravilhosa. Muito obrigado por fazerem parte da minha vida e por me permitirem fazer parte da de vocês!

Resumo

Zaremba, Raphael Sacchi; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. **O mundo na palma da sua mão: reflexos do estilo de vida "superconectado"**. Rio de Janeiro, 2014. 152p. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo teve o intuito de investigar os impactos que uma nova tecnologia vem tendo sobre a vida daqueles que dela fazem uso: o *smartphone*. Como se pode perceber, o advento das novas tecnologias foi co-responsável por algumas das mais marcantes revoluções vividas pela humanidade. Importantes transformações no cotidiano das pessoas, que, por sua vez, geraram novas formas de sentir, se relacionar e, em última instância, de viver, foram as principais consequências da entrada em cena destas. Não haveria de ser diferente com os telefones móveis inteligentes. Como aponta a literatura, a rápida adoção dos *smartphones* vem trazendo mudanças para algumas áreas extremamente importantes da vida de seus usuários, como a forma com que se relacionam com os outros e com o trabalho, e a maneira como ocupam o seu tempo, por exemplo. Tal proposta foi confirmada através da realização de uma pesquisa de campo que contou com a participação de homens na faixa de 30 a 40 anos de idade. Como forma de coletar material para posterior análise, foi realizado um total de dezessete entrevistas via bate-papo do Facebook. Para se qualificar como participantes da pesquisa, os entrevistados deveriam ser brasileiros, estar atualmente inseridos no mercado de trabalho e fazer uso de telefones móveis inteligentes. A metodologia empregada para a realização da presente pesquisa foi a do Método de Explicitação do Discurso Subjacente – MEDS. Como foi possível verificar, os participantes já estão sofrendo as consequências da nova lógica instaurada pelos telefones celulares e pelos *smartphones*.

Palavras-chave

Revolução Digital; Pós-Modernidade; smartphones; relacionamentos; trabalho; gestão do tempo.

Abstract

Zaremba, Raphael Sacchi; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria (Advisor). **The world in the palm of your hand: reflexes of the "superconnected" lifestyle.** Rio de Janeiro, 2014. 152p. PhD Thesis - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present study aimed to investigate the impact that a new technology has had on the lives of those who use it: the smartphone. As you can see, the advent of new technologies has been co-responsible for some of the most remarkable revolutions experienced by mankind. Important changes in daily life, which, in turn, generated new ways of feeling, relating with each other and with the world and, ultimately, new ways of living, were the main consequences of their arrival. It couldn't be any different with smart mobile phones. As indicated by the literature, the rapid adoption of smartphones has brought changes to some extremely important areas of their users lives, such as how they relate with each other and with work, and how they occupy and manage their time, for example. This was confirmed by a field research that included the participation of men aged 30 to 40 years old. In order to collect material for later analysis, a total of seventeen interviews were conducted via Facebook chat. To qualify as participants in the research, respondents should be Brazilians, be currently in the job market and make use of smart mobile phones. The methodology for conducting this research was the Method of the Underlying Discourse Explanation – MEDS. As we observed, the participants are already suffering the consequences of the new logic introduced by mobile phones and smartphones.

Keywords

Digital Revolution; Post-Modernity; *smartphones*; relationships; work; time management.

Sumário

1. Introdução	12
2. Impactos sociais das novas tecnologias	16
2.1 – A escrita da história	18
2.2 – O nascimento do “Homem Tipográfico”	21
2.3 – Os efeitos da era industrial	23
2.4 – Travando contato com a “Revolução Digital”	28
2.5 – Conhecendo o homem do século XXI	31
3. Tempos (pós)modernos	35
3.1 – A era da velocidade	42
3.2 – A doença do tempo	51
4. A qualquer hora, em qualquer lugar	58
4.1 – Impactos sociais dos telefones móveis	61
4.2 – Implacavelmente conectados? A lógica 24/7	64
5. Estudando o novo	75
5.1 – Metodologia	75
5.2 – Recrutando os participantes	76
5.3 – Construindo o roteiro de entrevistas	78
5.4 – As entrevistas	81
5.5 – Analisando as falas dos entrevistados	82
6. Reflexos do estilo de vida “superconectado”	84
6.1 – Conhecendo os participantes	84
6.2 – Organização do cotidiano	86
6.2.1 – Correndo atrás do tempo	88
6.2.2 – Vida pessoal x vida profissional	90
6.3 – A entrada em cena dos <i>smartphones</i>	91
6.3.1 – O primeiro <i>smartphone</i> a gente nunca esquece	94
6.3.2 – As mil e uma utilidades do <i>smartphone</i>	96
6.3.3 – Conexão 24 horas por dia	97
6.4 – Vida pós- <i>smartphone</i>	100
6.4.1 – Vantagens trazidas para o dia-a-dia	100
6.4.2 – Maior organização ou perda de foco?	102
6.4.3 – Fim do tempo ocioso ou aumento na carga de trabalho?	104
6.4.4 – Aumento da capacidade produtiva?	106

6.4.5 – Eternamente disponíveis?	109
6.4.6 – Temores em relação ao futuro	110
6.4.7 – Estabelecendo limites	113
7. Uma nova forma de viver?	117
7.1 – A Internet e o telefone celular se encontram	118
7.2 – Dois lados de uma mesma moeda	120
7.3 – Mais próximos ou mais distantes?	122
7.4 – Trabalhando o tempo inteiro	124
7.5 – O ócio “produtivo”	126
7.6 – Olhando para frente...	129
8. Apêndice	132
8.1 – Os telefones se tornam móveis	132
8.2 – O desenvolvimento da telefonia celular	134
9. Referências bibliográficas	141
10. Anexos	149
10.1 – Roteiro de entrevistas	149
10.2 – Dados de identificação dos entrevistados	151
10.3 – Termo de consentimento livre e esclarecido	152

“Atualmente, as horas em que você não está desperto – um terço da sua vida – são improdutivas. Explore esse gigantesco potencial para promover a sua carreira, a sua saúde e a sua felicidade!”

Slogan do site *Sleep Learning*

“Agora você precisa correr o mais que puder para ficar no mesmo lugar. Se quiser chegar a algum outro lugar, você precisa correr pelo menos duas vezes mais rápido.”

A rainha de “Alice no país das maravilhas”

“Como todo mundo, recorro à tecnologia para conseguir mais tempo e ter assim a oportunidade de sentir-me menos apressado. Mas a tecnologia é uma falsa amiga. Mesmo quando economiza tempo, frequentemente estraga tudo, gerando toda uma nova série de deveres e desejos.”

Honoré

1 Introdução

Avanços tecnológicos e científicos confrontam a raça humana com questões imediatas e profundas. A importância das máquinas e das inovações reside no impacto que elas têm sobre o ser humano – em seu papel de agentes causadores de mudanças sociais. Elas afetam não apenas os meios, mas também os fins de ações individuais e sociais.

(Diebold, 1969, pp. 1-2 – minha tradução)¹

Mudanças sociais radicais vêm sendo o saldo da difusão das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ao longo das últimas duas décadas. Como temos podido testemunhar de perto, está atualmente em curso um acelerado processo de mudanças, que atinge praticamente todos os setores das sociedades contemporâneas.

Tendo travado o meu primeiro contato com aquela que é talvez a principal representante destas novas tecnologias quase vinte anos atrás, pude constatar o quanto a Internet veio dar origem a novas maneiras de agir, sentir, pensar e se relacionar – com os outros e com o mundo. Na época, eu ingressava na equipe de pesquisa coordenada pela professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa, sempre interessada em investigar as mudanças que inovações tecnológicas provocam em nosso cotidiano.

Inúmeros estudos a respeito dos impactos que a rede mundial de computadores e as demais tecnologias digitais viriam trazer para as nossas vidas surgiram a partir do trabalho coletivo de uma equipe de pesquisadores curiosos e dedicados. Como é possível perceber pelos resultados dos estudos em questão, também está em curso atualmente um radical e acelerado processo de transformação psicológica (Nicolaci-da-Costa, 2002).

É precisamente por compartilhar desta percepção, e por acreditar que, como psicólogos, é nossa função buscar compreender os impactos que o avanço

¹ “Scientific and technological advances present mankind with immediate and profound questions. The importance of machines and innovations resides in the impact they have on human beings - in their roles as agents for social change. They affect not only the means but also the ends of individual and societal actions”.

tecnológico terá sobre o ser-humano – matéria-prima de nossa ciência – que tomei a decisão dar prosseguimento ao trabalho de investigação iniciado durante minha graduação, e ao qual dei continuidade em meu Mestrado². Assim, me proponho, no momento, a estudar o papel que vem desempenhando na vida de seus usuários outra inovadora tecnologia: o *smartphone*³.

Como veremos abaixo, os números relativos a adoção dos “telefones móveis inteligentes” no Brasil e no mundo são verdadeiramente impressionantes. A rapidez com que o dispositivo está entrando em nossas vidas é assustadora, e isto parece acontecer em um momento emblemático. Afinal, em um mundo aparentemente regido por uma nova lógica, em que ideais como objetividade, razão, ordem, fronteiras, longo prazo e hierarquia perdem cada vez mais espaço para um pensamento pautado pela mobilidade, flexibilidade, globalização, fluidez, pelo curto prazo e pelas comunicações eletrônicas, o *smartphone* parece mesmo ser a tecnologia que melhor atende às necessidades atuais.

Em uma realidade onde muitos se queixam de não possuir tempo suficiente para atender às intermináveis demandas que chegam dos mais diferentes e inesperados lugares, o iPhone, o Galaxy, o BlackBerry e outros apetrechos semelhantes têm sido vistos como um verdadeiro oásis em meio ao deserto. Percebidos por alguns como a solução para todos os seus problemas, os telefones inteligentes vêm invadindo o nosso dia-a-dia com uma velocidade alucinante. Prometendo mobilidade, agilidade, praticidade e, principalmente, a possibilidade de estarmos conectados 24 horas por dia, quais serão as consequências da entrada deles no nosso cotidiano?

Contando com a colaboração de dezessete usuários brasileiros de *smartphones*, que gentilmente me concederam entrevistas, este estudo teve a intenção de procurar respostas para esta e outras perguntas que se colocam neste importante momento de mudança. Será, portanto, a um estudo sobre os telefones

² Ver Zaremba (2001).

³ De acordo com a Wikipedia (www.wikipedia.org), um *smartphone* é “um telefone celular com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados no seu sistema operacional. Os sistemas operacionais dos *smartphones* são “abertos” (não confundir com código-fonte aberto), o que significa que é possível que qualquer pessoa desenvolva programas que podem funcionar nesses telefones. Numa tradução livre, do inglês “*smartphone*” - “telefone inteligente”. Usualmente um *smartphone* possui características mínimas de hardware e software, sendo as principais: capacidade de conexão com redes de dados para acesso à Internet, capacidade de sincronização dos dados do organizador com um computador pessoal e agenda de contatos que utiliza toda a memória disponível no celular (não é limitada a um número fixo de contatos)”.

móveis inteligentes e seus efeitos sobre aqueles que deles vêm fazendo uso que o leitor terá acesso a seguir.

Antes de ser apresentada a pesquisa e seus resultados, contudo, faremos uma breve viagem no tempo. Através da análise de outros momentos marcantes vividos pelo homem ao longo da história, será traçado um paralelo entre a revolução atualmente em curso e outras que a precederam. Através desse paralelo, ao qual será dedicado o capítulo intitulado “Impactos sociais das novas tecnologias”, será apresentado ao leitor o raciocínio que conduzirá o presente estudo.

Em seguida, daremos atenção ao especial momento de transição que vivemos atualmente. À passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade será dedicado o capítulo “Tempos (pós)modernos”, em que analisaremos algumas das principais características da nossa presente realidade. Nossa relação com o espaço e com o tempo, bem como as possíveis consequências do processo de transição de um mundo moderno para um mundo pós-moderno são dois importantes pontos abordados neste bloco.

Posteriormente, trataremos dos *smartphones* propriamente ditos. Eles são o tema central do capítulo batizado de “A qualquer hora, em qualquer lugar”, em que serão apresentados os resultados de alguns estudos a respeito das transformações que os telefones móveis inteligentes vêm trazendo para o cotidiano das pessoas que dele se utilizam. Os impactos sociais dos telefones celulares e dos *smartphones* e a nova lógica instaurada por eles são temas de destaque desta parte do trabalho.

A pesquisa de campo realizada ao longo do presente estudo é o assunto do capítulo “Estudando o novo”. Neste é apresentada a metodologia empregada, bem como os critérios utilizados para o recrutamento dos participantes, para a construção do roteiro de entrevistas e para a realização e análise das mesmas. O leitor terá acesso, ainda, a uma detalhada explicação do procedimento adotado durante o processo.

O capítulo “Reflexos do estilo de vida ‘superconectado’” traz os principais resultados da pesquisa de campo, destacando as categorias que emergiram a partir do discurso dos entrevistados, bem como suas falas mais representativas. Aqui o leitor poderá ter uma boa ideia de como os participantes do estudo se “relacionam” com seus *smartphones* e o que mudanças estes já trouxeram para suas vidas.

Por fim, no capítulo “Uma nova forma de viver?”, o leitor encontrará uma discussão em que, tendo como pano de fundo a fundamentação teórica

apresentada nos capítulos iniciais e as falas dos entrevistados, é feita a tentativa de encontrar respostas para algumas das inúmeras perguntas com as quais sempre nos deparamos diante de revoluções como a atualmente em curso.

Infelizmente, no entanto, respostas não são o único saldo do presente estudo. Ao que parece, restarão sempre novas perguntas a serem colocadas. Isto, contudo, fica para uma futura pesquisa...

2 Impactos sociais das novas tecnologias

Se queres prever o futuro, estuda o passado.

Confúcio

Ao longo da história, a configuração da vida do homem foi alterada em inúmeros aspectos em função das grandes revoluções vividas pela humanidade – muitas destas impulsionadas pelo surgimento de novas tecnologias (ver Diebold, 1969; Dunlop, 1962; Gehlen, 1980; e Teixeira, 1971, entre outros). De fato, é tão antiga a relação homem-tecnologia que pensar em uma das partes sem imediatamente considerar a outra parece uma tarefa impossível. Infelizmente, contudo, o que percebemos é que discussões que envolvem tecnologias e outros temas aparentemente relacionados às chamadas Ciências Exatas muitas vezes não contam com a participação das Ciências Humanas.

Ainda hoje, a investigação das diversas transformações sociais que caminham lado a lado com a inovação tecnológica é alvo de muito poucos autores. Há mais de duas décadas estudando os impactos que as novas tecnologias digitais têm sobre o ser humano, Pierre Lévy é um deles. O autor sempre defendeu que novas formas de conviver e de pensar vêm sendo elaboradas no mundo da informática e das telecomunicações.

Segundo ele, “as relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos” (Lévy, 1998, p. 7). Autor de inúmeros livros a respeito das mudanças resultantes da introdução de novas tecnologias em nosso cotidiano (ver Lévy, 1996 e 1998, entre outros), Lévy já ressaltava, vinte anos atrás, que um novo tipo de homem emergiria do contato com tais tecnologias.

Com o intuito de prestar a minha contribuição para o estudo das consequências que a entrada em cena de novas tecnologias traz para o nosso cotidiano, ingressei, no ano de 1995, na equipe de pesquisa da professora Ana

Maria Nicolaci-da-Costa. Na época, a professora começava a voltar o seu olhar para os impactos que a Internet poderia trazer para seus usuários.

As pesquisas que tive a oportunidade de desenvolver com Nicolaci-da-Costa⁴ deixaram claro para mim que novas tecnologias, em especial as tecnologias digitais, vêm, de fato, transformando nossas vidas. Novas formas de pensar, agir, sentir e se relacionar com o mundo e com os outros são algumas das características do homem que vem emergindo do contato com estas (ver Baudrillard, 1997; Lévy, 1996 e 1998; Negroponte, 1995; Nicolaci-da-Costa, 1998 e 2006a; Romão-Dias, 2001; Tapscott, 1998; e Turkle, 1997, entre outros).

Desta forma, o cotidiano do homem e as transformações pelas quais ele vem passando a partir do surgimento da Internet e de sua interação com a rede foram meu principal foco de atenção em minha dissertação de Mestrado, oportunidade em que pude travar contato com a “Escrita Digital”⁵ e com algumas das consequências de sua utilização por jovens brasileiros.

Entre os resultados mais relevantes da minha pesquisa, pude constatar que, em contraste com o “Homem Tipográfico” (McLuhan, 1972), extremamente racional e dotado de um pensamento linear e altamente mecanizado, o “Homem Digital” se caracteriza por sua flexibilidade e por uma forma de pensar extremamente ágil (ver Zaremba, 2001 e 2006).

Tal diferença parece fazer sentido se analisarmos o momento especial vivido pelo ser humano em virtude dos processos que vêm transformando o mundo “moderno” em “pós-moderno” (ver Bauman, 1998, 1999 e 2001; Harvey, 2002; e Sennett, 1999 e 2006, entre outros). Talvez pudéssemos, inclusive, rebatizar o “Homem Tipográfico” de “Homem Moderno” e o “Homem Digital” de “Homem Pós-moderno”. É precisamente nos diferentes tipos de configuração subjetiva destes dois homens que reside o meu interesse e a eles será dada atenção especial ao longo do presente estudo.

Na visão de diversos autores (ver Castells, 2000; Harvey, 2002; Levy, 1998; e Nicolaci-da-Costa, 2002, entre outros), existem inúmeras semelhanças entre o processo de transformação que estamos vivendo nos dias de hoje e aquilo que aconteceu na esteira de outras revoluções tecnológicas. No intuito de lançar uma

⁴ “Virtualidade em Tempo Real: a realidade dos relacionamentos virtuais na nova geração” e “Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação”.

⁵ O leitor interessado pode encontrar mais informações em: Zaremba, Raphael, “Escrevendo – ou seria teclando? – o Homem do Século XXI”, Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

luz sobre o momento presente, tais autores, em sua maior parte filósofos e sociólogos, costumam recorrer a analogias entre períodos que se seguiram a outras revoluções e o período em curso. Com isto, estão procurando criar a distância necessária para que possam entender as transformações atuais. Suas análises são de fundamental importância para todos aqueles que desejam investigar as mudanças internas vividas por homens e mulheres contemporâneos. Afinal, partindo do pressuposto de que o psicológico é construído pelo social e por suas estruturas, para que possamos investigar suas consequências psicológicas torna-se essencial que conheçamos as características desse social.

Assim como eles, penso que é importante e útil termos um contraponto que possa nos distanciar de nossa percepção imediata, que tende muitas vezes a ser enganadora e confusa quando nos encontramos imersos no turbilhão da mudança. Desta forma, para que comecemos a compreender as mudanças que estamos testemunhando atualmente, penso que, antes de podermos olhar para frente, é fundamental que olhemos para trás e busquemos respostas em momentos análogos vividos pela humanidade. É exatamente isto que faremos agora.

2.1

A escrita da história

Sem dúvida um dos principais marcos da história da humanidade, o desenvolvimento da cultura escrita foi um dos maiores frutos gerados por inovações tecnológicas de que se tem conhecimento, haja vista que foi o surgimento e a utilização de novos materiais que o tornou possível. Parece ter sido apenas com o nascimento e a generalização do alfabeto fonético, contudo, que o homem se deparou com uma experiência totalmente nova e transformadora.

Desde seu aparecimento, o homem letrado é um homem partido, dividido, esquizofrênico, e assim tem sido desde que se passou a traduzir o som das palavras em um código visual. Nenhum dos tipos de escrita conhecidos até então havia conseguido livrar o homem do domínio possessivo de completa interdependência que caracteriza o mundo auditivo, o que dava ao alfabeto fonético uma força destribalizante sem precedentes.

A cisão entre o código visual e o significado semântico, entre a visão e a audição, apenas pode ser estabelecida com o aparecimento da escrita fonética. Ao

substituir o ouvido do homem por sua vista, o alfabeto fonético tornou possível a transição da esfera tribal para a esfera civilizada. Sua criação teve impacto tão considerável sobre o homem, que poderíamos dizer que a forma e o sentido do homem ocidental foram criados por meio da ligação entre o sinal sem significação própria e o som igualmente sem significado (McLuhan, 1962).

Parece ter sido um acontecimento posterior, contudo, o principal responsável pela disseminação da cultura alfabética, que deu um verdadeiro salto com a invenção da imprensa. Com a tecnologia da palavra impressa, o homem ganha um “impulso sem precedente, constituindo-se a tipografia ou o prelo talvez a causa principal do que chamamos de civilização moderna” (Teixeira, 1971, p. 21).

Quando, por volta 1436, Johann Gensfleisch Gutenberg criou a imprensa tipográfica, ele talvez não pudesse supor o quanto a sua invenção mudaria o rumo da história. Uma verdadeira revolução tecnológica, que teve inquestionáveis impactos sobre o homem, a criação da imprensa pode ser utilizada como um bom parâmetro para compreendermos as transformações que ele vem sofrendo no presente momento.

Como costuma ser o caso com qualquer inovação, não demorou muito para que a rápida difusão da imprensa tipográfica ao redor do mundo gerasse reações negativas por parte daqueles que faziam da cultura do manuscrito o seu “ganha-pão”. Até certo ponto ambivalentes, as visões ora associavam a imprensa a poderes diabólicos, ora a poderes divinos. Fosse ela vista como uma dádiva ou como uma maldição, contudo, o que de fato impressionou os observadores contemporâneos foi o notável aumento de produção proporcionado pela nova arte (Eisenstein, 1998).

O aumento na produção de textos, porém, mostrar-se-ia apenas o ponto de partida para as inúmeras transformações que a imprensa traria para a vida do homem. Limitada e praticada por poucos, a tecnologia da escrita, apesar de trazer para o pensamento humano e para a organização da vida altura sem precedentes, acabara por criar uma sociedade aristocrática, dividida de acordo com uma delimitação de funções e papéis. Além de tornar o saber acessível a todos, o que pôs fim ao caráter aristocrático da cultura manuscrita, a cultura tipográfica garantiu que edições atualizadas dos textos estivessem sempre disponíveis, fazendo com que a sabedoria dos antigos fosse suplantada.

Possibilitada pelo aperfeiçoamento da imprensa e pela descoberta dos tipos móveis, a universalização do saber viria libertar o homem das limitações da cultura

manuscrita e colocaria a cultura mecânica da tipografia no centro do processo de construção da civilização moderna. Nunca antes uma inovação tecnológica havia constituído uma força tão revolucionária.

O advento da imprensa afetou diversas áreas do conhecimento humano – se não todas. Os métodos de medição, todas as formas de levantamento de dados e os modos de registro das observações estão entre elas. As mudanças foram tantas que se poderia dizer que criação de Gutenberg iria transformar a organização e o pensamento humano nos prodígios que marcaram a chamada civilização moderna:

“A nossa civilização é a civilização do livro (...) O prelo multiplicou esse livro e difundiu a civilização pelo mundo. Enquanto o homem não chegou a essa pequena invenção que foi a impressão por tipos móveis – tão pequena que se pode perguntar: que afinal inventou Gutenberg? – o progresso humano foi lento e de certo modo estável. Mas, a diminuta alteração de Gutenberg (...) mudou a face da Terra” (Teixeira, 1971, p. 24).

Para Teixeira (1971), podemos citar como dois dos mais marcantes desdobramentos da tipografia a universalização da máquina, como consequência da produção em série da palavra impressa, e o surgimento das culturas vernáculas, que, por sua vez, dariam origem às nações. O mais importante fruto gerado pela cultura tipográfica, contudo, teria sido outro: o individualismo.

Ainda de acordo com o autor, em última instância, foi a tipografia que possibilitou o surgimento das nações e do cidadão, da indústria e da democracia, do indivíduo e do individualismo. Foi a tecnologia da palavra impressa que multiplicou a cultura pela variedade das culturas nacionais, dando às línguas vernáculas, à arte e à ciência condições de desenvolvimento ilimitadas e inesperadas. As transformações foram de tão grande porte que a invenção da imprensa chegou a ser comparada à criação do mundo.

Quer concordemos ou não com esta visão, penso que é importante que estejamos sempre atentos às mudanças que as novas tecnologias trazem para nossas vidas. E, como psicólogos, devemos dar atenção especial aos impactos que estas geram na vida mental do homem. Como sugere Elizabeth Eisenstein, “deve-se admitir que os materiais impressos afetam os padrões de pensamento, facilitam a solução dos problemas e, em geral, penetram a ‘vida da mente’” (Eisenstein, 1998, p. 284).

2.2

O nascimento do “Homem Tipográfico”

Cunhada por Marshall McLuhan, a expressão “homem tipográfico”, ou “homem de Gutenberg”, se refere ao novo homem que, segundo o autor, emergiu do contato com a tecnologia da imprensa. McLuhan se dedicou a estudar os aspectos tecnológicos do desenvolvimento humano, defendendo que as tecnologias atuam como sistemas de extensão dos sentidos e das faculdades humanas e trazem para o homem novas formas de experimentar o mundo e organizar sua vida material, social e mental.

O autor argumenta que as novas tecnologias são mais do que meras invenções das quais fazemos uso: são meios pelos quais o homem é reinventado. Não importa se foi inventada pela própria cultura, ou se veio de fora, ao se introduzir em uma cultura uma tecnologia que dá nova ascendência ou acento a um ou outro de nossos sentidos, a relação mútua entre todos eles sofre uma alteração.

A criação do alfabeto iniciou no Ocidente um contínuo movimento para a separação dos sentidos, de funções, estados emocionais e políticos, assim como de tarefas. Durante a fase manuscrita da tecnologia alfabética, contudo, nada foi suficientemente intenso para romper o globalismo sensorial, o que só veio a acontecer com a produção em massa de tipo repetível e uniforme. Foi apenas então que a dimensão visual se separou dos outros sentidos.

A cultura impressa garantiu ao sentido visual total ascendência sobre os demais sentidos, o que rompeu o equilíbrio de relacionamento entre eles. Isto levou a uma completa modificação no aparelho perceptivo humano, o que trouxe mudanças radicais para o pensamento e o sentimento do homem.

De fato, muitos foram os impactos gerados pela tecnologia da imprensa. A cultura alfabética teria o seu ápice na palavra impressa, que levou o poder de individualização do alfabeto fonético muito além do que jamais poderia ter feito a cultura manuscrita. A criação da imprensa é tida como um momento decisivo no surgimento de uma nova cultura, sendo a tecnologia da palavra impressa apontada como a “tecnologia do individualismo”. Foi a esse homem produzido pela mudança de consciência gerada pelo advento do livro impresso que McLuhan deu o nome de “homem tipográfico”.

Para que possamos entender de que forma a consciência do homem foi impactada pela tecnologia da palavra impressa, porém, é importante que algumas

características peculiares à cultura tipográfica sejam levadas em conta. Resultantes da enorme capacidade de reprodução de textos presente na nova sociedade, a repetição e a homogeneidade estão entre elas.

A primeira fase de consumo vivida pela Europa teria sua origem nestas características, o que levou a palavra impressa a ser considerada não apenas um artigo de comércio ou um meio de consumo, mas também uma forma de ensinar aos homens como organizarem de forma linear e sistemática todas as demais atividades. A familiarização com os modelos repetitivos e lineares da página impressa levou as pessoas a aplicarem a mesma lógica a todo tipo de problema, tendo a tecnologia de Gutenberg conduzido o homem à era do surto da máquina. A forma mecanizada e linear de raciocínio gerada pela imprensa seria, portanto, um dos resultados do impacto que esta nova tecnologia teve sobre a consciência humana e uma das principais características do homem por ela produzido.

Além disto, uma vez que isolou o aspecto visual da palavra, o impresso teria acabado por causar uma ruptura entre o sentimento e o espírito. Ao tornar o ato de pensar um artifício racional e abstrato, a tecnologia da palavra impressa viria separar o coração do cérebro, fazendo deste último “uma máquina de pensar tão fria como um computador” (Teixeira, 1971, p. 34). Ao reduzir a cultura à vista, a imprensa teria criado o indivíduo, em oposição ao coletivo e corporativo do período tribal-oral, e o ego, bem como a noção de vida interior vs. vida exterior.

Como se pode perceber, ao oferecer ao homem formas novas de lidar com os seus sentidos, as novas tecnologias acabam por operar nele profundas transformações. Assim, novos estilos de humanidade parecem ser criados a todo o momento:

“É fácil ver, hoje em dia, que tal mudança de razão ou proporção entre os sentidos ocorre em cada caso de mudança de uma tecnologia exterior. Por que não fora isso notado antes? Talvez porque, no passado, as mudanças ocorressem um tanto gradativamente. Hoje experimentamos tal série de novas tecnologias em nosso próprio mundo e, além disso, temos meios de observar tantas outras culturas, que somente grande falta de atenção é que nos poderia agora ocultar o papel dos novos meios de informação na alteração de posição e de relações de nossos sentidos” (McLuhan, 1972, p. 89).

Partindo deste raciocínio, podemos supor que, ao trazer novas possibilidades de pensar e experimentar o mundo, as atuais tecnologias digitais também estão criando um novo tipo de homem. Antes de discutir a transição atualmente em curso,

porém, creio ser interessante recordar outra marcante revolução vivida pela humanidade – caso o leitor ainda não esteja convencido da importância de as Ciências Humanas se envolverem no debate a respeito das novas tecnologias.

2.3

Os efeitos da era industrial

Fruto de uma conjunção de fatores muito particular, aquela que foi talvez a maior das revoluções já vividas pela humanidade também contou com a grande colaboração de uma “simples” inovação tecnológica – a máquina a vapor – para poder ser levada a cabo. É inegável que a Revolução Industrial trouxe marcantes transformações para a organização social e, por consequência, para a vida humana.

Se a semente do individualismo talvez já tivesse sido plantada pela grande disseminação da cultura alfabética possibilitada pela tecnologia da imprensa, a transformação na organização social instaurada pela Revolução Industrial, e os impactos que esta teve sobre a vida pessoal de todos aqueles por ela atingidos, certamente ajudou-o a desabrochar:

“A descoberta da primeira fonte de energia inanimada – o vapor –, no final do século XVIII, gerou profundas transformações na Europa do século XIX. Naquela época, a mecanização do trabalho, tornada possível pela nova fonte de energia, teve como efeito direto o aumento dramático da capacidade produtiva dos países industrializados. Este, no entanto, não foi o único efeito da nova descoberta. Ela teve vários e importantes efeitos indiretos: o surgimento dos grandes complexos urbano-industriais, a emergência de novas regras econômicas, sociais e políticas, a divisão entre locais e horários de trabalho e de lazer etc. O conjunto dessas mudanças acabou afetando a vida de todos (de maneira positiva ou negativa), não importa quem fossem ou onde estivessem” (Nicolaci-da-Costa, 2005, p. 72).

Poucos talvez pudessem supor que a criação de James Watt contribuiria para modificar tanto, e tão fundamentalmente, a vida do homem. Ao diminuir distâncias e trazer os trabalhadores para perto das primeiras grandes indústrias, contudo, a entrada em cena da máquina a vapor facilitou, entre outras coisas, o nascimento das grandes metrópoles. O cenário proporcionado pela invenção de Watt possibilitou, ainda, o surgimento e o fortalecimento do capitalismo. Afinal, não poderia haver melhor berço para este do que as grandes cidades, com seus

parques industriais e as longas horas de trabalho repetitivo em suas linhas de produção.

Tendo este cenário como pano de fundo, alguns poucos e corajosos estudiosos passaram a se dedicar à árdua tarefa de tentar compreender tantas transformações. Buscar respostas para as muitas perguntas que se colocavam por conta do turbilhão gerado pela Revolução Industrial foi o que procuraram fazer pensadores como Sigmund Freud, Karl Marx, Emile Durkheim e Max Weber, entre outros.

A coragem de observar e registrar, em primeira mão, tudo de novo que se passava diante de seus olhos era algo que todos eles tinham em comum. E foi exatamente a interpretação de suas observações que possibilitou o surgimento de novas formas de entender o mundo e seus habitantes, o que, por sua vez, deu base para o desenvolvimento de teorias válidas ainda nos dias de hoje.

Ao que parece, de fato, as ideias fundamentais da sociologia Europeia são melhor entendidas como respostas para o problema da ruptura da velha ordem – uma ordem que tinha descansado em religião, classe social, terras de parentesco, comunidade local, e a monarquia – no início do século XIX e pelo colapso do velho regime, sob os golpes do industrialismo e da democracia revolucionária. A natureza da comunidade, a localização do poder, a estratificação de riqueza e privilégio, o papel do indivíduo na sociedade de massa emergente, a reconciliação dos valores sagrados com realidades políticas e econômicas, a direção da sociedade ocidental: todos esses são temas ricos na ciência do século XIX (Nisbet, 1966).

A Revolução Industrial foi uma das grandes responsáveis por trazer à tona e por tornar urgentes estes temas, sendo difícil encontrar qualquer área do pensamento e da escrita no século que não tenha por ela sido afetada. A natureza cataclísmica deste momento torna-se muito clara quando olhamos para as respostas de quem viveu a revolução e as suas consequências imediatas.

Olhando para trás hoje, é fácil pensarmos neste momento da história como um longo e contínuo processo de mudanças. Para os intelectuais da época, contudo, os impactos gerados pela Revolução Industrial foram abruptos e definitivos. O contraste entre o presente e o passado parecia claro, e assustador, dependendo da relação de cada um com a velha ordem.

Dentre os inúmeros indicadores que poderiam ser usados para avaliar o grau das mudanças que estavam ocorrendo naquele momento, Hobsbawn elegeu as

palavras como testemunhas das transformações pelas quais o mundo estava passando. Afinal, do ponto de vista do pensamento social, o período compreendido entre o último quarto do século XVIII e a primeira metade do século XIX pode ser percebido como um dos mais ricos da história no que diz respeito à formação de novas palavras. Conceitos como os de indústria, industrial, democracia, classe, classe média, ideologia, intelectual, racionalismo, humanitário, atomístico, massas, comercialismo, proletariado e coletivismo, apenas para citar alguns, são criados, ou ganham novo sentido, a partir desta época. Como destaca o autor, todos os períodos mais marcantes do pensamento na história da cultura são caracterizados pela proliferação de novas palavras ou de novos significados de palavras (Nicolaci-da-Costa, 2009b).

Sociólogos como Comte e Weber, por sua vez, abordaram os problemas de autoridade, status e comunidade nos contextos quase invariáveis das mudanças operadas na sociedade europeia pelas forças do capital industrial, da divisão do trabalho e dos novos papéis do empresário e do trabalhador. Uma grande parte da sociologia pode, de fato, ser vista como uma resposta a cinco dos principais aspectos da Revolução Industrial, a saber: a transformação da propriedade, a tecnologia, a cidade industrial, a condição de trabalho e o sistema de fábrica.

De acordo com Nisbet (1966), tanto para os radicais quanto para os conservadores, era inegável a degradação do trabalho a partir de sua retirada de contextos protegidos como os da comunidade, da vila, e da família. Esta foi, segundo o autor, a mais fundamental, e chocante, característica da nova ordem. A perda de status do trabalhador comum, para não mencionar o artesão habilidoso, é motivo de contestação tanto por parte dos conservadores quanto dos radicais. A inevitável perda das raízes de seu trabalho em família, paróquia e comunidade por parte do homem fazia com que o “sistema inglês” fosse considerado um gerador de grande instabilidade para a sociedade. O novo sistema praticamente extinguiria a raça dos pequenos agricultores.

Na nova ordem econômica, era possível perceber a atomização e a fragmentação da propriedade, considerada pelos conservadores a base indispensável da igreja, da família, do estado e de todos os outros grupos importantes na sociedade, e sua conversão em ações impessoais que nunca iriam inspirar lealdade ou levar à estabilidade. Para os radicais, por outro lado, cada vez

mais, a abolição da propriedade tornou-se o objetivo principal de suas aspirações (Nisbet, 1966).

O urbanismo foi outro importante tema suscitado pela Revolução Industrial. Assim como a condição social da classe trabalhadora passou a ser objeto de paixão ideológica pela primeira vez, o mesmo se deu com o caráter social da cidade. É no contexto das cidades que surge a maior parte das proposições sociológicas relacionadas à desorganização, alienação e isolamento mental, grandes estigmas da perda da comunidade e da sociedade. Na visão dos conservadores, a cultura europeia tinha em sua base os ritmos do campo, a sucessão das estações, a alternância de elementos naturais e a relação profunda entre homem e o solo. Para eles, a separação destes ritmos e a exposição do homem às pressões artificiais da cidade só poderiam mesmo gerar desenraizamento e alienação. Se a mentalidade do radicalismo moderno era urbana, o conservadorismo era em grande parte rural.

Igualmente vivos e carregados de paixão ideológica no pensamento do século XIX, a tecnologia e o sistema de fábrica são outros dois importantes temas que merecem destaque. Sob o impacto da primeira e dentro dos limites deste último, tanto os conservadores quanto os radicais podiam perceber mudanças que afetariam a relação histórica entre o homem e a mulher e ameaçariam tornar obsoleta a família tradicional, que aboliriam a separação cultural entre a cidade e o campo, e que tornariam possível, pela primeira vez na história, a libertação da energia produtiva do homem das restrições que a natureza e a sociedade tradicional tinham imposto. A partir da aceitação da fábrica e de sua divisão do trabalho mecanicamente imposta como algo historicamente necessário, bastaria um pequeno passo para o tipo de idealização da fábrica e da máquina que podemos encontrar na arte e na escrita radicais do início do século XX.

Os conservadores, por sua vez, desconfiavam da fábrica e de sua divisão mecânica do trabalho, como era o caso com qualquer sistema que, aos seus olhos, parecia capaz de destruir o camponês e o artesão, bem como a família e a comunidade local. Era fácil, para eles, perceber no funcionamento do motor a vapor uma forma de tirania sobre a mente do homem e um instrumento para a sua degradação moral. Para Tocqueville, por exemplo, a máquina e a divisão do trabalho que a acompanhava eram instrumentos de degradação do homem mais terríveis do que qualquer outro jamais conhecido. Tudo o que foi dado à máquina na forma de habilidade e direção foi, em sua visão, tirada da essência do homem,

deixando-o fraco, pobre de espírito, e dependente. O avanço da arte era, para Tocqueville, sinônimo de retrocesso para o artesão (Nisbet, 1966).

Como se pode perceber, parecia claro para os estudiosos da época que a nova ordem instaurada pela Revolução Industrial teria impactos mais “profundos” sobre o homem. Nas palavras de Carlyle, citado por Nisbet (1966), “não apenas o externo e físico é agora gerido por máquinas, mas também o interno e espiritual... O mesmo hábito regula não apenas nossos modos de ação, mas os nossos modos de pensamento e sentimento. Homens são cultivados mecanicamente na cabeça e no coração, bem como na mão. Eles perderam a fé no esforço individual, e na força natural de qualquer tipo” (Nisbet, 1966, p. 30 – minha tradução)⁶.

A transformação subjetiva era clara demais para passar sem ser notada por aqueles que buscavam entender o que estava acontecendo com as mulheres e os homens da época, e coube ao sociólogo Georg Simmel o mérito de expressar claramente a maneira pela qual o social constrói o psicológico. Comparando a vida na antiga ordem feudal à vida em uma metrópole, Simmel plantou a semente do que é hoje conhecido como a construção social da subjetividade:

“Pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas à sua economia do dinheiro e caráter intelectualístico. Tais traços também devem colorir o conteúdo da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintivos, soberanos que visam determinar o modo de vida de dentro, ao invés de receber a forma de vida geral precisamente esquematizada de fora” (Simmel, 1902, apud Velho, 1987, p. 15).

Segundo o autor, a vida psíquica seria alterada por diversos aspectos da vida social. Mais uma vez, recorro às suas próprias palavras: “(...) de cada ponto da superfície da experiência (...) pode-se deixar cair um fio de prumo para o interior da profundidade do psiquismo, de tal modo que todas as exterioridades mais banais da vida estão, em última análise, ligadas às decisões concernentes ao significado e estilo de vida” (Simmel, 1902, apud Velho, 1987, p. 15).

Partindo da premissa de que o social constrói o psicológico, penso que, feito este breve passeio pela história de duas das mais importantes revoluções vividas pela humanidade, podemos agora retornar ao presente e nos colocar algumas

⁶ “Not the external and physical alone is now managed by machinery, but the internal and spiritual also... The same habit regulates not our modes of action alone, but our modes of thought and feeling. Men are grown mechanical in head and in heart, as well as in hand. They have lost faith in individual endeavor and in natural force of any kind”.

importantes questões. Se, como vimos, a invenção da imprensa e da máquina a vapor serviu como pano de fundo para revoluções que viriam alterar definitivamente as formas de pensar, sentir, se relacionar e, em última análise, de viver do homem, que impactos trarão para as nossas vidas as novas tecnologias digitais com que convivemos nos dias de hoje?

2.4 Travando contato com a “Revolução Digital”

Creio que atravessamos atualmente um momento de transição comparável àqueles experimentados quando do surgimento da imprensa e da máquina a vapor. Assim como a Renascença do século XVI marcou a fronteira entre dois milênios de cultura alfabética e manuscrita de um lado e a nova técnica mecânica de quantificação e repetição de outro, ao que parece vivemos hoje na fronteira entre tecnologias e culturas diferentes. Depois de cinco séculos de organização mecânica e homogeneidade, nos encontramos atualmente na era digital, que teria a velocidade, a conectividade e a simultaneidade como algumas de suas características principais.

Ao que tudo indica, vivemos agora, em pleno século XXI, período de transição semelhante ao do século XVI. O ritmo acelerado em que as mudanças acontecem atualmente, no entanto, parece ser inédito. A transição entre a cultura manuscrita e a tipografia, por exemplo, estendeu-se por um período de aproximadamente dois séculos. Foi apenas a partir do século XVII que se chegou à nítida caracterização da cultura tipográfica, que atingiu o seu auge no século XIX. A partir de 1905 teve início a era eletrônica. No momento, estamos transitando entre uma sociedade industrial e um mundo pós-industrial, processo que nos impõe alguns desafios:

“(…) quando se passou da sociedade rural à sociedade industrial, foram necessários muitos anos para que pudesse ser apreciado o núcleo da metamorfose que tinha se dado: nem Proudhon nem Owen, que era um proprietário de fábrica, falam de ‘sociedade industrial’. Só na segunda metade do século XIX se tomará consciência da totalidade da mudança: não apenas dos códigos, dos modos de produzir, ou da maneira de iluminar as cidades. Hoje nós somos igualmente lentos para compreender. Até porque a sociedade industrial veio depois de uma sociedade rural, que durou milênios, enquanto a sociedade pós-industrial chega somente depois de duzentos anos. É difícil acreditar que toda uma época histórica tenha se exaurido em apenas dois séculos. Alguns, como Alvin Toffler, se arriscam a considerar a sociedade

industrial como um simples e breve parêntese entre os milênios do mundo agrícola que a precederam e os milênios do mundo pós-industrial que a sucederão” (De Masi, 2000, pp. 66-67).

De acordo com inúmeros pensadores contemporâneos, passados mais de dois séculos da Revolução Industrial, estamos atravessando agora outro período de transformações fundamentais. Uma nova revolução, chamada por alguns de “Revolução Digital” (ver Neves, 2007; Nicolaci-da-Costa, 1998 e 2006a; Tapscott, 1998; Turkle, 1997; entre outros), parece ter potencial comparável àquele das maiores revoluções vividas pela humanidade. Tendo o seu expoente naquela que é talvez a maior inovação tecnológica surgida nos últimos tempos, a Internet, esta nova revolução vem trazendo transformações que vão muito além do que inicialmente poderia se supor, criando novas formas de pensar, sentir e se relacionar – com os outros e com o mundo.

Assim como aconteceu com a Revolução Industrial, a Revolução Digital vem trazendo mudanças definitivas para as nossas vidas. Passando pela organização política e econômica e chegando à organização do dia-a-dia e da subjetividade, todas as esferas da vida do homem estão sendo impactadas por esta nova revolução: uma nova civilização está nascendo, o que envolve uma nova maneira de viver (ver Toffler, 1990, 1994, 2001). É precisamente nas transformações de que estão sendo alvo o cotidiano e a organização subjetiva do homem que estou interessado.

Aparentemente, contudo, a maioria das pessoas ainda não compreendeu, de fato, a radicalidade do que está acontecendo em termos de mudança nos tempos atuais. Muitos seguem levando suas vidas sem perceber que algo grandioso, dramático e até mesmo épico está ocorrendo com todos nós, coletivamente: “ainda não nos convencemos de que somos testemunhas, atores e espectadores, da transição entre duas eras da história da humanidade” (Neves, 2007, p. 9).

As novas tecnologias têm sido o fator subjacente às transformações sociais na sociedade e, se uma coisa é certa, é o fato de que o impacto da tecnologia não se resume a seus aspectos econômicos. O seu efeito no próprio habitat social é muito mais desestruturante e profundo. Ao criar a máquina a vapor, James Watt certamente não imaginava que estava transformando a civilização em si. Olhando para trás, contudo, podemos afirmar que é precisamente este fato que torna tão revolucionária a sua invenção:

“Quem, no final desse século distante, poderia prever que uma invenção tecnológica – a da máquina a vapor – teria o poder de desencadear uma revolução de tal porte que alteraria não somente os meios de produção, mas também as formas de viver, de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmos, além das formas de sentir, de progressivas levas da população mundial?” (Nicolaci-da-Costa, 1997, p. 5).

Da mesma forma, os efeitos da revolução hoje em curso prometem não se limitar a aspectos meramente tecnológicos. Como Johann Gensfleisch Gutenberg e James Watt, muitos dos inventores da atualidade não pretendem remodelar nosso mundo por completo. No entanto, é exatamente isso o que estão fazendo.

Como destaca Castells (2000) ao escrever sobre a Revolução das Tecnologias da Informação, estamos vivendo agora um evento histórico tão importante quanto a Revolução Industrial do século XVIII. Para o autor, o momento que atravessamos introduz um padrão de descontinuidade nas bases materiais da cultura, da sociedade e da economia, o que, por sua vez, é extremamente importante para a avaliação de impactos psicológicos.

Tanto a Revolução Industrial quanto a Revolução Digital apresentam como características marcantes uma aceleração sem antecedentes históricos, o fato de atuar no processo central de todos os processos, a difusão por todo o sistema econômico e a penetração em todo o tecido social (Nicolaci-da-Costa, 2002). Por lidarem com aquilo de que a sociedade é feita – comunicação e informação –, as inovações tecnológicas com as quais lidamos nos dias de hoje parecem ter o poder de gerar mudanças muito mais profundas e velozes do que aquelas que acompanharam a Revolução Industrial no final do século XVIII e no século XIX.

O homem não apenas está produzindo mais, como está tendo sua experiência de vida afetada pelas novas tecnologias, que vêm se mostrando agentes de mudança social muito mais poderosos do que eram aquelas da primeira Revolução Industrial:

“O século XIX presenciou, atônito, as transformações geradas pela revolução industrial, que, quase que da noite para o dia (pelos padrões da época) fizeram com que o tecido social feudal, comunitário, se esgarçasse dando lugar a uma nova ordem – a do capitalismo – e a uma nova organização subjetiva – a do individualismo. Foi uma transformação rápida e radical que, se no início gerou problemas sociais e individuais sérios, terminou por lançar as bases da visão de mundo que imperou praticamente durante todo o século XX. Tomando a revolução industrial como parâmetro, o que podemos dizer a respeito desta outra revolução, agora cibernética, cuja rapidez excede em anos-luz todas

aquelas que a precederam? Quais são os novos modos de vida que estão por vir? O que acontecerá com os poderes políticos e econômicos vigentes? Quem deterá o poder num mundo sem fronteiras em que o tráfego de informações é ininterrupto, rápido, e, até o momento, em grande parte livre do controle e da censura de poderes centrais (aqueles que tantos pesadelos nos provocaram ao lermos o “1984” de George Orwell ou o “Admirável mundo novo” de Aldous Huxley)? O que acontecerá com a própria noção de poderes centrais, tão associados a fronteiras geográficas, políticas, econômicas e ideológicas? E, para colocar uma questão mais próxima dos nossos interesses, o que acontecerá conosco, nós que estamos vivendo tudo isso sem termos ideia de onde vamos chegar?” (Nicolaci-da-Costa, 1997)⁷.

O presente estudo surge como uma tentativa de encontrar respostas para estas e outras perguntas. Creio que as novas tecnologias digitais vêm alterando, e muito, a vida do homem, como fica claro quando fazemos uma rápida análise de alguns dos estudos já realizados sobre o assunto.

2.5 Conhecendo o homem do século XXI

Em artigo intitulado “Primeiros contornos de uma nova ‘configuração psíquica’”, Nicolaci-da-Costa (2005) compartilha com seus leitores algumas de suas observações a respeito do novo homem que vem emergindo a partir do contato com as tecnologias digitais. Coordenadora de uma equipe de pesquisa que vem estudando o tema desde meados da década de 1990, ela apresenta, no texto em questão, alguns dos principais resultados dos estudos desenvolvidos por ela e por seus orientandos ao longo de uma década, estudos estes que apontam curiosas tendências.

Entendendo a Internet como parte do conjunto de tecnologias que está tornando possível a emergência de uma nova “era”⁸ e considerando que, por ser um dos fatores que estão mudando a configuração social do nosso mundo, ela “evidentemente também vem tendo um importante papel nas mudanças que estão ocorrendo nos nossos comportamentos, nas nossas formas de ver o mundo, bem como de nos vermos nele, e, acima de tudo, nas nossas formas de ser” (Nicolaci-

⁷ Nicolaci-da-Costa, Ana Maria e cols., “A Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação”, Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 1997.

⁸ Chamada por muitos de pós-moderna (ver Harvey, 2002; Bauman, 1999 e 2001; e Sennett, 1999 e 2006, entre outros), esta “era” tem na globalização, na integração, na relativização, na agilidade, no imediatismo, na derrubada de fronteiras, no nomadismo, na extraterritorialidade, etc., algumas de suas características mais preponderantes.

da-Costa, 2005, p. 75), a professora começou a estudar a rede, e os impactos que esta traria para a vida de seus usuários, ainda nos seus primórdios.

De acordo com Nicolaci-da-Costa, os primeiros resultados de suas investigações a respeito dos impactos subjetivos da Internet sobre aqueles que dela estavam fazendo uso foram muito abrangentes. Segundo a autora, tais resultados deixavam claro que, mesmo nos primeiros momentos, a rede estava subvertendo expectativas e ocasionando alterações em quase todos os setores da experiência cotidiana de seus usuários (Nicolaci-da-Costa, 1998).

Ainda que estivessem utilizando a Internet há pouco tempo, novos conceitos – como, por exemplo, os de virtualidade, ciberespaço, tempo real, hipertexto, entre outros –, já haviam sido desenvolvidos por estes usuários, o que levava a uma nova interpretação da realidade. Como consequência, tais conceitos geravam importantes alterações em suas antigas concepções de tempo, realidade, espaço, escrita linear, etc., e alteravam sua maneira de pensar.

Para Nicolaci-da-Costa, era evidente que a nova lógica da rede – uma lógica de relativização, excessos, integração, agilidade, e expertise jovem – já havia sido devidamente absorvida e transportada para o mundo *offline*, o que, por sua vez, produzia marcantes alterações também nos modos de ser e de agir desses sujeitos.

Segundo a professora, o mesmo fenômeno podia ser percebido no que diz respeito a seus novos usos de linguagem, que incluíam a linguagem utilizada nos e-mails e nos programas de “chat” da época. Tais usos tinham como característica o enorme número de novos vocábulos que passaram a ser utilizados no linguajar cotidiano *offline*. O estilo objetivo, econômico, abreviado e, sobretudo, espontâneo da escrita na rede também parecia, de acordo com Nicolaci-da-Costa, cruzar a fronteira entre o virtual e o real.

No que concerne ao sensível tema “novos relacionamentos”, os resultados destes primeiros estudos eram, para ela, ainda mais reveladores. Eles mostravam como os chats estavam alterando a maneira de se conhecer pessoas; indicavam novas possibilidades para relacionamentos antigos; apontavam claramente para a possibilidade de os relacionamentos virtuais se tornarem íntimos e duradouros, subvertendo o modelo tradicional de construção da intimidade; e revelavam o quanto a escrita utilizada na rede estava se transformando em uma nova e importante fonte de autoajuda e de autoconhecimento. Nas palavras de Nicolaci-da-Costa, “em resumo, esses primeiros resultados revelavam um esboço do perfil de

um sujeito – o homem ou a mulher do século XXI – que pensa, age, sente, faz uso da linguagem, relaciona-se com os outros e consigo mesmo de modos que são muito diferentes dos de seus predecessores” (Nicolaci-da-Costa, 2005, p. 77).

A autora aponta que, a partir desses primeiros resultados, ficou ainda mais clara a necessidade de se conhecer de forma mais detalhada as características subjetivas do sujeito contemporâneo. Para ela, era imprescindível, ainda, que se travasse contato com os possíveis conflitos – internos e/ou externos – que poderiam vir a ser gerados quando estas novas e emergentes características começassem a entrar em choque com valores e características tradicionais. Com o intuito de buscar mais informações a respeito deste novo homem, inúmeras pesquisas, com focos diferentes e complementares, já foram realizadas pela equipe (ver Abreu, 2003; Costa, 2001; Di Luccio, 2006 e 2012; Leitão, 2003; Matos-Silva, 2011; Prange, 2003; Ramalho, 2005; Romão-Dias, 2001 e 2007; e Zaremba, 2001; entre outros).

Tais pesquisas apontam para o fato de que o homem do século XXI seria um sujeito que, entre outras coisas: está disposto a experimentar novas formas de ser; é multitarefa e faz diversas coisas ao mesmo tempo; é ágil e está em constante movimento (mesmo quando seu corpo está imóvel); por meio de sua escrita e não de seu corpo, habita vários espaços (muitas vezes simultaneamente); está tendo dificuldades para encontrar fórmulas para se proteger dos excessos gerados por sua constante mobilidade e exposição à diversidade; é flexível, adaptável, inquieto e ávido de novas experiências; e conhece poucos limites para seus desejos (Nicolaci-da-Costa, 2005).

Como se pode perceber, as ecologias cognitivas vivem atualmente um processo de reorganização extremamente rápido e irreversível e “sem uma compreensão dessa extensão das mudanças que vão sacudir nossas vidas com a intensidade de fenômenos cataclísmicos, torna-se muito mais difícil tomarmos medidas de preparação ou precaução” (Neves, 2007, p. 10). Vivemos tempos disruptivos. Assim, é essencial que nos conscientizemos de que transições abruptas estão se configurando e nos atingirão como ondas cada vez mais intensas de transformações.

Em oposição a alguns autores que possuem uma visão extremamente negativa a respeito das transformações vividas pela humanidade a partir da inserção de novas tecnologias em nosso cotidiano (ver, por exemplo, Baudrillard, 1997), penso que não devemos ignorar ou negar tais transformações e que é

importante estarmos atentos às mudanças que estão ocorrendo. Para isto, porém, não nos bastarão analogias a períodos similares anteriores. Novos métodos de estudo e análise se fazem necessários, sendo fundamental que sejamos capazes de olhar para o novo com novos olhos.

Por acreditar que vivemos um destes raros momentos em que um novo estilo de humanidade é inventado a partir do surgimento de uma nova tecnologia, me interessei por estudar o impacto que esta está tendo sobre o homem. Penso que devemos estar sempre atentos às transformações do nosso mundo e às consequências que estas acarretam para os sujeitos. Afinal, quando direcionamos nosso olhar para as questões contemporâneas, estamos criando modelos e instrumentos que nos permitirão compreender melhor os indivíduos que chegam a nós.

3 Tempos (pós)modernos

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança.

(Bauman, 1999, p. 8)

Segundo inúmeros analistas da pós-modernidade, vivemos um momento especial, em que características como progresso, verdade, objetividade, emancipação universal, sistemas únicos de leitura da realidade, grandes narrativas, teorias universalistas, fundamentos definitivos de explicação, barreiras, instituições sólidas, poder central, claras distinções entre público e privado, etc., características por eles atribuídas à modernidade, vão cada vez mais se tornando parte de uma velha realidade (Nicolaci-da-Costa, 2004a).

De acordo com Nicolaci-da-Costa (2004a), ainda que hoje possamos enxergar com mais clareza esta velha realidade, é bem provável que, em função da falta de um contraponto, sequer fôssemos capazes de percebê-la até pouco tempo atrás. Como diz a autora, “a vaga e confortável sensação de que o mundo em que vivíamos era estável (...) foi abalada pelos processos de mudança que deram a esse mesmo mundo suas feições pós-modernas” (Nicolaci-da-Costa, 2004a, p. 83).

Algumas regras deste novo momento parecem claras: imediatismo, fragmentação, relativização, fusões, rupturas de barreiras e fronteiras, descentralização, pequenos relatos e consumo. Ao que parece, vivemos agora em um mundo pautado por sua instabilidade e imprevisibilidade, um mundo cético, que não acredita na objetividade da verdade, das normas e da história. Ao contrário da modernidade, que parecia “pesada”, a pós-modernidade seria “leve”, ou “líquida”, sendo caracterizada por sua instantaneidade (Bauman, 2001).

Ao passo que, em função da clareza de suas regras, fronteiras e hierarquias, a modernidade era sólida, a pós-modernidade, com sua organização em redes, se caracteriza por sua fluidez. Inúmeras características do período moderno parecem estar em processo de extinção:

“No jogo da vida dos homens e mulheres pós-modernos, as regras do jogo não param de mudar no curso da disputa. A estratégia sensível, portanto, é manter curto cada jogo – de modo que um jogo da vida sensatamente disputado requer a desintegração de um jogo que tudo abarca, com prêmios enormes e dispendiosos, numa série de jogos estreitos e breves, que só os tenha pequenos e não demasiadamente preciosos” (Bauman, 1998, p. 113).

Como sugere Bauman (1998), manter o jogo curto pode ser compreendido como evitar assumir compromissos de longo prazo e não se fixar. O autor propõe que não devemos nos prender a um lugar, ou jurar lealdade a quem quer que seja, procurando “abolir o tempo em qualquer outra forma que não de um ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num presente contínuo” (Bauman, 1998, p. 113). O nome do jogo agora é mobilidade, e as pessoas devem ter a possibilidade de mudar sempre que necessário. Independência, liberdade e autonomia são aspectos extremamente valorizados e desejados por todos.

O nascimento e desenvolvimento do que Bauman denomina de um “terceiro espaço”, o espaço cibernético, viria favorecer esta mobilidade. Ao derrubar as distinções entre ‘aqui’ e ‘lá’, a rede mundial de informática garante que as pessoas não possam mais ser separadas por distâncias temporais ou obstáculos físicos.

Segundo o autor, atualmente todos nós estamos constantemente em movimento. Muitas pessoas se movem “fisicamente” ou “geograficamente”, seja viajando ou mudando de residência. Graças à Internet, porém, outras tantas viajam sem sequer precisar sair de casa. O fato é que a maior parte de nós está em movimento ainda que estejamos fisicamente parados, como é o caso quando, sentados no sofá de nossas casas, “zapeamos” pelas centenas de canais de TV a cabo ou via satélite, “saltando para dentro e para fora de espaços estrangeiros com uma velocidade muito superior à dos jatos supersônicos e foguetes interplanetários, sem ficar em lugar algum tempo suficiente para ser mais do que visitantes, para nos sentirmos em casa” (Bauman, 1999, p. 85).

Nos dias de hoje, a informação flui independentemente dos seus portadores. Para a elite da mobilidade, isto representa uma verdadeira libertação em relação ao “físico”. Jamais a reorganização dos corpos no espaço físico foi tão pouco necessária para que relações e significados sejam reordenados. As elites viajam no espaço mais rápido do que nunca.

Neste mundo novo, o mundo do ciberespaço, marcado pela aceleração do tempo, novas técnicas de organização e gestão dos serviços procuram encurtar os espaços que separam o fim das ações de seu início. Desta maneira, a racionalidade formal encontra novas expressões e um referencial que a transcende, erguido por uma concepção pós-burocrática, que, por sua vez, pode significar a minimização dos procedimentos, métodos e normas no mundo das relações sociais e econômicas.

Os procedimentos tradicionais parecem não encontrar mais lugar no tempo cada vez mais acelerado do espaço cibernético. A fluidez, a eficácia e a simplificação das tarefas tornam-se obrigatórias no tempo-espaço das novas realidades. O espaço mundial referenciado às distâncias é reduzido drasticamente pelo tempo cibernético, constituindo hoje um espaço global interconectado na imaterialidade e na instantaneidade das redes virtuais.

De acordo com Vergara e Vieira (2005), a nova ordem global, ordem esta projetada com intensidade maior a partir do final do século XX, teria exatamente na configuração tempo-espaço a sua mais importante variável. Como sugere David Harvey (2002), com o aumento da velocidade geral de movimento, bem como com a compressão do tempo-espaço, alguns objetos movimentam-se mais rapidamente do que outros.

Segundo Harvey, a história do capitalismo pode ser caracterizada tanto por uma grande aceleração do ritmo da vida, quanto pelo rompimento de barreiras espaciais, de forma que às vezes temos a sensação de que o mundo encolheu sobre nós. A redução do tempo de viagem a zero, por sua vez, aniquila qualquer restrição espacial.

“À medida que o espaço parece encolher numa ‘aldeia global’ de telecomunicações e numa ‘espaçonave terra’ de interdependências ecológicas e econômicas – para usar apenas duas imagens corriqueiras –, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal” (Harvey, 2002, p. 219).

As novas organizações globais definitivamente romperam os limites do tempo que, na era da industrialização mecânica, lhes eram impostos pelas distâncias e pelas tecnologias da informação disponíveis. As noções de tempo-espaço na nova economia sofreriam profundas alterações a partir da revolução da microeletrônica,

que teve seu início na década de 1970 e chegou aos anos 90 como alta tecnologia. O espaço sofreu uma grande contração em função da nova velocidade com que os fluxos de decisões e demandas passaram a mover-se pelo ciberespaço. O tempo instantâneo dos computadores, novo signo de tempo, fez com que os lugares de produção, de distribuição, de consumo e de decisão se aproximassem, alterando, assim, as questões relativas a poder (Vergara e Vieira, 2005).

No mundo em que vivemos, a distância vem, de fato, perdendo cada vez mais a importância. Ao que parece, ela existe apenas para ser anulada. Definitivamente, o espaço não constitui mais um obstáculo, sendo conquistado em uma fração de segundo. As fronteiras naturais foram derrubadas e onde quer que nos encontremos em um determinado momento, sabemos que poderíamos estar em qualquer outro lugar. Nas palavras proféticas de Pascal, “vivemos num estranho círculo cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma” (Bauman, 1999, p. 85).

Segundo Bauman (1999), o encolhimento do espaço, por sua vez, acaba por abolir o fluxo do tempo. Diz ele que, na conquista do espaço, o tempo precisava ser maleável e flexível, devendo poder “encolher” em função da capacidade cada vez maior de devorar o primeiro. No momento, contudo, em que se fazia necessária a domesticação, colonização e fortificação do espaço conquistado, o tempo precisava ser uniforme, inflexível e rígido. O espaço só podia ser “possuído” uma vez que fosse controlado, e este controle implicava a neutralização do dinamismo interno do tempo, ou seja, pedia sua coordenação e uniformidade.

O autor sugere que existem hoje dois mundos extremamente diferentes, mundos estes criados pela nova hierarquia da mobilidade. No mundo dos globalmente móveis, ao qual ele dá o nome de Primeiro Mundo, o espaço é facilmente transposto, seja em sua versão “virtual” ou em sua versão “real”, tendo perdido, portanto, sua qualidade restritiva. Já para o mundo da “localidade amarrada”, o Segundo Mundo, habitado por aqueles que, por se encontrarem impedidos de se mover, estão fadados a aceitar de forma passiva quaisquer transformações que venham a afetar o local a que se encontram presos, o espaço real vem se fechando a passos rápidos.

Ainda de acordo com Bauman (1999), os habitantes do Primeiro Mundo vivem em um eterno presente, transitando por uma série de acontecimentos completamente separados tanto do seu passado quanto do seu futuro. Enquanto a carga da abundância de tempo não preenchido e redundante – um tempo em que

nada acontece – esmaga os moradores do mundo oposto, como os momentos no Primeiro Mundo não são extensíveis, nele todos parecem estar sempre sem tempo e ocupados.

O autor defende a tese de que, ao passo que os habitantes do Segundo Mundo vivem no espaço – um espaço intocável, pesado e resistente, que amarra o tempo e faz com que este esteja fora de seu controle –, para os do Primeiro Mundo o espaço não tem importância. Eles podem transpor instantaneamente qualquer distância. Os habitantes do Primeiro Mundo vivem no tempo:

“Quando eu era criança (e isso aconteceu em outro tempo e em outro espaço) não era incomum ouvir a pergunta ‘Quão longe é daqui até lá?’ respondida por um ‘Mais ou menos uma hora, ou um pouco menos se você caminhar rápido’. (...) Hoje em dia, pode-se ouvir ocasionalmente essas respostas. Mas serão normalmente precedidas por uma solicitação para ser mais específico: ‘Você vai de carro ou a pé?’” (Bauman, 2001, p. 127-128).

Como nos diz Bauman (2001), “tarde” e “longe”, bem como “cedo” e “perto”, davam uma ideia do tamanho do esforço que deveria ser feito para que um homem percorresse uma determinada distância – fosse arando, semeando ou caminhando. Caso pedíssemos às pessoas para que explicassem o que entendiam por “tempo” e “espaço”, elas talvez dissessem que “tempo” é aquilo de que precisamos para percorrer um determinado espaço, e que “espaço” é aquilo que pode ser percorrido em certo tempo.

A maneira como entendíamos isto que hoje chamamos de “tempo” e “espaço” era precisa o suficiente para as nossas necessidades. Afinal, os limites, então, eram estabelecidos pelo esforço feito pelo que Bauman denomina de “wetware” – os humanos, os bois e os cavalos. Afinal, como sugere o autor, um par de pernas humanas sempre será diferente de outros, mas o fato de substituímos um par por outro não representaria uma diferença grande o suficiente para tornar necessárias outras medidas além da capacidade dos músculos humanos.

Para Vergara e Vieira (2005), o tempo marca a sucessão dos acontecimentos ligados aos espaços criados, servindo como uma simbologia humana para registrar as sucessões: “dias e noites, anos, séculos e milênios, as eras, a modernidade e a pós-modernidade, tudo se relaciona com a sucessão, o acontecimento dinâmico, a vida e a morte” (Vergara e Vieira, 2005, p. 105).

Segundo Bauman (2001), a história do tempo foi inaugurada pela modernidade. Na verdade, para o autor, mais do que qualquer outra coisa, a modernidade é a história do tempo. Ele defende ter sido a construção de veículos que se moviam mais rápido do que as pernas humanas ou dos animais, veículos que podem ser tornados cada vez mais velozes, que fez com que os soberanos espaço e tempo tivessem que se encarar.

Ao permitir que distâncias cada vez maiores pudessem ser atravessadas em cada vez menos tempo, os meios de transporte não-animais e não-humanos fizeram com que o tempo necessário para viajar deixasse de estar atrelado à distância a ser percorrida e ao inflexível, e impossível de esticar, “wetware”.

O tempo se torna agora um atributo do “hardware”, que pode ser inventado, apropriado, construído e controlado. Assim, o tempo não está mais preso aos poderes da água e do vento, totalmente indiferentes à ação do homem, tornando-se um fator independente dos mares e das massas de terra. Por poder ser manipulado e mudado, o tempo se torna o parceiro dinâmico do casamento tempo-espaço.

Sem substância e instantâneo, o tempo do mundo do “software” é, segundo Bauman (2001), um tempo inconsequente. A ideia de realização imediata significaria, também, ainda de acordo com o autor, a exaustão e o desaparecimento do interesse. A distância entre o início e o fim de qualquer evento vem se extinguindo, e hoje parece haver apenas momentos:

“Lapsos de tempo rotulados de ‘futuro’ encurtam, e a duração da vida como um todo é fatiada em episódios considerados ‘um de cada vez’. A continuidade não é mais marca de aperfeiçoamento. A natureza outrora cumulativa e de longo prazo do progresso está cedendo lugar a demandas dirigidas a cada episódio em separado: o mérito de cada episódio deve ser revelado e consumido inteiramente antes mesmo que ele termine e que o próximo comece. Numa vida guiada pelo preceito da flexibilidade, as estratégias e planos de vida só podem ser de curto prazo” (Bauman, 2001, p. 158).

Ao que parece, nos dias de hoje o futuro está, de fato, cada vez mais próximo e o presente cada vez mais curto. De acordo com Vergara e Vieira (2005), este fenômeno social teria sua origem na velocidade da inovação, das técnicas e da ação do sujeito e do significado do objeto. Para os autores, em nenhum outro momento da história a relação entre o passado, o presente e o futuro foi tão dinâmica quanto nos dias de hoje. Segundo eles, o presente nos escapa das mãos, sendo cada vez mais efêmero. Esta efemeridade estaria diretamente ligada às

mudanças no consumo cultural, social e econômico, sendo as rápidas transformações no comportamento fruto da impressão de que tudo parece ser e não ser em lapsos muito curtos de tempo.

Se, na vida cultural e social, é possível observar uma transição dos movimentos mais lentos da modernidade, que se extingue aos poucos, para a velocidade característica da nova realidade, no que diz respeito ao domínio econômico, em particular, a introdução da flexibilidade intensificou a procura por modelos pós-burocráticos de organização. Novos modelos de estruturas organizacionais ganham força com suporte nas tecnologias eletrônicas (Vergara e Vieira, 2005).

O tempo parece ser uma variável essencial na transição de um modelo industrial de produção clássico para outro de flexibilidade produtiva. Nas palavras de Vergara e Vieira, “é essa característica, em que o tempo-espaço se torna um paradigma de definição, que deixa para trás a modernidade industrial mecânica, carregada de estruturas burocratizadas, e introduz a nova modernidade – pós-industrial – da flexibilidade” (Vergara e Vieira, 2005, p. 113).

Para Richard Sennett (1999), outro autor que vem se dedicando ao estudo da pós-modernidade, a flexibilidade e a instantaneidade características do “novo capitalismo flexível” – como ele chama o momento que estamos vivendo – impõe algumas importantes questões sobre o caráter: como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojatadas? Como se podem buscar metas de longo prazo em uma economia dedicada ao curto prazo? Como decidimos o que tem valor duradouro em nós em uma sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato?

Segundo o autor, para sobreviver ao momento atual, é preciso possuir um traço de caráter específico e uma personalidade capaz de abrir mão das experiências vividas. Ele sugere que três desafios devem ser enfrentados pelos seres humanos que desejam prosperar no atual cenário instável e fragmentário: como desenvolver novas capacitações a partir das exigências da realidade, valorizando o talento; como deixar o passado para trás, desenvolvendo a capacidade de abrir mão; e como lidar com o tempo e cuidar de relações de curto prazo. Na visão do autor, é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade, pois as pessoas não sabem que caminho seguir e quais riscos serão compensados:

“Hoje, a economia moderna parece cheia apenas dessa energia instável, em decorrência da disseminação global da produção, dos mercados e das finanças e do advento de novas tecnologias. E, no entanto, aqueles que hoje estão empenhados em promover a mudança sustentam que não estamos mergulhados em mais turbulências, e sim vivendo uma nova página da história” (Sennett, 2006, p. 24).

Se, de fato, estamos vivendo uma nova página da história, é importante que procuremos tentar compreender o que está por trás de mudanças tão fundamentais. Jornalistas e líderes empresariais costumam dar destaque ao mercado global e ao uso de novas tecnologias como as características que distinguem o capitalismo da nossa época. Muitas vezes, porém, não levam em conta outra importante dimensão da mudança: novas maneiras de organizar o tempo. É exatamente sobre os impactos causados pela entrada em cena de novas tecnologias, e sobre as transformações que estas trouxeram para o conceito de tempo, que falaremos a seguir.

3.1 A era da velocidade

Mudanças sempre aconteceram e é muito provável que não exista um momento em que não tenha havido uma transição. Nem todas as épocas, contudo, mudam com a mesma velocidade ou intensidade. Como diz Domenico de Masi (2000), por vezes temos a impressão de que, em dez anos, se faz mais história do que em um século. Nas palavras do autor, “Ennio Flaiano dizia: ‘Estamos numa fase de transição. Como sempre.’ (...) Em determinados momentos, temos a sensação de que se trata de uma mudança de época. Porém, não é apenas um fator da História que muda, mas é todo o paradigma – com base no qual os homens vivem – que se altera” (De Masi, 2000, p. 20).

Como vimos no capítulo anterior, a era industrial, por exemplo, viria gerar profundos impactos sobre o homem. Foi durante a Revolução Industrial que a segmentação do tempo tornou-se um estilo de vida. Naquele momento, o mundo passou a funcionar em marcha acelerada. Antes do surgimento da máquina a vapor, era impossível ao homem alcançar velocidades superiores à de um veleiro

empurrado pela força do vento ou à do galope de um cavalo. Os motores, contudo, mudariam radicalmente a história.

A partir de então, o simples ato de acionar um interruptor tornava possível a pessoas, objetos e informações viajar grandes distâncias em velocidade até então inimaginável. O primeiro trem de passageiros movido a vapor mereceu vinte e uma salvas de canhão e foi saudado por quarenta mil pessoas ao completar sua viagem inaugural em 1825, em Yorkshire, na Inglaterra. Uma fábrica poderia produzir, em um único dia, mais bens do que um artesão ao longo de toda sua vida. Esta inédita rapidez prometia grande prosperidade (Honoré, 2005).

A velocidade era o principal alimento do capitalismo industrial, que a recompensava como jamais havia feito antes. Vencia a guerra da concorrência a firma que mais rapidamente produzisse e colocasse no mercado os seus produtos. Quanto mais cedo o capital fosse convertido em lucro, mais cedo ele poderia ser reinvestido para gerar ganhos ainda maiores. Não por coincidência, a expressão “ganhar dinheiro rápido” passou a fazer parte do dia-a-dia do homem no século XIX.

Cunhada por Benjamin Franklin em 1748, no alvorecer da era industrial, outra expressão que se tornou famosa saudou o casamento da pressa com o lucro: “tempo é dinheiro”. Nenhum outro enunciado poderia resumir de forma mais clara a nova realidade, em que os trabalhadores passaram a ser pagos por hora de trabalho ao invés de receberem pelo que produziam.

Levando-se em conta que agora cada minuto valia dinheiro, as empresas não podiam mais fugir de uma corrida sem fim para agilizar a produção. Quanto mais se produzisse por hora, mais dinheiro se ganhava. De forma a bater a concorrência, a regra era se tornar cada vez mais eficiente, o que exigia um processo de aperfeiçoamento contínuo. Neste ponto, o acesso às mais novas tecnologias podia gerar grandes vantagens competitivas.

Outra característica marcante da era industrial, a urbanização foi um fator que contribuiu para acelerar ainda mais o passo. Pessoas dinâmicas e ativas eram atraídas pelas cidades, e a própria vida urbana funcionava, e ainda funciona, como um enorme acelerador de partículas. Uma vez que se mudavam para os grandes centros urbanos, as pessoas passavam a fazer tudo mais depressa:

“Em 1871, um morador anônimo da capital britânica anotou em seu diário: ‘O desgaste dos nervos e a descarga mental em Londres são enormes. O londrino vive depressa. Em Londres, o homem se desgasta, em outros lugares, se

embota. (...) A mente está constantemente tensionada, ante a rápida sucessão de novas imagens, novas pessoas e novas sensações. Todos os negócios são feitos em ritmo acelerado. A compra e a venda, a contagem e a pesagem e até mesmo a conversa no balcão, tudo é feito com rapidez e gestos concisos. (...) Os lentos e enfadonhos logo verificam que não têm oportunidade; e, passado algum tempo, como um cavalo vagaroso numa carruagem rápida, ganham um ritmo até então desconhecido” (Honoré, 2005, p. 37).

Enquanto os processos de urbanização e de industrialização se disseminavam, o século XIX acompanhou um verdadeiro desfile de inovações pensadas para tornar viagens, trabalho e comunicação mais rápidos. A maior parte das mil e quinhentas máquinas registradas no Escritório de Patentes dos Estados Unidos em 1850 tinha o propósito de acelerar a velocidade e economizar tempo e trabalho.

A primeira linha do metrô londrino foi inaugurada em 1863; Berlim deu a partida em seu primeiro bonde elétrico em 1879; a Otis lançou a primeira escada rolante em 1900. Em 1913, saíam da primeira linha de montagem do mundo os automóveis Ford modelo T. As comunicações também ganharam velocidade com o início das operações do telégrafo em 1837, seguido pelo primeiro cabo transatlântico em 1866 e, dez anos depois, pelo telefone e o rádio sem fio (Honoré, 2005).

Nenhuma destas novas tecnologias, contudo, poderia ser utilizada de forma plena sem um preciso controle do tempo. Assim, o relógio passou a ser considerado verdadeiramente o sistema operacional do capitalismo moderno, tornando cronometragem, turnos de trabalho, processos de fabricação, reuniões, prazos, contratos, transporte e todo o resto possível.

Mesmo antes do surgimento dos relógios, porém, a humanidade sempre esteve, de certa forma, escravizada ao tempo. Sentia sua presença e sua força, mas nunca soube muito bem como definir o que, ainda hoje, é um conceito de difícil apreensão. Talvez como uma tentativa de “controlar” o tempo, todas as sociedades desenvolveram estratégias e métodos para medir a sua passagem. A própria sobrevivência se tornou um dos principais estímulos para que o tempo fosse marcado, visto que os calendários eram utilizados pelas antigas civilizações com o objetivo de decidir a melhor época para plantar e para colher.

Arqueólogos defendem a ideia de que, mais de vinte mil anos atrás, os caçadores da era glacial da Europa entalhavam buracos e linhas em ossos e varetas com o objetivo de contar os dias entre as fases lunares. Sumérios e

abilônios, egípcios e chineses, maias e astecas, ou seja, todas as grandes culturas do mundo antigo, criaram seus calendários próprios. A imprensa tipográfica criada por Gutenberg, destacada no capítulo anterior, teve no “Calendário de 1448” um de seus primeiros documentos.

Uma vez que nossos antepassados aprenderam a marcar os anos, os meses e os dias, a etapa seguinte consistiu em dividir o tempo em unidades ainda menores. Um dos mais antigos instrumentos para dividir o dia em partes iguais que chegaram até nós foi um quadrante solar egípcio de 1500 a.C.. Os primeiros ‘relógios’ consistiam em instrumentos para medir o tempo que a água ou a areia levava para passar por um buraco, ou o tempo de combustão de uma vela ou de um prato de óleo.

A invenção do relógio mecânico, no século XIII, na Europa, fez com que o controle do tempo desse um grande salto à frente. Horas, minutos e segundos já podiam ser cronometrados com precisão ao final do século XVII.

Desde o início, porém, ficou claro que a demarcação do tempo poderia se tornar uma faca de dois gumes. Se, por um lado, o estabelecimento de horários possibilita a qualquer pessoa se tornar mais eficiente, do agricultor ao engenheiro de computação, por outro, acaba fazendo com que todos se tornem escravos deles. Horários representam prazos, e estes, inevitavelmente, nos obrigam a acelerar o passo. Como diz um provérbio italiano: “o homem mede o tempo, e o tempo mede o homem”.

Como sugere Zarifian (2002), o tempo “especializado”, aquele marcado pelos calendários e medido pelos relógios, adquiriu um lugar inédito em nossas sociedades modernas. Enquanto para uns a sistematização do tempo, controlada pela objetividade das técnicas, contribuía para uma organização disciplinar, para outros, essa organização trazia a opressão e justificava a transgressão.

Por tornarem possível o estabelecimento de programações e horários diários, ao mesmo tempo em que prometiam uma maior eficiência, os relógios geravam um controle mais estrito. Os primeiros sistemas utilizados para o controle do tempo, contudo, não eram confiáveis o suficiente para exercer o domínio que o relógio hoje exerce sobre a humanidade. Os quadrantes solares não podiam operar à noite ou se o tempo estivesse ruim, e, dependendo do grau de inclinação da Terra, a duração de uma hora por eles aferida variava de um dia para o outro. O relógio

d’água e a ampulheta, ideais para cronometrar um ato específico, não informavam a hora do dia.

“Por que será que tantos duelos, batalhas e outros fatos históricos aconteciam ao alvorecer? Não porque nossos antepassados gostassem de acordar cedo, mas porque o nascer do sol era o único momento que todos eram capazes de identificar e escolher de comum acordo. Na ausência de relógios precisos, a vida era determinada pelo que os sociólogos chamam de tempo natural” (Honoré, 2005, p. 33).

Como sugere a passagem acima, as pessoas realizavam suas atividades diárias não de acordo com o que dizia um relógio de pulso, mas quando sentiam que havia chegado o momento. Dormiam quando tinham sono, comiam quando sentiam fome... Apesar disso, marcar hora era algo que, desde muito cedo, caminhava lado a lado com a definição das tarefas pessoais.

Segundo Carl Honoré (2005), já no século VI, os monges beneditinos cumpriam uma rotina diária que encheria de orgulho um moderno gestor do tempo. Fazendo uso de relógios primitivos, eles tocavam os sinos a intervalos determinados durante o dia e à noite. Com isto, lembravam uns aos outros de realizar suas tarefas, que incluíam orações, estudo, agricultura, descanso, e mais orações.

No momento em que começaram a surgir nas praças das cidades de toda Europa os relógios mecânicos, a distinção entre manter o controle e marcar as horas diminuiu ainda mais. Pode ser citado como exemplo o caso da cidade alemã de Colônia, que, de acordo com os registros históricos, teve um relógio público instalado por volta de 1370.

Conta a história que, em 1374, passou a ser adotado na cidade um regulamento que estabelecia o início e o fim da jornada dos trabalhadores, bem como limitava seu horário de almoço a não mais do que uma hora. O toque de recolher para visitantes estrangeiros foi imposto em 1391, e estes teriam que se recolher às 21h (20h no inverno). Em 1398, tal medida foi seguida por um toque de recolher geral às 23h.

Pode-se perceber que, em pouco mais de vinte anos, os habitantes de Colônia saíram do estado de jamais saber ao certo que horas eram ao de deixar que o relógio estabelecesse o tempo que podiam demorar no almoço, quando deviam trabalhar e quando deviam voltar para casa à noite. O tempo natural começava a perder a batalha contra o tempo do relógio.

Há quem diga que o relógio foi a principal máquina da Revolução Industrial. Apenas no final do século XIX, porém, com o estabelecimento do tempo padrão, seu potencial seria totalmente libertado. Até aquele momento, cada cidade marcava as horas pelo meridiano solar – momento em que o Sol parece estar acima das nossas cabeças e em que as sombras desaparecem. Com isto, a demarcação dos horários locais vivia uma espécie de anarquia.

Até o início da década de 1880, Baton Rouge, localizada cento e trinta quilômetros a oeste de Nova Orleans, estava vinte e três minutos à frente desta. Em uma época em que ninguém conseguia viajar a uma velocidade superior a de um cavalo, absurdos como este não causavam grandes problemas. Uma vez que os trens passaram a atravessar a paisagem com mais rapidez, porém, eles começaram a ser notados.

Com o intuito de tornar os horários dos transportes ferroviários eficientes, os países passaram a buscar formas de harmonizar os seus relógios. No ano de 1855, o horário transmitido por telégrafo do Observatório Real de Greenwich passou a ser adotado pela maior parte da Grã-Bretanha. Pouco menos de trinta anos depois, em 1884, Greenwich foi reconhecido por vinte e sete países como meridiano de referência, o que acabou levando ao estabelecimento do horário padrão mundial. Chegando a 1911, a mesma hora já era seguida pela maior parte do mundo.

Não foi fácil, contudo, fazer com que aqueles primeiros operários vivessem de acordo com o relógio. Eles estavam acostumados a trabalhar no seu próprio ritmo, paravam quando bem entendiam e muitas vezes sequer apareciam no trabalho – um grande pesadelo para os patrões, que agora pagavam salário por hora.

Com o objetivo de ensinar aos trabalhadores a nova disciplina horária que o capitalismo moderno exigia, as classes dominantes passaram a tratar a pontualidade como uma virtude moral e um verdadeiro dever cívico. A morosidade e o atraso passaram a ser vistos como pecados capitais:

“Em seu catálogo de 1891, a Electric Signal Clock Company advertia para os males da incapacidade de se manter no devido ritmo: ‘Se existe uma virtude a ser cultivada mais que qualquer outra por aquele que pretende ter êxito na vida, é a pontualidade: se existe um erro a ser evitado, é o atraso.’ Um dos relógios fabricados por esta empresa, muito apropriadamente chamado de Autocrata, prometia ‘mudar radicalmente os desgarrados e as pessoas que se atrasam’” (Honoré, 2005, p. 39).

A pontualidade ganharia, em 1876, um aliado de peso: foi neste ano que os primeiros despertadores chegaram ao mercado. Não demorou muito, também, para que as fábricas começassem a instalar relógios de ponto que deveriam ser acionados pelos trabalhadores ao chegar e ao sair do trabalho, tornando o princípio do ‘tempo é dinheiro’ um ritual diário. Conforme a pressão para contabilizar cada segundo aumentava, o relógio portátil se tornava, cada vez mais, um grande símbolo de status.

O movimento em prol da pontualidade contou com a adesão das escolas, e entre as lições do manual McGuffey, edição de 1881, as crianças eram advertidas em relação às consequências sinistras do atraso: execuções por engano, amores contrariados, derrotas militares, colisões de trens, falências de empresas: “é sempre assim na vida: os planos mais meticulosamente traçados, as questões mais importantes, o destino dos indivíduos, a honra, a felicidade e a própria vida são diariamente sacrificados porque alguém está atrasado” (Honoré, 2005, p. 40).

Como argumenta Zarifian (2002), a disciplina do tempo espacializado nasce sobre o fundo da autodisciplina. Na visão do autor, caso as sociedades modernas não houvessem desenvolvido uma forte autodisciplina de respeito ao tempo, transmitida às crianças de forma muito parecida ao aprendizado da linguagem, o capitalismo industrial poderia ter encontrado muitas dificuldades para fazer valer suas regras.

Ao passo que o relógio aumentava o seu controle e as novas tecnologias possibilitavam que tudo fosse feito mais rapidamente, contudo, o açodamento e a pressa passaram a estar presentes em todos os momentos da vida. Era esperado de cada pessoa que lesse, escrevesse, pensasse, se movesse, comesse e trabalhasse mais depressa. Em 1880, Nietzsche identificava uma cultura cada vez mais disseminada da pressa, de uma indecente e transpirante afobação, que pretende que ‘tudo seja feito’ imediatamente.

É importante ressaltar que os intelectuais da época começaram a se dar conta de que a tecnologia nos moldava tanto quanto nós a ela. Como relata Honoré (2005), em 1910, o historiador Herbert Casson sugeriu que “com o uso do telefone, surgiram novos hábitos mentais. A disposição para a calma e a indolência foi eliminada (...) a vida tornou-se mais tensa, intensa e animada” (Honoré, 2005, p. 40).

Podemos supor que Casson provavelmente não ficaria surpreso caso soubesse que o fato de uma pessoa passar longas horas trabalhando em computadores pode deixá-la impaciente com qualquer um que não seja capaz de dar respostas na mesma velocidade dos programas de informática. É precisamente o culto da velocidade, e suas possíveis consequências, o tema central do próximo bloco.

3.2 A doença do tempo

O fato de o mundo estar mudando não chega a ser algo muito surpreendente, afinal, o mundo sempre mudou. A novidade, portanto, não é a mudança do mundo, mas sim a velocidade com que ela vem acontecendo nos dias de hoje. Para alguns, este é um fato sem precedentes em toda a história da humanidade, chegando, inclusive, a alterar o nosso conceito de tempo.

Em função disto, ao que parece, a cada dia que passa nos levantamos mais cedo e vamos nos deitar mais tarde, sempre com a impressão de que o tempo não é suficiente e de que precisamos dormir menos. A sensação de muitos é de que existe a necessidade de se estar em estado de vigília o tempo inteiro. Nas palavras de Mario Sergio Cortella (2010), “velocidade, mudança, alteração – tudo é fast. Fast-food, drive-thru, lava-rápido. Você lavaria seu carro em um lava-lerdo? Por que não? Onde está aquele ditado que diz que ‘a pressa é inimiga da perfeição’? E aquele que diz que ‘devagar se vai ao longe’?” (Cortella, 2010, p. 81).

Cortella (2010) argumenta que nos dias de hoje a velocidade é tamanha que mudou, entre outras coisas, a nossa compreensão do conceito de geração:

“Há vinte anos, choque de gerações era entre pais e filhos. Aliás, considerava-se geração um tempo de 25 anos, porque supostamente por volta dessa idade a pessoa teria um descendente e aí viria uma outra geração. Hoje, choque de gerações é imediato. Um jovem de 28 anos é considerado ultrapassado pela moça de 26 anos e ambos são vistos como ultrapassados pelo rapaz de 22. Eles não cortam o cabelo do mesmo jeito, não apreciam o mesmo gênero musical e não usam o mesmo tipo de roupa. Quando criança, eu usava o termo ‘antigamente’ para me referir a gregos e romanos. Já esses jovens falam ‘antigamente’ em relação a fatos que não ultrapassam duas décadas” (Cortella, 2010, p. 81).

Carl Honoré – autor de um livro intitulado “Devagar”, nome que parece sintomático nos dias de hoje – é outro que compartilha sua preocupação com o ritmo acelerado em que estamos vivendo. Para Honoré, fomos todos apanhados nesta vertigem, e nossas vidas se transformaram em uma verdadeira corrida de obstáculos. Nos sentimos forçados a aproveitar cada migalha de tempo, buscando sempre encaixar mais e mais coisas em cada hora do dia.

De acordo com o autor, o mundo inteiro está mergulhado em um culto à velocidade e sofre com o que poderíamos chamar de “doença do tempo”, expressão cunhada em 1982 pelo médico americano Larry Dorsey que se refere à suposição de que “o tempo está fugindo, vai acabar faltando e é preciso estar sempre pedalando cada vez mais rápido para não perder o trem” (Honoré, 2005, p. 13).

Segundo Honoré, os primeiros anos do século XXI estão colocando uma enorme pressão sobre todos para irem mais depressa. De forma a ilustrar a necessidade de acelerar o passo, ele cita Klaus Schwab, fundador e presidente do Fórum Econômico Mundial, segundo quem “estamos passando de um mundo em que o grande come o pequeno para outro em que o rápido come o lento” (Honoré, 2005, p. 14).

Ao que parece, no mundo de hoje, estamos o tempo todo correndo contra o relógio. A regra é economizar tempo e maximizar a eficiência. Caso continuemos no ritmo atual, contudo, a tendência é que o culto da velocidade se torne cada vez pior. Afinal, quando todos escolhem a alternativa mais rápida, a vantagem de andar depressa deixa de existir, e todos se veem na obrigação de acelerar ainda mais.

Como destacam Vergara e Vieira (2005), existe, de forma cada vez mais acentuada, a expectativa em relação ao próximo evento e assim que este chega, é logo desprestigiado por uma nova expectativa. Segundo os autores, o tempo acaba por ganhar novos atributos no que diz respeito a sua duração, determinação e efeitos sociais. Para eles, a ansiedade pelo novo levanta a questão do padrão humano de existência.

Por conta disto, muito já teria sido destruído. Não sabemos mais como saborear a expectativa de esperar para que algo aconteça, bem como não conseguimos aproveitar quando este momento enfim chega. Podemos citar como exemplo as pessoas que pagam a conta e chamam um táxi enquanto ainda estão comendo a sobremesa em um restaurante, e os torcedores que saem dos estádios antes do término da partida, independentemente do placar, para fugir do trânsito.

Apesar de ser facilmente percebida nos dias de hoje, a cultura da pressa marcava importantes pontos já no final do século XIX, graças a um pioneiro da consultoria de gerenciamento chamado Frederick Taylor.

Contratado para gerenciar o trabalho dos operários da Fábrica de Aço de Bethlehem, na Pensilvânia, Taylor fazia uso de um cronômetro e de uma régua de cálculo de forma a determinar quanto tempo deveria levar cada tarefa, com precisão de fração de segundos, para, em seguida, programá-las com o objetivo de alcançar o máximo de eficiência possível.

Embora seu trabalho seja reconhecido em todo o mundo, Taylor não foi totalmente bem sucedido ao tentar colocar em prática o seu método de “gerenciamento científico”. Na Fábrica de Aço de Betlehem, ele conseguiu fazer com que um operário tivesse um desempenho quatro vezes superior à média dos demais. Apesar disto, muitos outros pediram demissão por estarem se sentindo estressados e fadigados.

Polêmicas à parte, a influência de Taylor se mostraria decisiva para a construção do conceito clássico de produtividade do trabalho: “uma diminuição do tempo socialmente necessário para produzir uma unidade de mercadoria, conceito operacionalizado nos instrumentos de medida do débito ou do rendimento de cada posto” (Zarifian, 2002, p. 8).

Taylor acabou sendo demitido no ano de 1901, mas, ainda que tenha passado seus últimos anos de vida em relativo ostracismo, o seu credo de “primeiro o horário, depois o homem”, deixou uma inquestionável marca na psique ocidental. E isto não vale apenas para os locais de trabalho. Como destaca o jornalista Michael Schwartz, que produziu, em 1999, um documentário para a TV sobre o taylorismo: “Taylor pode ter morrido na infâmia, mas provavelmente riu por último, pois suas ideias sobre a eficiência passaram a definir a maneira como vivemos hoje, não apenas no trabalho, mas também em nossa vida pessoal” (Honoré, 2005, p. 41).

A este respeito, Honoré (2005) menciona o que batizou de “maldição das tarefas múltiplas”, chamando atenção para o fato de que, apesar de parecer muito moderno, eficiente e inteligente, fazer duas coisas ao mesmo tempo muitas vezes significa fazer duas coisas não muito bem: “como tantas pessoas, eu lia o jornal enquanto via televisão – para me dar conta de que assim extraía menos de ambos” (Honoré, 2005, p. 23).

O conceito de “multitarefa simultânea”, por sinal, foi tema de um recente estudo desenvolvido por Nicolaci-da-Costa (2011), estudo este que teve seus principais resultados apresentados no artigo intitulado “Tudo ao Mesmo Tempo: Realidade ou Ilusão?” (Nicolaci-da-Costa, 2011). A partir da análise da fala de jovens estudantes com idades variando entre 18 e 25 anos, a autora sugere que está sendo criado um novo conceito de “simultaneidade”, que, por sua vez, possibilita o discurso das “multitarefas simultâneas”.

De acordo com Nicolaci-da-Costa (2011), o que torna possível a realização de várias atividades “ao mesmo tempo” é a estratégia utilizada por estes jovens de alternar entre uma tarefa e outra. Segundo ela, porém, eles próprios parecem não ter consciência de que a utilizam, provavelmente por três motivos: “(a) a confusão existente no que diz respeito ao significado de multitarefa, (b) a mitologia de poderes especiais da chamada geração multi e (c) uma nova concepção de simultaneidade que incorpora à capacidade humana de dividir a atenção a capacidade do computador de simular a execução de várias tarefas alternadas como simultâneas” (Nicolaci-da-Costa, 2011, p. 611).

Na visão da autora, entre outros fatores, o discurso da mídia é um dos principais responsáveis por passar aos jovens a ideia de que eles possuem “superpoderes”, levando-os a acreditar que são, de fato, capazes de realizar inúmeras tarefas ao mesmo tempo. Este discurso seria aceito pelos mais velhos, que não encontram a mesma facilidade que os jovens para lidar com tantas novidades, gerando uma “ilusão de simultaneidade” tornada possível pela transformação da alternância de tarefas em “simultaneidade real” em nosso imaginário.

Seja o conceito de “multitarefa simultânea” uma falácia ou não, o fato é que, em uma época repleta de informações e mídias, parece que nos esquecemos da arte de não fazer nada. Diminuir o ritmo, deixar de lado as distrações e desfrutar da companhia dos nossos próprios pensamentos se prova uma tarefa praticamente impossível para muitos.

O tédio parece ser uma invenção moderna. Segundo Costa e Medeiros (2009), “instantes caracterizados pelo tédio decorrem devagar; horas podem ser vivenciadas como minutos e, inversamente, minutos como horas; o passado pode estender-se até o futuro, ou este, até o presente” (Costa e Medeiros, 2009, p. 378). Para os autores, o tempo poderia ser dividido em duas categorias: “tempo

assimilado ao espaço” e “tempo qualidade ou tempo vivido”. A primeira diz respeito ao tempo do “tic-tac” do relógio e do calendário, tempo que pode ser mensurado em anos, meses e dias, sendo medido por leis naturais de duração, continuidade e sucessão. Seria o tempo-qualidade ou tempo vivido, no entanto, a base da existência humana. Este é o tempo da introspecção, não se reduzindo, portanto, às dimensões espaciais mensuráveis. Assim, independentemente do tempo do relógio, poderíamos experimentar, em nosso existir cotidiano, o tempo com intensidades, extensibilidades e velocidades diferentes em função das situações e sentimentos que estas geram (Costa e Medeiros, 2009).

Zarifian (2002) defende, porém, que somos muito menos “pós-industriais” do que se acredita. Segundo o autor, nos encontramos ainda sob o enorme projetor do tempo calculado, medido, o tempo dos relógios e dos computadores. Para ele, estamos de tal forma cegos que não conseguimos mais enxergar abordagens e referentes temporais diferentes do desenrolar quantificado e quantitativo dos anos, meses, semanas, dias, minutos e segundos.

Assim, no momento em que todos os estímulos são eliminados, nos tornamos impacientes e entramos em pânico. A única saída é inventar algo para fazer, de forma a dar a algum emprego ao tempo. Qualquer pessoa ou situação que se coloque no nosso caminho, nos obrigando a diminuir a velocidade, e nos impedindo de conseguir aquilo que queremos, na hora que queremos, passa ser vista como um inimigo.

Parece claro que todos hoje nos tornamos escravos do relógio, que é quem dita nossos horários e não nos deixa esquecer de nossos compromissos e prazos:

“Qual a primeira coisa que você faz ao acordar de manhã? Abrir as cortinas? Rolar na cama para se enroscar com o(a) companheiro(a) ou o travesseiro? Saltar da cama para fazer dez flexões e bombear o sangue? Não, a primeira coisa que você faz, a primeira coisa que todo mundo faz, é olhar a hora. Do alto da mesinha de cabeceira, o relógio nos dá nossas coordenadas, dizendo-nos não só qual nossa posição em relação ao resto do dia, mas também como agir. Se ainda é cedo, fecho os olhos e tento voltar a dormir. Se é tarde, pulo da cama e vou direto para o banheiro. Desde esse primeiro momento do despertar, é o relógio que dá as ordens. E assim será ao longo do dia, enquanto vamos vencendo compromissos e prazos, um após o outro. Cada momento está integrado a uma tabela de horário, e para onde quer que viremos nosso olhar – a mesinha-de-cabeceira, a lanchonete do escritório, o cantinho da tela do computador, nosso próprio pulso – o relógio segue com seu tique-taque, acompanhando nosso progresso, cuidando para que não fiquemos para trás” (Honoré, 2005, p. 31).

O excesso de compromissos e de horas de trabalho – sejam em um escritório ou não –, porém, acaba nos tornando menos produtivos, mais propensos a cometer erros, doentes e infelizes. Insônia, enxaqueca, hipertensão arterial, asma e distúrbios gastrointestinais são apenas alguns dos sintomas apresentados por pessoas acometidas pelo estresse⁹, hoje apontado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) como a “Epidemia do Século”.

Dados apresentados no livro “Stress a seu favor”, escrito pela psicóloga e Doutora em Psicologia Transpessoal, Susan Andrews, indicam que, aproximadamente dez anos atrás, 90% das consultas médicas no Brasil já se deviam ao estresse. Isto, por sua vez, fazia do Brasil o 4º maior consumidor de remédios do mundo, com os brasileiros gastando em média 10 bilhões de dólares por ano em medicamentos. Andrews destaca que as mulheres sofrem mais de estresse do que os homens, apontando que entre as crianças estressadas aproximadamente 80% são meninas e 20% meninos, enquanto entre os adultos 65% são mulheres e 35% homens (Andrews, 2003).

A autora apresenta, ainda, o conceito de “Estresse Cibernético”, ou “Síndrome da fadiga de informação”, que seria a versão do mal provocada pelo excesso de informações e estímulos a que estamos expostos – cada um deles gerando uma resposta fisiológica em nosso organismo.

Segundo ela, uma única edição do New York Times ou da Folha de São Paulo, por exemplo, contém mais informações do que um habitante da Inglaterra do século XVII recebia durante sua vida inteira. Isto se torna ainda mais assustador se levarmos em conta o fato de que o volume de informações disponíveis dobra a cada 72 dias (Andrews, 2003).

Como resultado de toda esta superestimulação, e da pressão que ela gera, o esgotamento, que costumava ser um problema vivido, sobretudo, a partir dos 40 anos de idade, já começa a ser encontrado em homens e mulheres na casa dos 30 e até mesmo dos 20 anos. Dados indicam que, diariamente, o estresse faz com que um milhão de americanos deixem de trabalhar, o que custa à economia mais de 150 bilhões de dólares por ano. Além disto, em 2003, o estresse ultrapassou as dores lombares como a maior causa de absenteísmo na Grã-Bretanha.

⁹ De acordo com o Dr. Hans Selye, podemos entender o estresse como a “resposta do corpo a qualquer demanda, quando forçado a adaptar-se à mudança” (Andrews, 2003).

Dados alarmantes como os apresentados acima nos levam a refletir sobre o momento que estamos vivendo. Em um mundo super acelerado, parece que estamos sempre atrasados. Ainda que nos apressemos, e que nos programemos cuidadosamente, as horas nunca parecem ser suficientes. Apesar de, em certa medida, sempre ter sido assim, parece que hoje, mais do que nunca, sentimos a pressão tempo.

No meio de toda esta correria, muitos buscam na tecnologia uma forma de maximizar o seu tempo. Nem sempre, porém, encontram nela as respostas que estão buscando. Na verdade, a tecnologia pode, muitas vezes, ser uma falsa amiga. Ainda que em algumas situações ela nos ajude a economizar tempo, na maior parte das vezes acaba pondo tudo a perder ao gerar toda uma nova série de desejos e deveres.

Podemos citar como exemplo o advento da máquina de lavar roupas, no início do século XX, que, ainda que, inicialmente, tenha liberado as donas de casa de horas de labuta à beira do tanque, acabou por elevar os padrões de higiene. Com isto, começou-se a lavar as roupas com uma frequência muito maior.

Atualmente, ao dar a seus usuários a possibilidade de carregar o mundo na palma da mão, os *smartphones* vêm sendo encarados por muitos como a “arma” ideal para enfrentar os desafios deste acelerado mundo pós-moderno.

Como destacado anteriormente, os “telefones inteligentes” vêm invadindo o nosso cotidiano de forma assustadoramente rápida. Dados da consultoria Nielsen Brasil indicam que a venda de *smartphones* no país cresceu 279% em 2010, ano em que teve início a presente pesquisa. Isto garantia à categoria o maior crescimento entre os dispositivos móveis até aquele momento.

Segundo a Gartner, outra agência de consultoria, foram pouco mais de 5 milhões de aparelhos comercializados no Brasil no ano em questão. O estudo “IDC Latin American Predictions 2011” previa que a venda de *smartphones* ultrapassaria a de computadores desktop no país já em 2011, com o mercado crescendo entre 70% e 90%. Acredita-se que o número de unidades de “telefones inteligentes” espalhadas pelo mundo, que em 2010 era de 220 milhões, chegue a 2,6 bilhões até o ano de 2020.

Ao que tudo indica, os *smartphones* chegaram para ficar. As reações à sua entrada em cena, porém, são curiosas. Ao mesmo tempo em que já ouvi pessoas os defendendo fervorosamente, escutei recentemente de um amigo a seguinte frase

em relação ao BlackBerry que ganhou de “presente” do seu patrão: “quando eles me deram isto aqui, eles compraram a minha alma! Agora eu estou o tempo inteiro trabalhando”.

De fato, como sugere Cardoso (2010), vivemos um momento em que o tempo de trabalho sofre contínua flexibilização e intensificação e em que os espaços e tempos de trabalho e de não-trabalho parecem estar atravessando um processo de reaproximação, de maneira que está cada vez mais fluida a definição de onde um começa e o outro termina. Segundo a autora, pode-se perceber, ainda, uma individualização e uma fragmentação do tempo que dedicamos ao trabalho e o surgimento de uma pluralidade de novos tempos de trabalho. Para ela, isto se deve, acima de tudo, à crescente flexibilização “que coloca esses tempos cada vez mais em total assincronia em relação aos outros tempos sociais – como o da família, do lazer, do amor, da educação, entre outros” (Cardoso, 2010, p. 101).

Cardoso argumenta que, desde a década de 1980, podemos perceber este movimento de flexibilização da parte mensurável do tempo de trabalho – o tempo do calendário, dos relógios de ponto, dos minutos e dos segundos –, que vem sofrendo inúmeras alterações em sua forma e quantidade. Dominante desde a Revolução Industrial, o tempo de trabalho contaria, ainda, com uma parte que não pode ser contabilizada, parte esta que diz respeito à forma como cada pessoa o vive subjetivamente.

O processo de flexibilização do tempo de trabalho, entretanto, pode fazer com que os trabalhadores percam, cada vez mais, o controle sobre como gerenciar os seus tempos sociais. Como vimos anteriormente, uma das características mais marcantes de nossas sociedades contemporâneas é a existência de um tempo acelerado e urgente, de contínuas mudanças. Isto, por sua vez, pode acabar provocando um grande mal-estar, em função da dificuldade que encontramos para harmonizar a crescente multiplicidade de tempos sociais. Parece estar muito presente em todos o sentimento de que falta tempo para a vivência social:

“Do ponto de vista qualitativo, o tempo de não-trabalho é invadido pelo cansaço, pela sensação de que se trabalha o tempo todo e, conseqüentemente, a sensação de que o tempo livre é insuficiente, o que faz a vida se tornar muito ‘corrida’. Do ponto de vista quantitativo, nas sociedades contemporâneas as pessoas passam a incluir um número cada vez maior de atividades no tempo liberado de jornada de trabalho, sendo ainda algumas relacionadas ao próprio trabalho (...) Todos esses elementos geram uma sensação de extremo mal-estar num contexto temporal caracterizado pela

urgência, tensão, intensidade, flexibilidade, incerteza e aceleração” (Cardoso, 2010, p. 114).

Diante deste cenário, algumas questões importantes se colocam: como, afinal, as pessoas estão organizando as suas vidas, o seu dia-a-dia e o seu tempo? Será que a quantidade de tarefas de fato aumentou, ou a “falha” está na forma como estas estão sendo geridas? Seriam as novas tecnologias digitais uma saída para resolver o problema de “falta de tempo” sentido por muitos, ou seriam elas o novo “inimigo” a ser combatido? Quais são, de fato, os usos que estão sendo feitos dos *smartphones*? Quais podem ser as consequências da entrada em cena dos “telefones inteligentes” em nosso cotidiano? O que podemos esperar do estilo de vida “superconectado” e que configurações subjetivas poderão emergir do contato com esta nova tecnologia? Estas são perguntas para as quais ainda não temos respostas, de forma que pretendo buscá-las.

Como sugere Bauman, vivemos um período de profundas transformações, em que “a nossa experiência é semelhante à dos passageiros que descobrem, bem alto no céu, que a cabine do piloto está vazia” (Bauman, 2001, p. 154). Só nos resta, então, estar atentos às mudanças e às oportunidades que estas trarão.

Afinal, os resultados provêm do aproveitamento das oportunidades e não da solução dos problemas. A solução dos problemas apenas restaura a normalidade. Aproveitar as oportunidades, por sua vez, significa explorar novos caminhos.

4 A qualquer hora, em qualquer lugar

Com os telefones celulares, os Blackberrys, os pagers e a Internet, tudo e todo mundo está permanentemente disponível. Há quem argumente que essa cultura do 24 horas por dia pode fazer as pessoas se sentirem menos apressadas, por lhes dar a liberdade de trabalhar e fazer o que precisam fazer quando bem entenderem. Mas isto seria iludir-se. Uma vez derrubados os limites, a competição, a cobiça e o medo acabam nos levando a aplicar o princípio do tempo-é-dinheiro a cada momento do dia e da noite.

(Honoré, 2005, p. 48)

É neste cenário pós-moderno, de aceleração alucinante, que uma nova tecnologia vem entrando em nossos cotidianos com impressionante velocidade: os telefones móveis inteligentes. Bilhões de pessoas, em diversos países do mundo, já os percebem como uma ferramenta extremamente útil. Ao facilitar a organização de assuntos importantes, e outros nem tão importantes assim, eles fazem com que nenhuma tarefa pareça grande o suficiente. Os celulares tornaram-se um verdadeiro ícone da nossa época. Para alguns, o telefone móvel é hoje uma parte fundamental da nossa vida cotidiana e será um dos símbolos pelos quais seremos lembrados no futuro.

Suas inúmeras utilidades fazem com que o telefone celular seja apontado como uma espécie de “canivete suíço” das tecnologias, visto que, em diferentes tamanhos, formas e cores, além de ser um dispositivo de comunicação, ele pode também ser usado, entre outras coisas, como máquina fotográfica, álbum de fotos, rádio, vídeo, MP3 player, terminal de jogos e ponto de acesso à Internet, onde se podem ler e-mails, mensagens instantâneas e acessar sites de redes sociais. Como se não fosse suficiente, o celular pode ser ainda um calendário e um gerenciador de contatos, um sistema de navegação GPS, um editor de texto e um dispositivo em que é possível desenvolver apresentações e outras tarefas relacionadas ao trabalho.

Na verdade, o telefone móvel pode fazer o trabalho de muitos dos itens que atualmente carregamos conosco. É possível que em um futuro não muito distante,

não seja mais necessário que carreguemos separadamente passagens de ônibus, cartões de crédito, fotos de pessoas queridas, dispositivos de reprodução de música, material de leitura, etc. Todas estas funções estarão disponíveis naquilo que começou como um telefone e um aparelho para enviar mensagens de texto.

Acompanhando-nos o tempo todo de dentro de nossos bolsos e bolsas, o celular parece ter, de fato, se transformado em uma espécie de gerente de comunicação pessoal, trazendo mudanças definitivas para a nossa forma de coordenar nossos encontros e nossas interações diárias. Ele deu origem ao uso cada vez mais disseminado de mensagens de texto, mudou a maneira com que adolescentes interagem com seus pais e pares¹⁰, bem como a dinâmica das redes sociais e o desenvolvimento da coesão social. Em um período de tempo extremamente curto, os celulares tiveram um enorme impacto sobre a nossa forma de interagir com os outros e de organizar nossas próprias vidas.

A capacidade trazida pelos telefones móveis de enviarmos mensagens ou falarmos com as pessoas independentemente de onde elas estão é uma mudança fundamental. Se pensarmos historicamente, veremos que o telégrafo e outros sistemas de entrega de mensagens possibilitaram que estas fossem entregues entre os escritórios centrais e posteriormente levadas, manualmente, a um determinado endereço. O telefone fixo, por sua vez, viria expandir o alcance desta rede para o escritório e o lar das pessoas. Os telefones, na maior parte das vezes, eram compartilhados por muitos, como era o caso em escritórios, dormitórios e residências, por exemplo. Até mesmo na rua, os orelhões, ou as cabines telefônicas, cumpriam o papel de servir como uma espécie de telefone socializado, que poderia ser usado por aqueles que precisavam fazer uma chamada. O celular mudou este cenário, no sentido em que as pessoas que possuem um telefone móvel estão pessoalmente acessíveis, sempre e onde quer que estejam (Ling e Donner, 2010).

Além disso, os modernos *smartphones* nos permitem conexão constante com a Internet, a qualquer hora e em qualquer lugar. Podemos acessar quem ou o que quisermos, a qualquer momento, e, assim, tornar o tempo antes “gasto” esperando em filas, ou no trânsito, em tempo “produtivo”. Em um nível mais pessoal, através da utilização de redes sociais, jogos e uma enorme variedade de aplicativos, podemos

¹⁰ O leitor interessado em estudos a este respeito pode consultar, entre outros, Nicolaci-da-Costa 2004b, 2006b e 2007b.

também evitar qualquer chance de ficarmos entediados ao longo do dia (MacCormick et al., 2012).

Com o grande aumento no volume de vendas de telefones inteligentes – apenas em 2010, ano em que dei início ao presente estudo, foram 130 milhões de aparelhos comprados em todo o mundo –, já há previsões que apontam que até o final de 2014 a maioria das pessoas acessará a Internet a partir de seus dispositivos móveis. De fato, se levarmos em conta o fato de que em 2011 mais de 5,3 bilhões de pessoas possuíam telefones celulares – o que representa aproximadamente 70 por cento da população mundial – e que a tendência é que a maioria delas adquira um *smartphone* nos próximos anos, é possível estimar que, em breve, em torno de 5 bilhões de pessoas estarão carregando um computador em seus bolsos e bolsas.

De acordo com Saylor (2013), considerando o ritmo com o que se está produzindo e consumindo dispositivos deste tipo, podemos esperar que até 2015 tenhamos 4,5 bilhões de *smartphones* conectando as pessoas pelo mundo afora. O autor ressalta, ainda, que, já em 2010, 42 por cento de americanos afirmavam que não podiam viver sem seus telefones celulares e que dois terços dormiam com o aparelho ao lado de suas camas – segundo ele, estatísticas que jamais serão encontradas em relação a computadores laptop.

A questão mais importante aqui, contudo, não é a velocidade com que esta nova tecnologia está entrando em nossas vidas, mas sim que a novidade do dispositivo implica em que, de alguma forma, nós estejamos fazendo as regras à medida que avançamos. A cada dia que passa, estamos descobrindo novos e inesperados usos para os telefones móveis, e, de uma perspectiva sociológica, o seu processo de definição social está revelando a si mesmo.

A ascensão da telefonia móvel nos oferece a oportunidade de observar de perto como se dá o processo de adoção de uma nova tecnologia e de ver como a inovação é aceita e como ela faz com que valores e práticas existentes sejam revistos. A adoção de um celular significa que nós precisamos fazer ajustes e repensar a forma como o nosso “mobiliário mental” é organizado, afinal, “o telefone móvel desloca ideias sobre onde e quando podemos viajar, como organizamos nossa vida diária, o que constitui a fala pública, e como manter o controle de nosso mundo social” (Ling, 2004, p. 23 – minha tradução)¹¹.

¹¹ “The mobile telephone shifts ideas about where and when we can travel, how we organize our daily life, what constitutes public talk, and how we keep track of our social world”.

Afinal, a comunicação móvel de fato sinaliza uma nova e revolucionária era, ou ela não passa de uma ferramenta bacana com a qual fazemos as mesmas coisas antigas? Respostas para esta e outras perguntas vêm sendo buscadas por inúmeros pesquisadores nos últimos anos, e é a algumas delas que daremos atenção a seguir.

4.1 Impactos sociais dos telefones móveis

De acordo com Ling (2004), o telefone móvel é muito mais do que um modismo social ou uma mera inovação técnica¹². Segundo o autor, a análise do seu processo de adoção e utilização por parte dos usuários, bem como das atitudes associadas ao dispositivo, fornece importantes “insights” a respeito do funcionamento mais amplo da sociedade. Para ele, vivemos neste momento uma rara oportunidade de presenciar a “domesticação” de uma nova tecnologia e suas diversas consequências e, embora esteja em vigor agora, ainda existem inúmeras dúvidas quanto às consequências sociais da comunicação móvel.

Na visão do autor, estamos atravessando uma fase em que o dispositivo é óbvio para nós. Por ser novo, ele ainda não teria encontrado o seu lugar natural. Recorrendo à análise do significativo impacto que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) tiveram e têm sobre a sociedade em todos os níveis – transporte, administração, saúde e um conjunto de funções sociais foram e estão sendo afetados pelo desenvolvimento dessas tecnologias –, contudo, não parecem restar dúvidas de que a telefonia móvel ainda trará inúmeras mudanças para as nossas vidas.

Para Baron (2008), a nossa experiência com tecnologias de comunicação mostra claramente que estas vêm alterar normas sociais e comportamentais. A autora argumenta que é mais fácil consultar a previsão do tempo *online* do que sintonizar o “Canal do Tempo” na televisão e esperar pelo relatório local. O e-mail e o telefone servem como substitutos para a caminhada dentro de nossos ambientes de trabalho para fazer uma pergunta ou entregar uma mensagem.

¹² O leitor pode encontrar, no *Apêndice*, informações detalhadas a respeito do processo de desenvolvimento da telefonia móvel.

Podemos perceber que, entre outros fatores, o telefone celular vem provocando mudanças na forma com que organizamos nossas vidas e coordenamos as nossas atividades cotidianas:

“Conforme o telefone móvel se torna onipresente, ele compete com e suplementa a coordenação social baseada no tempo. Em essência, nós começamos a nos afastar da interpretação paralela de um sistema de medição comum, ou seja, o tempo, e substituí-lo com a possibilidade de contato direto entre os que estão coordenando suas interações. (...) A coordenação da vida cotidiana através do telefone móvel é popularmente vista como uma das suas principais vantagens” (Ling, 2004, p. 58-59 – minha tradução)¹³.

Ao que parece, portanto, o telefone celular de certa forma relaxaria os contratos implícitos em torno do tempo, suavizando a programação. Ao permitir uma coordenação mais interativa, com nuances que não necessariamente dependem de sistemas secundários, a telefonia móvel é percebida tanto como um potencial substituto quanto como um suplemento para o tempo como base para a coordenação das nossas atividades.

Afinal, antes da adoção generalizada da comunicação móvel, a logística para a coordenação de nosso dia-a-dia era baseada em acordos feitos em nossas interações prévias. Ao nos dar a capacidade de interação instantânea, o telefone móvel veio tornar possível uma coordenação de atividades muito mais “refinada”. Para Ling (2004), a comunicação móvel tem afetado diretamente o uso da coordenação com base no tempo:

“(...) o telefone móvel representa a conclusão da revolução do automóvel. O carro permitiu o transporte flexível. Mas houve uma melhora semelhante na habilidade de coordenar os movimentos em tempo real, seja no trânsito ou nas paisagens urbanas produzidas pelos sistemas de transporte modernos. Nós tínhamos que contar com cabines telefônicas, acordos pré-existentes, e várias outras estratégias. Realmente não havia maneira de coordenação, já que interlocutores em potencial eram incomunicáveis. O telefone móvel completa o círculo: ele permite este tipo de coordenação. Este é o verdadeiro triunfo do sistema” (Ling, 2004, p. 176-177 – minha tradução)¹⁴.

¹³ “As the mobile telephone becomes ubiquitous, it competes with and it supplements time-based social coordination. In essence, we begin to move away from the parallel interpretation of a common metering system, i.e., time, and replace that with the possibility for direct contact between those who are coordinating their interactions. (...) The coordination of everyday life via the mobile telephone is popularly seen as one of its main advantages”.

¹⁴ “(...) the mobile telephone represents the completion of the automobile revolution. The car allowed flexible transportation. But there was similar improvement in the real-time ability to coordinate movements, either in transit or in the cityscapes produced by modern transportation systems. We had to rely on telephone booths, preexisting agreements, and various fallback strategies. There was really

A conectividade trazida pelos celulares nos possibilita coordenar nossas interações em um maior nível de especificidade do que antes. Outro importante aspecto a ser considerado no que diz respeito a esta nova forma de coordenação do dia-a-dia está ligado à integração entre a vida pessoal e o trabalho, fortalecida pelo celular. Para alguns, ao borrar a fronteira entre estas duas esferas, o telefone móvel facilita a coordenação de seus empregos e de suas vidas privadas. Outros sugerem que a utilização do telefone celular no contexto da família não é exatamente uma benção, argumentando que existe um aumento na interpenetração entre trabalho e família a partir do uso do dispositivo.

Segundo Ling e Donner (2010), ao mesmo tempo em que a comunicação móvel introduz certa flexibilidade em nossas interações, podemos pagar um preço alto por isso: o de estarmos sempre disponíveis. Os autores defendem que quando somos confrontados com tensões entre esferas distintas de nossas vidas, como é o caso da família e do trabalho, podemos ver alterado o nosso “senso de lugar”.

Na visão de Castells, Fernández-Ardevol, Linchuan Qiu e Sey (2007), se considerarmos que a comunicação é o coração da atividade humana em todas as esferas da vida, ao permitir uma comunicação multimodal de qualquer lugar para qualquer lugar onde há infraestrutura adequada, o advento da tecnologia levanta uma série de questões fundamentais: será que a capacidade tecnológica para realizar multitarefas simultâneas em qualquer lugar está provocando uma compressão ainda maior do tempo em nossa já apressada existência? Estaríamos vivendo agora uma transcendência do tempo e do espaço na prática social, em função da possibilidade de fazer tudo de todos os lugares graças a essa “onipresença” e ao fato de estarmos perpetuamente em contato?

Apesar de ainda não termos respostas para estas perguntas, o fato é que o uso de telefones celulares parece ter o poder de reconfigurar as atividades em todos os níveis, desde a microestrutura social até a macroestrutura política (Katz e Aakhus, 2002).

Para Baron (2008), a questão que se coloca aqui é: como o nosso acesso implacável aos outros – e o acesso deles a nós – nos afeta pessoalmente? Um dos resultados óbvios, segundo a autora, é uma grande sensação de exaustão. Outro,

no way to coordinate enroute since potential interlocutors were incommunicado. The mobile telephone completes the circle: it allows for this type of coordination. This is the true triumph of the system”.

ainda em sua visão, é o fato de que este contato constante muitas vezes acaba por nos tornar ineficientes. Para ela, um impacto mais sutil da comunicação perpétua é que ela pode, paradoxalmente, contribuir para um sentimento de solidão ou de anomia.

Muitos jovens preenchem o tempo em que estão sozinhos com chamadas ou mensagens para amigos. O objetivo deles não parece ser compartilhar informações ou dizer “oi”, mas sim evitar a sensação de solidão. É cada vez mais comum vermos pessoas preencherem “as lentas lacunas falando em telefones celulares enquanto caminham por uma rua ou esperam um sinal de trânsito abrir” (Baron, 2008, p. 215 – minha tradução)¹⁵.

Parece certo que, apesar de o acesso universal às novas tecnologias de comunicação usando computadores ou telefones celulares ainda não ter sido alcançado, se considerarmos a velocidade com que estas estão se espalhando pelo mundo inteiro, perceberemos que as pessoas estão cada vez mais “conectadas”. Entre estas, um número cada vez maior está sempre conectado. Isto, por sua vez, parece estar gerando uma nova lógica.

4.2 Implacavelmente conectados? A lógica 24/7

Segundo Ling e Yttri (2002), a propriedade de um telefone móvel tem relação direta com a possibilidade de se estar em contato com os próprios amigos e saber o que está acontecendo em um determinado momento. Os autores falam, inclusive, de um sentimento de “estresse” e “irritação”, que surge quando não sabemos o que está acontecendo ou não conseguimos acessar as pessoas com quem desejamos falar.

O celular reuniu as pessoas e deu-lhes uma nova liberdade, no sentido de que agora elas não precisam mais esperar até que possam “chegar a um telefone” para poder compartilhar novidades e notícias com familiares e amigos. Atualmente, todos podem acessar, ou ser acessados, por todos, a qualquer hora e em qualquer lugar (Galambos e Abrahamson, 2002).

¹⁵ “the slow gaps by talking on mobile phones while walking down a street or waiting for a traffic light to change”.

Esta “conectividade implacável” oferecida pelo dispositivo como fonte de uma coerente lógica de rede pode ser vista em exemplos tirados de todo o mundo. Esta lógica, por sua vez, impulsiona uma série de transformações sociais relacionadas ao uso da telefonia móvel, entre as quais podemos citar: a quebra das dicotomias entre os produtores e consumidores de informação; maiores oportunidades para a construção de “redes de escolha” e novas comunidades; e um crescimento na autonomia individual, especialmente para os adolescentes (Ling e Donner, 2010).

De fato, os celulares parecem representar muito mais do que uma simples melhoria incremental na tecnologia existente. Aparentemente, eles criaram um novo paradigma para as comunicações. Afinal, se por um lado o telefone móvel permite o acesso quase irrestrito a nossa rede social local, por outro, a utilização do celular parece estabelecer uma barreira entre nós e nossa situação física.

Com o intuito de enfrentar os grandes avanços na tecnologia de comunicação no século XX, Kenneth J. Gergen elaborou o conceito de “presença ausente”. Gergen argumenta que, cada vez mais, tais tecnologias transportam um mundo repleto de significado, porém geograficamente distante, para o contexto imediato da vida. Em sua opinião, a expansão da dimensão da presença ausente tem sido destrutiva em certos aspectos. A capacidade de comunidades face-a-face sustentarem seus valores, sua coerência e sua solidariedade seria prejudicada, e a habilidade do indivíduo para manter um senso de identidade centrada ou um convincente código de valores seria erodida (Gergen, 2002).

O autor sugere que devemos considerar praticamente todas as tecnologias de comunicação que permitem que as pessoas se comuniquem à distância como poderosos contribuintes para o fenômeno da presença ausente. Para ele, em contraste com as tecnologias monológicas, ao fazermos uso de tecnologias dialógicas participamos ativamente da construção do mundo, e esta construção pode ser costurada especialmente para expressar nossas circunstâncias individuais.

Aparentemente, a comunicação móvel é um fenômeno que muda a dinâmica da interação social. No processo, ela também expõe e desafia as nossas suposições sobre como as interações sociais deveriam se dar. Se antes da entrada em cena do telefone celular, e de sua adoção generalizada, nós conversávamos com nossos amigos e familiares durante o jantar, agora é possível colocar “em espera” aqueles que estão copresentes, a fim de ter uma conversa ao telefone. O

telefone móvel teria, então, mudado a nossa forma de pensar e de interagir com as pessoas.

Segundo Ling e Donner (2010), a possibilidade de acessar diretamente um indivíduo afeta a forma como organizamos as nossas atividades e a maneira com que nos socializamos. Em última instância, na visão dos autores, o dispositivo afetaria a maneira com que integramos a nossa esfera íntima e organizamos nossas vidas.

Para Baron (2008), é certo que as tecnologias da linguagem contemporâneas estão prestes a redefinir nossas noções antigas sobre o que significa se comunicar com outra pessoa. A autora entende que a consequência final desta conectividade 24 horas por dia, 7 dias por semana, é o que poder-se-ia chamar de “o fim da antecipação”. Segundo ela, agora tudo é imediato.

Ao que parece, definitivamente estamos todos nos tornando cada vez mais familiarizados com os desafios de se estar “sempre conectado”, afinal, vivemos hoje a era dos *smartphones*, iPads, laptops, netbooks – dispositivos que nos permitem “funcionar” ainda que estejamos na praia, em um campo de golfe, no sofá ou até mesmo na cama. Esta conectividade constante é percebida por muitos como sendo algo positivo, pois, a seu ver, além de flexibilidade e autonomia, ela lhes daria maior controle sobre como recebem informações e respondem a demandas (Perlow, 2012).

Os integrantes deste “grupo” chegam a declarar seu amor por seus *smartphones* e demais dispositivos portáteis. Oito milhões de usuários do BlackBerry em todos os Estados Unidos, por sinal, afirmam ter vivido seu maior pesadelo na noite do dia 19 de abril de 2007. Às 20h daquela terça-feira, o sistema “caiu”, voltando ao ar apenas na manhã seguinte. O episódio foi assim relatado por Baron (2008):

“A vida sem o BlackBerry entrou em modo de crise. O diretor de vendas de uma companhia de seguros, explicou: ‘Eu parei de fumar 28 anos atrás... e foi mais fácil do que ficar sem meu BlackBerry.’ O vice-presidente de comunicação de um hospital universitário admitiu: ‘Cheguei ao ponto em que eu tenho vibrações fantasmas, mesmo quando eu não estou levando a coisa... Isto certamente não parece saudável, não é?’” (Baron, 2008, p. 228-229 – minha tradução)¹⁶.

¹⁶ “Life without the BlackBerry morphed into crisis mode. The chief sales officer of an insurance company explained, ‘I quit smoking twenty-eight years ago... and that was easier than being without my BlackBerry.’ The vice president of communication for a university hospital admitted, ‘I have reached the point where I get phantom vibrations, even when I’m not carrying the thing... That sure doesn’t sound healthy, does it?’”.

Em suas pesquisas, a autora afirma ter encontrado usuários contemporâneos das novas tecnologias que reclamam e dizem se sentir vítimas destas, especialmente em função da pressão que sentem para estarem sempre conectados. Segundo ela, um número cada vez maior de pessoas já procura maneiras de se “desconectar”. Em sua visão, em uma época em que nossos telefones celulares, e tudo o que eles representam, nos seguem para dentro de nossas casas, e até mesmo em nossas férias, contudo, é preciso mais do que simplesmente retirar os sapatos na porta de casa, como mandam as culturas japonesa e indiana, para deixar o mundo da conectividade para trás. Seria necessário um ato de vontade.

Citando Thomas Eriksen, ela sugere que existe uma distinção entre o que este chama de tempo rápido e de tempo lento. De acordo com Eriksen, não é possível negar que existem ocasiões em que é necessário que estejamos conectados e disponíveis, mas também deveríamos reservar tempo para sentarmos no parque, encontrarmos pessoas ou admirarmos as flores.

Segundo Perlow (2012), a lógica 24/7 de fato apresenta algumas armadilhas. Afinal, caso você se abstenha de ler e responder seus e-mails, isto não significa que você deixará de recebê-los. Se você tenta “quebrar” a lógica, deixando de estar sempre acessível, é muito provável que você seja ultrapassado por seus colegas. Em suas palavras, “em uma era em que estamos sempre conectados, você não pode quebrar o ciclo de resposta sozinho. Quando você se desconecta, todos permanecem conectados. Esta é a realidade da atual cultura 24/7” (Perlow, 2012, p. 8 – minha tradução)¹⁷.

Para a autora, quanto mais conectadas as pessoas estão, mais imprevisível se torna o seu tempo de trabalho. Ao estarem constantemente ligadas ao trabalho, porém, parecem estar reforçando, e amplificando, as pressões que provocam nelas a necessidade de estarem sempre disponíveis. Assim, as pessoas começam a tentar se ajustar a estas demandas, alterando seus horários, mudando a maneira com que trabalham e até mesmo a forma como vivem suas vidas e interagem com seus amigos e familiares, e adaptando a tecnologia que utilizam. Tudo isto para que possam ser capazes de atender às crescentes demandas sobre seu tempo. E assim o ciclo continua: superiores, subordinados e colegas de trabalho continuam fazendo

¹⁷ “In this always-connected age, you cannot break the cycle of responsiveness alone. When you disconnect, everyone else remains connected. That’s the reality of today’s 24/7 culture”.

mais e mais pedidos, e, ao mesmo tempo em que crescem suas expectativas em relação aos outros, e a si mesmos, os funcionários conscientes aceitam esse aumento marginal de exigências sobre o seu tempo.

Com o intuito de ilustrar um pouco do momento que estamos vivendo, ela relata em seu livro “Sleeping with your smartphone: how to break the 24/7 habit and change the way you work”¹⁸ os resultados de uma pesquisa que realizou com um grupo de 1600 profissionais e gestores. Segundo dados apresentados pela autora, 92% dos participantes trabalhavam 50 ou mais horas por semana, sendo que um terço destes disse trabalhar por 65 horas ou mais por semana.

Nesta conta, porém, não estariam incluídas as 20-25 horas semanais em que a maioria deles relatou monitorar seu trabalho, ainda que fora do horário “oficial”: 70%, por exemplo, admitiram que verificam o seu *smartphone* menos de uma hora depois de se levantar, enquanto 56% disseram fazê-lo menos de uma hora antes de ir para a cama. A situação não melhorava muito no final de semana – 48% verificavam seus celulares no fim de semana, mesmo nas noites de sexta e sábado – ou nas férias – 51% o faziam continuamente quando em férias. “Uma grande dose de ansiedade” seria experimentada por 44% dos entrevistados caso eles perdessem seu dispositivo sem fio e não pudessem substituí-lo por uma semana. Para culminar, 26% dos participantes da pesquisa disseram dormir com seus *smartphones* (Perlow, 2012).

Dados semelhantes foram encontrados pela iPass – empresa que fornece soluções na área de mobilidade corporativa – a partir de uma pesquisa realizada com 3,7 mil profissionais de 1,1 mil organizações em todo o mundo. De acordo com o estudo, profissionais que usam dispositivos móveis, como os *smartphones*, trabalham, em média, 240 horas a mais no ano do que a população em geral. Além disso, 91% deles checam seus dispositivos fora do horário de trabalho – destes, 30% a cada 6 minutos a 12 minutos.

Outra observação interessante que pode ser feita a partir do levantamento da iPass é que 61% das pessoas que fazem uso de dispositivos móveis para trabalhar, costumam dormir com estes por perto. Entre elas, 38% dizem acordar durante a noite para checar seus *smartphones* e 35% acessam o e-mail pelo dispositivo móvel assim que acordam. Ao mesmo tempo, porém, 29% dos entrevistados consideram

¹⁸ “Dormindo com o seu smartphone: como quebrar o hábito do 24/7 e mudar a maneira como você trabalha” (minha tradução).

que esses equipamentos geram problemas em suas relações pessoais, em especial, com esposas, maridos e namorados(as).

Divulgados pela coluna Olhar Digital, do site UOL, em maio de 2011, os resultados do estudo geraram comentários interessantes entre os leitores, tais como:

“Quer aumentar a produtividade da sua empresa? Doe um smartphone para seu funcionário.” (Gabriel William Galdino)

“É isso aí, produção 24h.” (Arnóbio Souza)

“Você ainda não dorme com o seu? O meu fica debaixo do meu travesseiro toda noite. Assim fica melhor de acordar quando o despertador vibra” (Manoel Antônio Araújo Carvalho)

“Depois reclamam que estão sem tempo, que o tempo está passando muito rápido... Esta é a causa, cada vez mais conectados, cada vez o cérebro está mais ocupado e com menos tempo para relaxar e apreciar as coisas boas da vida” (Galeno Sundfeld)

“O meu está chegando até semana que vem! Comprei para o trabalho (profissional liberal), e realmente a necessidade é usá-lo a todo o tempo, ainda mais em viagem, quando estou longe e preciso estar atento a todo o que está acontecendo no escritório! Cada vez mais precisamos fazer mais em menos tempo, mas a verdade é que dedicamos mais tempo para fazer ainda mais! Mundo moderno, não há como nos rebelar, o sistema capitalista é assim, logo, ou entramos no esquema, ou estamos fora!” (Rodrigo Villas Boas)

Ao que tudo indica, atravessamos um momento em que ao mesmo tempo em que nos sentimos estimulados, desafiados, recompensados e libertados dos limites do escritório, vivemos oprimidos, sobrecarregados, sempre interrompidos e sem tempo para nos concentrar. A “conectividade” permanente está se tornando algo cada vez mais central para a nossa identidade (Perlow, 2012).

Alimentada pelos *smartphones* e por sua capacidade de nos manter conectados ao trabalho o tempo todo, e de qualquer lugar, esta conexão constante carrega consigo a promessa de aumento de produtividade. Para alguns, o dispositivo permite uma melhor distribuição do nosso tempo, que passaria a ser utilizado de forma mais eficiente.

Apesar de trazer mobilidade e flexibilidade, porém, o fato de estarmos permanentemente conectados também parece ter efeitos indesejáveis. Estudos indicam que o excesso de trabalho vem gerando crises na vida pessoal dos

profissionais, que dormem pouco, quase não praticam atividades físicas, comem e consomem álcool demais e dependem de remédios para ansiedade e insônia para poder relaxar (MacCormick et al., 2012).

Ao que parece, a conectividade a qualquer hora e de qualquer lugar permitida pelos *smartphones* leva as pessoas a trabalharem por mais horas e com mais intensidade, pois podem acessar dados de maior qualidade sempre que necessário. O trabalho pode ser carregado para qualquer canto e acaba por invadir espaços antes considerados fora dos limites. Além disso, a intensidade do trabalho parece aumentar à medida que o fluxo de informação aumenta, e sua duração também parece aumentar uma vez que a conectividade se torna permanente e onipresente.

Assim, ao mesmo tempo em que alimenta nas pessoas os desejos de produtividade e de estarem a par de tudo, esta conexão constante pode se tornar uma faca de dois gumes, limitando as oportunidades de descanso e recuperação, o que, por sua vez, pode também acabar reduzindo as oportunidades para que sejam feitas contribuições efetivas.

Como reforçam MacCormick et al. (2012), existem hoje no mundo inúmeros trabalhadores que acordam com os alarmes de seus *smartphones*, consultam o dispositivo imediatamente antes de dormir e o carregam com eles para as férias. Em função disto, pesquisadores canadenses estão se referindo aos telefones inteligentes como “Work Extending Technologies” (Tecnologias para Extensão do Trabalho), ou “WET”. Parece indiscutível o fato de que a tecnologia de comunicação móvel aumentou, e muito, a expectativa de engajamento nas organizações. Hoje se espera que as pessoas gerem e transmitam informações de forma mais rápida e, como consequência do foco absoluto no lucro, existe atualmente uma cultura que recompensa aqueles que trabalham duro para organizações enxutas.

Os profissionais passam mais horas no trabalho e estão constantemente conectados à organização, seguindo o modelo 24/7. Isto se deve ao fato de que este “esforço extra” para que o trabalho possa ser feito não implica apenas em ficar mais horas no escritório, mas também na utilização do tempo de “lazer” para a realização de tarefas relacionadas ao trabalho. Tudo isto parece se tornar mais fácil em função da existência dos *smartphones*. Assim, a linha entre o tempo de trabalho e o tempo privado se torna cada vez mais tênue e “embaçada”, o que faz com que muitas pessoas se sintam constantemente trabalhando ou em permanente estado de alerta (MacCormick et al., 2012).

Para Rainie e Wellman (2012), a casa e o trabalho se tornaram mais interligados do que jamais haviam sido desde que hordas de fazendeiros partiram em direção a seus campos. Segundo os autores, contudo, a interpenetração entre a casa e o trabalho caminha em ambas as direções. Em uma, os trabalhadores trazem para casa tarefas do escritório, de forma que possam passar mais tempo em seus lares. Há aqueles que argumentam, contudo, que as novas tecnologias não permitem que o trabalho seja deixado para trás quando se deixa o escritório. Ainda assim, se por um lado muitos se sentem pressionados pelas inúmeras demandas sobre seu tempo, outros se sentem liberados por poderem evitar momentos de tédio realizando tarefas “pessoais”, como navegar na Internet, compartilhar novidades no Facebook, responder e-mails de amigos e parentes e fazer compras enquanto estão no trabalho.

Em função de todos estes fatores, há aqueles que defendem que estaríamos, de fato, presenciando a emergência de uma “lógica celular”, determinada pela mobilidade de dispositivos cada vez mais onipresentes. Prometendo conexão para todos, independentemente de classe social, a entrada em cena dos telefones móveis traria duas consequências principais: no que diz respeito aos indivíduos, percebemos um entrelaçamento de várias tarefas com múltiplos atores e vários lugares, que competem e brigam por tempo e atenção; já no que se refere à sociedade, podemos perceber as implicações da acessibilidade onipresente interferindo na forma como as pessoas se comportam – elas não apenas estão acessíveis, mas esperam que os outros estejam também. Ao nos tornar perpetuamente acessíveis, a crescente disseminação do dispositivo parece gerar a expectativa, e de fato a suposição, de que estamos todos potencialmente disponíveis para os outros, e em particular os outros em nossa esfera social, sempre e onde quer que estejamos (Ling e Donner, 2010).

Ao introduzirem a noção de endereçamento pessoal e possibilitarem o entrelaçamento de interações copresentes e remotas, os telefones móveis vêm, portanto, criando esta nova lógica. Como destacado anteriormente, esta lógica móvel afetaria a maneira como organizamos nossas vidas diárias, buscamos informações e fazemos o nosso trabalho. Ao mesmo tempo em que alguns acreditam que o crescimento da comunicação móvel pode ser, simultaneamente, causa e consequência de um sentimento de mais pressa na sociedade – atualmente caracterizada por um ritmo mais rápido –, outros sugerem que o oposto pode ser

argumentado, defendendo que ela pode nos ajudar a manter este sentimento sob controle.

Ao permitir a interação em tempo real, a comunicação móvel tornou-se também um sistema através do qual nós trabalhamos para controlar o tempo de nossas vidas. O telefone celular parece facilitar a coordenação, servindo como uma maneira de passarmos, de alguma forma, ao largo do estresse associado com trabalhos e exigências sociais cada vez mais vorazes. Ao mesmo tempo, contudo, ele seria uma ferramenta desses mesmos impulsos, representando uma maneira de sermos acessados em horas inconvenientes. Neste sentido, o dispositivo traria consigo tanto as pressões quanto a libertação destas. Dizer que é um ou o outro é não reconhecer o quadro inteiro. Na esperança de ganhar um determinado tipo de controle, acabamos por adotar ferramentas que permitem um aumento ainda maior na velocidade.

Ling e Donner (2010) defendem que, assim como aconteceu com os automóveis antes dela, a comunicação móvel é hoje um aspecto tomado como certo em nosso dia-a-dia. Para eles, é nítido o quanto o cotidiano em grande parte do mundo desenvolvido foi reestruturado pelo automóvel – tanto para o bem quanto para o mal. Educação, emprego, entretenimento e as coisas mais simples da vida muitas vezes exigem a utilização do transporte automotivo, e, ainda que você não possua um carro, deve organizar sua vida em função de um sistema montado para quem possui. Assim como a cidade cresceu com e foi moldada pelo automóvel, o celular estaria revolucionando nossa maneira de coordenar interações.

Na visão dos autores, “o celular é um símbolo do moderno e do pós-moderno, da autonomia individual e da conexão social, da independência e da ação coletiva” (Ling e Donner, 2010, p. 107 – minha tradução)¹⁹ e a chegada da lógica móvel nos leva a organizar nossas atividades diárias a partir da premissa de que todos estão disponíveis perpetuamente. Ao que parece, no mundo de hoje, se você não tem um celular, você acaba por se tornar um problema para os outros.

Para Hanson (2007), é fundamental que busquemos compreender como estas novas tecnologias criaram um ambiente em que expectativas de comunicação, informação e entretenimento instantâneos estão completamente acessíveis 24 horas por dia, 7 dias por semana. A autora é outra a argumentar que enquanto

¹⁹ “The mobile is a symbol of the modern and the post-modern, of the individual autonomy and social connectedness, of independence and collective action”.

aparentemente nos prometem maior controle sobre o nosso tempo e a possibilidade de participar de uma sociedade mais móvel, as características inerentes desta tecnologia e da forma como as pessoas dela fazem uso resultam no que poderia ser entendido como uma “ilusão” de controle, que acaba por nos levar a criar expectativas que geralmente não serão atendidas.

O resultado de termos acesso a tecnologias que ao mesmo tempo permitem e exigem que nos comuniquemos 24 horas por dia, 7 dias por semana, é que nossa forma de pensar sobre como vivemos, trabalhamos e nos divertimos está mudando. Entendendo melhor a natureza desta mudança, poderemos estar mais preparados para tomar decisões a respeito do nosso futuro.

Ainda na visão de Hanson (2007), a computação móvel será a tecnologia de maior impacto da nossa geração e a revolução por ela provocada está acontecendo rapidamente. Como defendido por outros estudiosos do assunto, segundo a autora, ao passo que a Revolução Agrícola levou milênios para ser concluída e a Revolução Industrial precisou de alguns séculos para ser levada a cabo, a Revolução da Informação, impulsionada pela tecnologia móvel, provavelmente irá remodelar o mundo em algumas poucas décadas. Apesar da turbulência adiante, contudo, ela considera que vivemos, atualmente, um dos maiores momentos da história.

Como apontam Castells, Fernández-Ardevol, Linchuan Qiu e Sey (2007), a partir da análise da história da tecnologia, podemos perceber que as pessoas e as organizações acabam utilizando-a para fins muito diferentes daqueles inicialmente concebidos por seus desenvolvedores. Deve ser levado em conta, ainda, o fato de que quanto mais interativa é uma determinada tecnologia, mais provável é que seus usuários tornem-se, na prática, seus produtores.

Desta forma, os autores defendem que a sociedade deve tratar as questões levantadas por essas novas tecnologias com responsabilidade:

“A pesquisa pode contribuir para proporcionar algumas respostas, precisamos de conhecimento baseado na observação e na análise. Ao invés de projetar sonhos e medos sobre o tipo de sociedade que resultará, no futuro, do uso generalizado da comunicação sem fio, devemos nos enraizar na observação do presente, usando as tradicionais, e padronizadas, ferramentas de pesquisa acadêmica, a fim de analisar e compreender as implicações sociais da tecnologia de comunicação sem fio” (Castells, Fernández-Ardevol, Linchuan Qiu e Sey, 2007, p. 2 – minha tradução)²⁰.

²⁰ “And research can contribute to providing some answers, we need knowledge based on observation and analysis. Rather than projecting dreams or fears of the kind of society that will result in the future from the widespread use of wireless communication, we must root ourselves in the observation of the

Buscar uma maior compreensão acerca de como a esta nova tecnologia está impactando seus usuários brasileiros é exatamente o objetivo do presente estudo. Com este intuito, foi desenvolvida a pesquisa de campo que será apresentada a seguir.

5 Estudando o novo

Não é fácil estudar o novo. E não é fácil porque o velho tende a atrapalhar, principalmente quando já temos formas consolidadas de ver e interpretar o que nos cerca. O novo sempre requer um novo olhar e novos olhares geralmente geram insegurança naqueles que olham sem fazer uso de referenciais conhecidos, ao mesmo tempo em que provocam a ira daqueles que não querem abandonar a segurança desses referenciais. Partir do que já é conhecido é sempre mais confortável. O problema é que, em se tratando de algo completamente novo, quando se parte do conhecido tende-se a encaixar o novo no velho, o que é uma forma de não o enxergar. Mas o que é velho hoje já foi novo um dia e alguém teve a coragem de, mesmo enfrentando obstáculos e preconceitos, estudá-lo.

(Nicolaci-da-Costa, 1997, p. 7)

Como destacado anteriormente, o presente estudo se propõe a investigar quais são os impactos que a entrada em cena de uma nova tecnologia, a dos *smartphones*, está tendo sobre seus usuários brasileiros. Com o objetivo de compreender o papel que estes atualmente desempenham na vida daqueles que deles fazem uso, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, pesquisa esta que será apresentada em detalhes abaixo.

5.1 Metodologia

Assim como em estudos anteriores (ver Zaremba, Abreu e Nicolaci-da-Costa, 2000; Zaremba, 2001; e Zaremba, Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa, 2002), a metodologia empregada para a realização da presente pesquisa foi a do Método de Explicitação do Discurso Subjacente – MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007a).

Especificamente elaborado para estudos como este, o MEDS consiste de um método qualitativo, em que a coleta de dados é geralmente feita por meio de entrevistas abertas em contextos informais. Partindo da premissa de que contextos informais existem tanto na vida *offline* quanto na *online*, acredita-se que as

entrevistas podem ser tanto presenciais quanto virtuais (Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias & Di Luccio, 2009a).

Considerando-se que, no presente estudo, foram inteiramente atendidos os dois requisitos básicos apontados por Nicolaci-da-Costa et al. (2009a) para a opção pela realização de entrevistas via Internet – a saber, os fatos destas serem a alternativa mais adequada ao objeto de estudo e o de que todos os entrevistados possuam familiaridade com os recursos dos ambientes de trocas de mensagens instantâneas *online* –, este se baseou em entrevistas através da rede.

5.2 Recrutando os participantes

Conforme argumenta Nicolaci-da-Costa (ver Nicolaci-da-Costa, 2007a; Nicolaci-da-Costa et al., 2009a), pesquisas qualitativas consomem um tempo considerável, sendo extremamente trabalhosas. Por estas razões, acabam utilizando poucos entrevistados, quase sempre recrutados a partir de critérios cuidadosamente pensados, ao invés de randomicamente. Ainda de acordo com o raciocínio da autora, estes critérios podem seguir um de dois princípios básicos: a heterogeneidade ou a homogeneidade de características dos participantes.

O MEDS tem a tendência de procurar a homogeneidade, seja nas entrevistas presenciais ou nas *online*. Esta homogeneidade, por sua vez, pode ser de dois tipos: ampla (considerando, por exemplo, alguns atributos pessoais – sexo, idade, classe social, ocupação, entre outros – em comum, além da referida experiência ou característica), ou fundamental (uma característica ou experiência importante em comum), a partir de critérios definidos previamente em função dos objetivos da pesquisa. Em se tratando de entrevistas face a face, o MEDS tende a privilegiar uma forma de recrutamento que torna possível o enquadramento dos entrevistados naquele que é denominado “perfil de alta definição”. Este perfil é construído tendo por base tantos critérios quantos sejam necessários para identificar os membros de um grupo social específico.

No caso de um recrutamento *online*, contudo, nem sempre se pode, ou mesmo é indicado, buscar este tipo de perfil. Isto se deve ao fato de que, *online*, as características pessoais dos entrevistados, como, por exemplo, idade, classe social, nível educacional e local de moradia, tendem a não ser tão importantes quanto são

offline. Ainda assim, as características pessoais podem sempre ser coletadas e usadas como informações adicionais.

Com base neste raciocínio, o recrutamento dos participantes da presente pesquisa foi realizado a partir dos princípios da homogeneidade fundamental, tendo sido levadas em consideração três características básicas:

1) Deveriam ser usuários de *smartphones*. Considerando-se que, como visto anteriormente, apenas recentemente o uso dos telefones móveis começou a ser difundido de forma mais abrangente no Brasil, não foi estipulado um tempo mínimo de uso para fins de recrutamento dos entrevistados;

2) Deveriam ser brasileiros, homens e estar inseridos no mercado de trabalho. A opção pelo sexo masculino teve, única e exclusivamente, a intenção de reduzir as influências das diferenças de gênero na presente pesquisa. A obrigatoriedade de estarem inseridos no mercado de trabalho visou aumentar a probabilidade de que os participantes da pesquisa fariam uso de seus *smartphones* não apenas para fins pessoais, mas também para fins profissionais;

3) Deveriam ser capazes de fazer um contraponto entre sua vida antes e após a entrada em cena dos telefones inteligentes. Com este intuito, foi estipulada para os participantes da presente pesquisa a faixa etária de 30 a 40 anos, o que parecia ser o suficiente para atingir este objetivo.

Vale destacar que local de moradia e classe social não foram critérios relevantes na seleção dos entrevistados. Tendo as entrevistas sido realizadas através da Internet, ambiente em que a distância geográfica é irrelevante, e os participantes sido recrutados por se encaixarem nos três requisitos expostos acima, questões relativas ao seu pertencimento de classe não foram consideradas cruciais para sua seleção. Em função do critério número dois da lista acima, contudo, foi possível constatar que o nível educacional/intelectual dos entrevistados é relativamente alto e homogêneo, independentemente de sua origem de classe.

Respeitados estes pré-requisitos, participaram da pesquisa um total de dezessete pessoas, recrutadas a partir da indicação de amigos, conhecidos e dos próprios entrevistados. Como ressaltado anteriormente, é algo consensual na

literatura o pequeno número de participantes em pesquisas qualitativas (Nicolaci-da-Costa, 2007a e Nicolaci-da-Costa et al., 2009a).

5.3

Construindo o roteiro de entrevistas

Assim como acontece quando da utilização de entrevistas presenciais, faz-se necessária a construção do instrumento que servirá de base para a coleta de dados antes que possa iniciar o procedimento das entrevistas *online*.

No que concerne à construção do roteiro, o MEDS trata da mesma forma as entrevistas *online* e as entrevistas presenciais. Partindo do princípio de que um bom roteiro é essencial para a realização de uma boa pesquisa, este, em ambos os casos, é detalhista e respeita algumas diretrizes para a sua construção, a saber²¹:

a) Apesar de estruturados em sua concepção, os roteiros devem ser aplicados com flexibilidade;

b) Devem-se pensar os roteiros tendo como inspiração conversas naturais;

c) Os roteiros devem constar apenas de itens, que serão transformados em perguntas durante a realização das entrevistas. Desta forma, espera-se preservar todas as características linguísticas e extralinguísticas naturais de uma conversa. No que diz respeito às entrevistas *online*, devem ser respeitadas todas as formas de escrever características dos ambientes interativos *online* quando da formulação das questões;

d) Deve ser priorizada a criação de perguntas abertas – que comportem qualquer tipo de resposta – a partir dos itens do roteiro;

e) Também devem ser previstas perguntas de aprofundamento e/ou esclarecimento (“por quê?”, “como?”, “você poderia falar mais sobre isso?”, entre outras), que podem ser introduzidas sempre que necessário;

²¹ Uma explicação mais detalhada destas diretrizes pode ser encontrada em Nicolaci-da-Costa (2007a) e Nicolaci-da-Costa et al. (2009a).

f) De forma a manter a naturalidade de uma conversa informal (que jamais conta apenas com perguntas abertas), alguns itens podem, e devem, gerar perguntas fechadas – cujas respostas são sim ou não –, desde que sempre seguidas de perguntas de esclarecimento e/ou aprofundamento;

g) Deve-se criar a possibilidade de se confrontar itens que geram informações objetivas a respeito de determinados tópicos com perguntas mais abstratas – que solicitam sentimentos, posturas, opiniões, avaliações, reflexões, etc., do entrevistado – a respeito dos mesmos tópicos. O contraste entre afirmações abstratas e informações concretas possibilita que inconsistências sejam reveladas, inconsistências estas que podem ser importantes vias de acesso ao discurso subjacente.

Assim como acontece no caso das entrevistas presenciais, para que se possa construir um bom roteiro para uma entrevista *online*, é importante que o processo de construção tenha início em conversas informais, também *online*, sobre o objeto de estudo. Tais conversas não devem ter qualquer tipo de estrutura previamente delineado. É importante, ainda, que essas conversas iniciais aconteçam com pessoas que possuam um perfil análogo ao que está sendo buscado nos participantes, de forma a garantir que o roteiro seja adequado à população alvo. Um primeiro rascunho de roteiro deverá ser elaborado a partir dessas conversas.

Respeitado este processo, foi possível a elaboração de um roteiro piloto, utilizado para a realização de algumas entrevistas “teste”. Uma vez feitas as alterações necessárias e validado este roteiro, passou-se para as entrevistas definitivas.

O roteiro definitivo constou de duas partes. A primeira, simples e objetiva, solicitava alguns dados de identificação dos entrevistados, a saber: idade, grau de escolaridade e ocupação/profissão. Este primeiro bloco tinha o intuito de coletar algumas informações básicas sobre os participantes.

A segunda parte do roteiro era composta por itens – que foram transformados em perguntas durante as entrevistas –, divididos em três blocos distintos. O primeiro deles, que batizei de “Organização do cotidiano e gestão do tempo” visava investigar como é a rotina dos participantes, bem como a maneira como estes

distribuem o seu tempo entre as diferentes atividades que desempenham ao longo do dia. Neste bloco foram abordados temas como: organização do dia / rotina (descrever um dia comum); horas de trabalho por dia; atividades de lazer (o que faz / gosta de fazer quando não está trabalhando); gerenciamento do tempo e distribuição deste entre as diferentes atividades; e vida profissional x vida pessoal.

O segundo bloco da segunda parte das entrevistas, que chamei de “Entrada em cena do *smartphone*”, tinha o propósito de investigar como, quando e por que os entrevistados travaram seu primeiro contato com os telefones móveis inteligentes, bem como os usos que dão aos seus *smartphones* hoje em dia. Entre os tópicos abordados, estavam: há quanto tempo possui e faz uso de *smartphones*; motivações para adquirir um *smartphone* (se ganhou por razões profissionais ou comprou); escolha do aparelho (se possui mais de um, ou já fez uso de modelos diferentes); usos que dá ao *smartphone* (que aplicativos utiliza, com que finalidade, com que frequência, etc.); se desliga o aparelho e em que momento; e como se sente quando está “desconectado” ou quando a bateria acaba.

O terceiro e último bloco, intitulado “Vida pós-*smartphone*”, visava averiguar se os telefones inteligentes trouxeram alguma mudança para a forma como os participantes organizam o seu cotidiano e administram o seu tempo, bem como se estes percebem possíveis consequências do uso de *smartphones* para si próprios e para as pessoas de forma geral. Foram abordados neste bloco os seguintes itens: mudanças trazidas pelo *smartphone* para a organização do cotidiano; horas de trabalho por dia após a aquisição do *smartphone*; tempo x produtividade; sensação de estar acessível / disponível 24 horas por dia; vida antes e depois do *smartphone*; em que momento do dia utiliza o aparelho pela primeira e pela última vez; e possíveis consequências do uso dos *smartphones*.

Este foi o roteiro que serviu de base para a realização das dezessete entrevistas. Vale destacar que o número de entrevistas não foi estipulado a priori, tendo o processo sido interrompido uma vez que foi alcançado o “ponto de saturação” – momento em que novos entrevistados fornecem informações análogas àquelas que já haviam sido fornecidas em entrevistas anteriores (Nicolaci-da-Costa, 2007a).

5.4 As entrevistas

Todos os participantes foram entrevistados individualmente, em horários negociados diretamente entre estes e o entrevistador. Tendo sido realizadas através do bate-papo do Facebook – escolha esta motivada pelo fato deste ser um ambiente de conversação síncrona com o qual os participantes, e o entrevistador, têm grande familiaridade e em que se sentem à vontade –, as entrevistas do presente estudo por vezes aconteceram em horários pouco convencionais, dependendo da conveniência dos participantes. Como argumenta o MEDS, esta é uma flexibilidade gerada pelas entrevistas *online*.

Outra característica das entrevistas feitas via Internet é que estas apresentam uma peculiaridade derivada do modelo das conversas *online*. Enquanto o MEDS prevê, no caso das entrevistas presenciais, a realização de uma entrevista única e contínua com cada participante (Nicolaci-da-Costa, 2007a), é comum que, por diferentes motivos, conversas *online* sejam constantemente interrompidas e retomadas do ponto onde pararam. Isto não constitui um problema, visto que a conversa fica inteiramente registrada no histórico de mensagens.

Sendo um dos principais objetivos do MEDS criar um ambiente em que os entrevistados possam se sentir à vontade para ter uma conversa natural, é importante que essa peculiaridade seja respeitada, como foi o caso na presente pesquisa. Em todas as situações em que houve interrupção – que foram poucas –, contudo, as entrevistas foram naturalmente retomadas em outro momento, sempre de forma bem-sucedida.

Mais um aspecto marcante das conversas *online* que deve ser respeitado nas entrevistas via Internet é o fato de que nestas sempre existe um intervalo de tempo entre o envio de uma mensagem e o recebimento de uma resposta para ela. Por conta disto, é muito raro que qualquer conversa seja foco exclusivo de atenção dos interlocutores, que costumam aproveitar este intervalo para realizar outras tarefas. De forma a não interferir na naturalidade da conversa, é importante que o entrevistador respeite este tipo de comportamento por parte dos entrevistados. Ao mesmo tempo, porém, é fundamental que o entrevistador não adote o mesmo comportamento, devotando toda a sua atenção exclusivamente à entrevista.

Desta maneira, tomou-se cuidado no sentido de respeitar o tempo dos entrevistados, sendo-lhes feitas novas perguntas apenas após eles terem

respondido à pergunta anterior. Este cuidado visou evitar a falta de sincronia frequente nas conversas *online* (Nicolaci-da-Costa et al., 2009a).

Levando-se em consideração todos estes aspectos, as entrevistas realizadas via Internet acabam muitas vezes sendo consideravelmente mais longas do que as presenciais. No caso do presente estudo, elas tiveram, em média, duas horas de duração.

Como mencionado acima, o MEDS determina que, com o intuito de respeitar o fluxo de associações do entrevistado, o entrevistador deverá aplicar de forma flexível um roteiro estruturado. Isto vale tanto para as entrevistas presenciais quanto para as entrevistas *online*. Desta forma, pode-se alterar a ordem dos itens, podendo o entrevistador, inclusive, não transformar alguns deles em perguntas, dependendo das falas dos entrevistados, que podem tê-los já abordado de forma espontânea. Ainda assim, é importante garantir que todos os itens do roteiro sejam abordados, de modo a viabilizar as análises comparativas previstas pelo MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007a).

Por fim, vale destacar que a todos os entrevistados foi solicitado que dessem o seu “ok” ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²² que receberam imediatamente antes do início da entrevista. Deste termo constam informações sobre os objetivos da pesquisa; sobre os eventuais riscos que ela pode representar para aqueles que dela participam; e sobre o uso que pode ser feito do material coletado. O aval dado pelos participantes ficou gravado juntamente com a entrevista como um todo.

5.5 Analisando as falas dos entrevistados

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que o MEDS não busca a verificação de hipóteses e sim a interpretação dos depoimentos coletados. De acordo com Nicolaci-da-Costa (2007a), no campo da pesquisa qualitativa em geral, a interpretação das falas dos entrevistados pode ser realizada a partir de duas abordagens diferentes: ética e êmica. A abordagem ética parte de categorias prévias, criadas a partir das teorias que servem de base à pesquisa. Já na

²² O termo pode ser encontrado nos *Anexos*.

abordagem êmica, privilegiada pelo MEDS, o ponto de partida são as categorias que emergem do discurso dos participantes. A interpretação do material coletado baseia-se na identificação de regularidades, padrões e outros aspectos recorrentes.

O processo de análise utilizado pelo MEDS consiste de duas etapas complementares. Em um primeiro momento é realizada uma análise interparticipantes. Nesta etapa, são analisadas as respostas dadas pelo grupo como um todo para cada um dos itens do roteiro de entrevistas. Em um segundo momento acontece a análise intraparticipantes, onde cada uma das entrevistas individuais é avaliada de forma detalhada.

Levando-se em consideração o fato de que os entrevistados da presente pesquisa possuem um perfil homogêneo e se pronunciaram sobre todos os itens do roteiro, na análise interparticipantes as respostas de cada um deles foram sistematicamente comparadas em busca de recorrências. Destas surgiram as categorias – sempre êmicas –, que puderam dar maior visibilidade aos valores do grupo ao qual os entrevistados pertencem. Uma vez encerrada esta primeira etapa da análise, foi possível ter uma visão geral dos resultados obtidos – que foi posteriormente aprofundada na análise das entrevistas individuais.

A etapa intraparticipantes, por sua vez, consistiu de uma avaliação sistemática das respostas individuais de cada participante. Durante este processo, foi possível traçar comparações internas aos depoimentos de cada um dos entrevistados. Estas buscaram, entre outras coisas, contradições, inconsistências, novos usos de linguagem e novos conceitos no discurso dos participantes.

O processo de análise utilizado pelo MEDS visa, em última instância, permitir que tenhamos acesso ao discurso subjacente dos entrevistados. Afinal, é este que dá visibilidade às transformações psicológicas que temos por objetivo conhecer.

6

Reflexos do estilo de vida “superconectado”

Nossa era é caracterizada pela rapidez cada vez maior das mudanças baseadas na ciência e na tecnologia, particularmente aquelas trazidas pelos avanços nas tecnologias computacional e das comunicações. A informação está no centro da sociedade e o seu uso afeta profundamente tanto a geração atual quanto a futura. Indivíduos e instituições estão sendo colocados sob enorme pressão e cabe a nós procurar identificar as causas e direções dessa pressão. Assim poderemos esperar alterar nossas instituições a fim de atender às necessidades do homem em uma época de mudanças tão rápidas e fundamentais.

(Diebold, 1969, pp. 1-2 – minha tradução)²³

Procurei, na análise do material coletado, fazer uma divisão por categorias baseada nas colocações reincidentes encontradas nas respostas a cada item, conforme explicado acima. Apresentarei, a seguir, alguns dos trechos considerados mais representativos de tais categorias. Antes, porém, creio ser interessante fornecer ao leitor um perfil resumido dos entrevistados.

6.1

Conhecendo os participantes²⁴

Participaram da presente pesquisa um total de 17 entrevistados, todos brasileiros, do sexo masculino, usuários de *smartphones* e atualmente inseridos no mercado de trabalho. Os participantes tinham entre 30 e 40 anos, sendo a média de idade de aproximadamente 34 anos.

Como mencionado anteriormente, a opção por esta faixa etária se deu em função do fato de que pessoas mais jovens talvez não fossem capazes de fazer um

²³ “Our age is characterized by the accelerating rapidity of scientifically and technologically based changes, particularly those brought about by advances in computer and communications technologies. Information is at the heart of society, and its use profoundly affects this and future generations. Individuals and institutions are being put under enormous pressures, and we must seek to identify the causes and the directions of these pressures. Then we can hope to alter our institutions to meet the needs of man in a time of rapid and fundamental change”.

²⁴ O leitor interessado em ter acesso aos dados de identificação fornecidos pelos entrevistados os encontrará nos *Anexos*.

importante contraponto entre sua experiência de vida, tanto pessoal quanto profissional, antes e depois do surgimento dos telefones móveis inteligentes. Já a decisão de entrevistar somente homens se deu com o intuito de reduzir a influência das diferenças de gênero no atual estudo.

No que diz respeito ao grau de escolaridade dos entrevistados, quinze possuem nível superior completo, enquanto dois estão, no momento, concluindo cursos em Design Gráfico e Radiologia. Em relação às ocupações/profissões dos participantes, a distribuição se deu da seguinte forma: um Advogado; um profissional de Marketing; três com formação em Administração de Empresas; um Jornalista; dois empresários; um formado em Comunicação Social; um corretor de imóveis; um Publicitário; um com formação em Ciências Contábeis; um Técnico Pleno Pesquisador em Eletrônica e Eletrotécnica, com formação em Educação Física e atualmente cursando a graduação em Psicologia; um Arquiteto; um Economista; um formado em Psicologia e em Jornalismo; um Gerente de Recursos Humanos; e um Estatístico. Seis dos participantes possuem ainda algum curso de pós-graduação, estando um deles atualmente finalizando o seu Doutorado.

No momento em que as entrevistas foram realizadas, os entrevistados faziam uso de *smartphones* há, em média, 2 anos e 6 meses, podendo ser divididos em três grupos principais: os que os utilizavam há menos de dois anos, 41%; aqueles que o faziam há mais de dois, porém menos de cinco anos, 41%; e, por fim, os que tiveram seu primeiro contato com um *smartphone* há mais de cinco anos, 18%.

O primeiro contato dos participantes com os *smartphones* foi, inclusive, um dos tópicos abordados nas entrevistas, e será discutido em mais detalhes abaixo. Vale ressaltar que por ter sido dada garantia de completo anonimato às pessoas que colaboraram com o estudo, seus nomes verdadeiros foram substituídos por outros, fictícios.

6.2

Organização do cotidiano

Com o propósito de traçar um pano de fundo para uma posterior discussão e de compreender como os participantes da pesquisa organizam o seu cotidiano e administram o seu tempo, a primeira parte da entrevista foi dedicada a conhecer sua rotina e seus hábitos.

Como esperado, todos disseram que o seu dia-a-dia costuma se dividir entre atividades profissionais, atividades de lazer e tempo dedicado à família. Assim é o cotidiano, por exemplo, de Leandro Brisa, publicitário de 33 anos:

“Acordo, tomo banho, dirijo (ou pego carona com minha esposa) durante 1 h até o trabalho. Trabalho 8h com 1 hora de almoço no meio e volto pra casa. Mais 1h30 de trânsito. Chego em casa. Nas terças e quintas faço natação ao lado de casa. Nos demais dias apenas janto com o resto da família e vou para o computador, pra cama ler ou para a sala ver tv. Algumas vezes mais de uma dessas opções ao mesmo tempo. Depois vou dormir, por volta de 11h. perdão, 23h.”²⁵

Válter Arcain, economista de 34 anos, é outro a descrever uma puxada rotina, dividida entre tarefas profissionais e afazeres domésticos:

“Acordo entre 6:30 e 07:30, troco a fralda da minha filha, fico com ela até a baba chegar umas 08:00. Me arrumo e vou para o trabalho as 08:30, chegando por volta das 09:00. (...) Vou de carro. Chegando no trabalho organizo minhas atividades diárias, olhando agenda de reuniões no outlook, lista de tarefas que organizo no evernote e começo. A trabalhar. Computador, reuniões, apresentações, emails, ligações e por ai vai. Almoço por volta de 12:30 e saio por volta das 20:00. Venho pra casa, janto, tomo banho, e fico pouco na Internet ou TV.”

Salvo raríssimas exceções, os demais participantes não descreveram rotinas muito diferentes destas. É nítido que todos possuem agendas extremamente cheias, e que precisam fazer um verdadeiro malabarismo para equilibrar todos os seus compromissos. É nítido, também, que a maioria trabalha muito e que o trabalho vem ocupando um espaço cada vez maior em suas vidas, ainda que, em muitas situações, aparentemente eles próprios não percebam isto.

²⁵ Esta e as demais falas apresentadas a seguir respeitam as características da “Escrita Digital” (ver Zaremba, 2001 e 2006). Sendo assim, foram mantidos erros de Português e abreviações.

No que diz respeito à carga diária de trabalho dos entrevistados, por exemplo, estes afirmam trabalhar, em média, pouco mais de 9 horas por dia – dependendo, obviamente, de sua ocupação. Aqueles que trabalham “menos”, como Paulo Rosa, de 34 anos, e que tem graduação em Comunicação Social e Pós-Graduação em Engenharia de Produção, disseram trabalhar pelo menos 6 horas diárias:

“Bom, o conceito do que é trabalho pra mim é bem relativo, até porque tem também a escrita (lembrei agora), porque também sou escritor e ocupo as horas “vagas” escrevendo, o que considero uma atividade profissional, ainda que, por ora, não remunerada... Talvez umas 6 em média, segunda a sábado... mas varia muito.”

Enquanto isto, os “mais trabalhadores” chegam a ficar 13 horas na labuta diária. Entre estes dois extremos encontra-se a maioria dos entrevistados, como, por exemplo, Mariano Albuquerque, 33 anos, formado em Ciências Contábeis com MBA em Gestão Empresarial:

“Enquanto home office na faixa de 9 horas, em reuniões meus dias duram 12 horas, e com minha equipe na faixa de 10 horas. Trabalho formal ne, porque emails vejo a qualquer hora, exceto final de semana por decisão minha. Vamos botar uma media de 10 horas.”

Paulo e Mariano tocam em um ponto interessante, que também pode ser encontrado na fala de outros entrevistados, e que será discutido de forma mais aprofundada adiante: a aparente emergência de um novo modelo de trabalho.

Para Paulo, o conceito de trabalho, em si, é bastante relativo. Já Mariano aponta para uma distinção entre um trabalho “formal” e algum outro tipo de trabalho, dando a entender que o fato de ver seus e-mails a qualquer hora do dia poderia constituir uma maneira “informal” de trabalhar. Ele, porém, ainda não parece ser capaz de dar um nome a esta outra forma de trabalho, dizendo apenas ter tomado a decisão de não realizar qualquer tipo de trabalho, formal ou não, durante o final de semana. Com este objetivo, evita ver os seus e-mails nestas ocasiões.

Como veremos abaixo, este tema voltou a ser abordado no decorrer das entrevistas, tendo ficado claro que outros entrevistados compartilham da percepção, e das estratégias, de Mariano. Antes de entrarmos nesta discussão, contudo, seguiremos, por ora, investigando a rotina dos participantes.

6.2.1 Correndo atrás do tempo

Quando indagados a respeito do que fazem, ou gostam de fazer, quando não estão trabalhando, os entrevistados citaram, entre os passatempos mais cobijados, ver televisão ou assistir filmes, ler, jogar videogame, tocar instrumentos musicais, praticar esportes, namorar, ficar na Internet e passar tempo com os amigos e a família.

Ainda assim, a maioria destacou que, na prática, este momento de “lazer” muitas vezes acontece apenas aos finais de semana. Esta é a realidade, respectivamente, do advogado de 36 anos de idade, Jean Rezende, e de Daniel Silva, estudante de Radiologia de 30 anos, que trabalha como corretor de imóveis:

“Não saio no meio da semana, salvo compromissos tipo aniversários, etc... chego em casa por volta das 19, 20 horas, vejo TV, geralmente. Nos fins de semana, saio com amigos, barzinhos ou restaurantes, visito minha família e a da minha esposa, basicamente. Em casa, ouço muita música, jogo xBox...”

“olha, geralmente isso apenas acontece sábado a noite, aí geralmente eu faço o que todo mundo faz, cinema com a namorada, barzinho com os amigos e algumas vezes quando a semana já foi muito puxada ficamos em casa vendo um seriado ou um filme e preparamos um jantar. (...) eu estou tentando muito fazer natação, mas ainda não consegui tempo.”

Perguntados mais especificamente sobre como efetivamente gerenciam o seu tempo e sobre como costumam distribuí-lo entre tantas e tão diferentes atividades, a maior parte dos participantes da pesquisa afirmou que este é um enorme desafio. Para o administrador de empresas Marco Cantini, 30 anos, “esse é o grande problema. Acabo não fazendo tudo e tento dividir meus dias com essas tarefas”.

Marco certamente não está sozinho em sua luta para gerenciar um tempo que nunca parece ser o suficiente. Assim como ele, a maior parte dos entrevistados disse ter a sensação de estar sempre correndo atrás de mais horas em um dia que, invariavelmente, é curto demais para tantos afazeres. Entre eles está Fernando Garcia (38 anos, formado em Psicologia e Jornalismo):

“Olha, isso é um problema sério... Eu na verdade estou sempre procurando trabalhos novos para fazer. Não posso abrir mão do meu trabalho diário. Aí a solução é meio que dividir a parada assim: de manhã eu procuro fazer todas as atividades que são de fora do jornal. Chega 12h, caio dentro do jornal. No

tempo que sobra, faço uma coisa ou outra. De noite, eu procuro não levar trabalho pra casa porque aí já é demais.”

A tática utilizada por Fernando é bastante comum entre outros participantes, que, assim como ele, dizem procurar dividir seus dias em “fatias”, de forma a dar conta de tudo que têm para fazer.

É a fala de Bruno Queiroz, 31 anos, porém, que traz à tona uma questão central no que tange às discussões sobre o gerenciamento eficaz do tempo. Diz o Técnico Pleno Pesquisador em Eletrônica e Eletrotécnica, Professor de Educação Física e atualmente estudante de Psicologia:

“Bom, arrumar tempo é sempre complicado. As vezes uma atividade emenda na outra, ou seja, enquanto trabalho surge um tempo livre e daí me exercito ou leio algo... Não existe hora certa para as atividades acontecerem. O certo mesmo é que depois de um tempo resolvi priorizar a saúde. (...) Escolhi depois de um certo tempo, na verdade, depois de trabalhar em uma área que não me permitia “ter” saúde, optar para uma prática em que eu não fosse tão bem remunerado, porém retomaria um pouco da minha vida social e bem estar físico, mental, enfim...”

Ao falar sobre a escolha que fez para sua vida, Bruno toca em um ponto que, apesar de ser aparentemente primordial, pouco é lembrado pelos demais entrevistados: a importância de se estabelecer prioridades. Apesar de ser um dos mais jovens entre os participantes da pesquisa, ele demonstra ter adquirido uma perspectiva sobre a vida que outros parecem não possuir.

Assim, ao invés de lutar contra o tempo para tentar dar conta das inúmeras demandas e exigências de que todos são alvos, e pagar um alto preço por isso, Bruno optou por priorizar sua vida pessoal e sua saúde, ainda que, para tal, tenha tido que abrir mão de outras coisas.

Este, contudo, não parece ser o caso da grande maioria dos entrevistados. Com a confusão cada vez maior entre o “tempo de trabalho” e o “tempo de lazer” – também destacada na fala acima –, a maior parte dos participantes da pesquisa relata encontrar muita dificuldade para equilibrar a vida profissional e a vida pessoal. É este, inclusive, o assunto que será abordado a seguir.

6.2.2 Vida pessoal x vida profissional

Poucos foram os participantes que disseram não encontrar problemas para conciliar a vida pessoal com a vida profissional. Entre estes estão o estudante de Design Gráfico e empresário Michel Costa, de 33 anos, que diz estar procurando organizar o seu tempo de forma a não abrir mão de sua vida social em função dos compromissos de trabalho...

“De um tempo pra cá (estou) organizando minha vida para tentar fazer uma ou duas viagens por ano. Não vejo nenhum problema em conciliar isso não, além do que, durante a semana vou na bocha jogar meu carteadado 2 vezes na semana e fim de semana quando a minha filha está comigo fico a disposição dela e quando não está, vou a praia, saio pra jantar, vou em alguma festa...”

E Mariano Albuquerque, que destaca o fato de trabalhar em casa como um fator preponderante para isto:

“Hoje consigo (conciliar) sim! Acredito que eu esteja em uma função privilegiada por ser home Office. So por isso ja ganho umas 3 horas de transito e consigo escolher que horas trabalhar, por isso consigo conciliar bem. (...) Vejo meus pares que nao sao home office e que talvez tenham ate menos demanda que eu e acabam nao conciliando por conta da falta de flexibilidade de horarios e transito tb.”

A esmagadora maioria dos entrevistados, porém, destacou a dificuldade encontrada para manter o equilíbrio entre estas duas esferas de suas vidas. Alguns, como o jornalista Felipe Brasil, de 30 anos, chamaram atenção, inclusive, para alguns conflitos gerados por este “desequilíbrio”:

“nao, obviamente que tendo um trabalho e um blog a vida pessoal fica prejudicada. sei disso, é algo conversado com a esposa. mas obviamente nao há um equilíbrio. (...) tenho pensado sobre isso nos últimos dias (crise dos 30). todo mundo gostaria de ter mais tempo livre, né, cara... amo o que faço. amo trabalhar. mas se pudesse traablhar com menos pressao, menos prazos inexistentes, e ter tempo de jogar meu tenis todos os dias...”

Marcelo Greips, um administrador de empresas e gerente de negócios de 37 anos de idade, é outro a falar sobre o quanto a falta de equilíbrio entre a vida pessoal e a vida profissional pode ser prejudicial para a vida familiar:

“Pessoal fica devendo... Falta tempo p participar mais das questoes referente a educacao do meu filho. Precisaria de 4hs a mais durante a semana. Q poderiam vir se a locomocao p trabalho Fosse mais rapida e se trabalhasse umas 2hs a menos. (O que você faria com este tempo adicional?)²⁶ Academia, ingles e levaria meu filho a natacao. As vezes, um teatro ou até mesmo um happy h c a minha esposa, coisa q nao fao a anos.”

Ter mais tempo para a família, para a namorada, para os amigos ou para a prática de atividades físicas parece ser, de fato, um sonho de muitos. Entre eles está Daniel Silva, que, em função dos muitos compromissos de trabalho, passa dias sem ver os amigos e a namorada, que só encontra aos sábados à noite. Daniel diz que “gostaria muito de ter maior liberdade para organizar os horários de trabalho, gostaria de ter maior tranquilidade financeira e ter mais tempo para atividades físicas”.

É justamente neste cenário de pouco equilíbrio entre a vida pessoal e a vida profissional que entram em cena os *smartphones*, principal ponto de interesse do presente estudo. A questão que se coloca no momento é: seria o telefone móvel inteligente um novo “aliado” ou mais um “inimigo” na difícil tarefa de administrar o tempo de forma eficaz? Este foi o tema do segundo bloco das entrevistas e é a ele que daremos atenção a seguir.

6.3 A entrada em cena dos smartphones

Feito este breve levantamento a respeito da rotina dos entrevistados, podemos agora passar ao nosso tema central: quando e como os *smartphones* entraram em suas vidas, e o que estão trazendo para elas.

De forma a trazê-lo à tona durante as entrevistas, introduzi o assunto perguntando aos participantes da pesquisa há quanto tempo possuíam e faziam uso dos telefones inteligentes. Ainda que esta tenha sido uma pergunta despreziosa, que tinha como função principal apenas a de servir como elo entre os dois primeiros blocos da entrevista e como forma de introduzir o tema de maior interesse para a pesquisa, algumas importantes constatações puderam ser alcançadas através dela.

Como mencionado anteriormente, em média, os participantes do presente estudo faziam uso de *smartphones* há 2 anos e 6 meses. Aproximadamente 18%

²⁶ Os trechos sublinhados e entre parênteses são intervenções minhas durante as entrevistas.

deles travaram seu primeiro contato com o aparelho há mais de cinco anos, enquanto 41% o fizeram há mais de dois e menos de cinco e os 41% restantes há menos de dois anos.

Os modelos utilizados são os mais variados, com o iPhone e o Samsung Galaxy liderando uma lista que conta ainda com BlackBerry, Motorola, Nokia, LG, Windows Phone e Nextel, entre outros menos citados. Quando indagados se já fizeram uso de modelos diferentes e sobre sua motivação para a escolha do aparelho, os participantes também se dividiram em alguns grupos.

Existem aqueles, como Jean Rezende, Bruno Queiroz e o gerente de RH de 36 anos, José Valério Gama, que continuam “fiéis” ao primeiro *smartphone*:

“Samsung Galaxy. Sempre foi esse. Quando comprei um LG Optimus para trocar, minha esposa “sequestrou” e acabei ficando com o que já tinha mesmo, rs!!!”

“Eu possuo um Iphone. Esse é o meu primeiro Smartphone. Na verdade (optei pelo iPhone) porque já possuo outros aparelhos da Apple e optei pela qualidade, apesar de ser um pouco mais caro.”

“iPhone 5. Branco. (Você já teve algum outro?) Smart phone não. Gosto da Apple. São os melhores.”

Um segundo grupo, composto, entre outros participantes, pelo administrador de empresas Fábio Valentino, de 35 anos, por Michel Costa e por Mariano Albuquerque, já teve dois ou mais aparelhos de modelos diferentes:

“o primeiro foi um Samsung (...) nao lembro o modelo. e agora tenho um Motorola. esse Motorola é o básico dos smarts. (...) eu peguei o disponível mesmo... nao queria gastar dinheiro para comprar um modelo superior.”

“Gosto muito da Apple, mas não sou daqueles que vive fechado dentro do mundo Apple. Tive o iPhone 4, comprei o 5 há pouco tempo, mas tive um problema com ele e agora resolvi conhecer o Galaxy por curiosidade. Na real, não foi apenas a curiosidade e sim por ter visto que o Galaxy está melhor em alguns aspectos.”

“Meu primeiro era um blackberry. (...) Troquei faz 1 ano e 4 meses. (...) O Iphone é da empresa e nao meu. Mas mesmo assim eu iria mesmo trocar porque o blackberry ficou totalmente obsoleto. Conexão muito ruim a Internet, sem aplicativos interessantes, lento e com pouquissimas funcionalidades interessantes que nao responder emails.”

Por fim, alguns dos entrevistados, como Marco Cantini, Paulo Rosa e o estatístico Anderson Moura, de 31 anos, respectivamente, possuem e utilizam, no momento, mais de um *smartphone*:

“Tenho iphone3. Deve ter uns 4 anos? Acho que isso. Tenho dois smartphones hj. Iphone e Motorola. Até semana passada tava com 3 tels. Dois smart e um.nextel.”

“tenho dois, ganhei um de presente familiar, mas o que mais uso é o que comprei, mas com incentivo da empresa. (...) nokia windows phone que tenho há um ano samsung s3 que tenho há 6 meses.”

“comprei a 1 ano e meio (...) depois q comprei o iphone a empresa me deu um BB (Então você hoje tem os dois?) 3. pq o nextel eh tipo smartphone. mas acho ruim.”

As falas de Paulo e Anderson introduzem uma importante diferença no que diz respeito às motivações dos participantes para adquirir o primeiro telefone inteligente. Como foi possível perceber, nem todos começaram a utilizar o dispositivo por opção própria.

Marcelo Greips foi um dos que ganharam seu primeiro aparelho da empresa: “Corporativo da CIA. O uso é 80% trabalho”. Outro nesta situação é Válter Arcain, que possui uma extensa lista de *smartphones* corporativos em seu “currículo”:

“troquei algumas vezes. o 1o foi um nokia N95. (...) depois mais um ano com um HTC com windows mobile. (...) depois mais uns 8 meses com um motorola com android, e depois em 2010 um iphone 3GS. até aqui todos da empresa. O Motorola foi emprestado para teste. o HTC deu problema, e pedi esse emprestado. o iphone foi dado mesmo. (...) em maio de 2011 comprei um 4S em uma viagem a trabalho para os estados unidos.”

Existem também aqueles que ganharam seu primeiro telefone inteligente de presente de familiares. Este foi o caso, por exemplo, do arquiteto Leonardo Cantão, de 33 anos: “Ganhei. Meu pai. Tem uma conta família e tinha pontos. O i phone 4. Continuo com ele até hj. (...) o meu era um velho da sony eu acho... Nem tinha acesso a Internet”.

Outro a ter sua iniciação no mundo dos *smartphones* promovida pela família foi Fernando Garcia, que conta que seus pais são grandes adeptos da tecnologia:

“Eu ganhei. Meu pai que me deu de presente, ele ficava meio com pena do meu celular e me deu um novo. Não achava que fosse precisar muito de um smartphone até ganhar este. (...) galaxy s4. meu pai que me deu. ele é meio nerd com essas coisas. ele e minha mae têm, cada um, dois tablets. caada um tem seu notebook. meu pai tem uns 71 anos e minha mae 63. perto de mim, eles parecem o bill gates e o steve Jobs.”

Fernando pode só ter percebido o quanto um telefone móvel inteligente era “necessário” em sua vida após ter sido presenteado por seus pais com seu primeiro aparelho. Para a maioria dos entrevistados, entretanto, esta necessidade foi a principal motivação para a aquisição do primeiro *smartphone*.

6.3.1 O primeiro smartphone a gente nunca esquece

Como mencionado acima, nem todos os participantes da pesquisa começaram a fazer uso de telefones inteligentes por opção. Existe um grupo que recebeu seu primeiro *smartphone* da empresa e outro que o ganhou de presente de familiares.

O terceiro e maior grupo, contudo, é composto exatamente por aqueles que adquiriram seu primeiro aparelho por vontade própria. Os motivos apresentados são os mais diversos. Há pessoas, como o advogado Jean Rezende, que disseram tê-lo feito por pura vergonha:

“Sinceramente? Você vai rir. Nunca liguei para celular, mas quando fui negociar um acordo com o advogado de uma empresa fiquei com vergonha do meu antigo, rs... infelizmente, aparência conta para clientela. Na verdade, a primeira motivação foi essa, pura vergonha do meu ex-tijolão, rs!!! A possibilidade de ficar on-line fora do escritório... na verdade, uso o smartphone 90% para o trabalho.”

Apesar de a motivação inicial de Jean ter sido a de preservar sua imagem perante seus clientes, a possibilidade de permanecer *online* mesmo fora do escritório parece ter sido outro importante fator em sua decisão de comprar um telefone móvel inteligente. Como foi possível perceber pelas falas de outros participantes da pesquisa, o advogado não seria o único a tocar nestes pontos.

Assim como ele, o empresário Ronaldo Longos, de 40 anos, disse ter adquirido seu primeiro *smartphone* por opção e necessidade, pois “ao visitar os clientes, eu levo comigo as tabelas de vendas, tabelas de compras, e-mails, fotos de

projetos etc. Além disso, pelo *smartphone*, consigo acessar remotamente o meu computador em casa. Isso acabou simplificando muito a minha vida”.

A possibilidade de ter acesso constante à Internet – e as facilidades que isto traria –, mencionada tanto por Jean como por Ronaldo, parece ter sido, na verdade, o principal fator de motivação para a maior parte dos entrevistados adquirirem seus primeiros aparelhos.

Foi esta promessa de conexão constante que atraiu, entre outros, o administrador de empresas Fábio Valentino, que também buscava “acesso a Internet. meus amigos tinham e falavam das vantagens. resisti um pouco, mas acabei cedendo. (...) estar conectado principalmente. conseguir checar os e-mails pessoais tb”.

Outros que destacaram a questão da maior “conectividade” como a razão para terem se rendido aos *smartphones* foram Marco Cantini, Felipe Brasil e Mariano Albuquerque, respectivamente:

“Ter agilidade e poder continuar on line mesmo fora do escritorio. (...) Opção minha. Paguei caro rs.”

“comprei no programa de pontos da minha operadora. paguei uma parte dele. a motivacao foi poder ter acesso à internet do celular, algo que nunca tinha feito.”

“Mais informação a qualquer hora e estar mais conectado com meus amigos.”

Como é possível perceber pelos depoimentos acima, a possibilidade de estar “conectado” o tempo inteiro é percebida por muitos como algo extremamente vantajoso. Ter acesso constante e fácil a qualquer informação e estar a par de tudo o que está acontecendo no mundo a qualquer momento, bem como a chance de manter contato com pessoas importantes – ou não – e de administrar assuntos pessoais e profissionais com maior facilidade e eficiência parecem ser, para a maioria dos participantes da pesquisa, os principais atrativos dos *smartphones*.

Ainda que muitos apontem vantagens na conexão constante, contudo, há aqueles, como Bruno Queiroz, que percebem esta “hiperconectividade” como uma verdadeira faca de dois gumes:

“Depois também comecei a perceber o quanto perdemos tempo com essa facilidade. Estar conectado também é estar “disponível” o tempo inteiro. (...) A distração é muito grande. Quando a atividade que você está fazendo de certa

forma se apresenta entediante escapar para essa “fácil” distração é um caminho muito rápido. Continuo dizendo as pessoas possuem uma escolha, podem até colocar as mensagens em alertas vibratórios ou silencioso, mas é bem difícil controlar isso. Tenho tentado mudar este hábito.”

Bruno não parece ser o único a enxergar a situação desta maneira e outros entrevistados também falaram sobre as precauções que estão tomando para que esta nova tecnologia não se torne um problema em suas vidas. Antes que possamos abordar esta questão, porém, é importante analisarmos o tipo de uso que vem sendo dado por eles a seus *smartphones*.

6.3.2 As mil e uma utilidades do smartphone

No caso dos participantes da presente pesquisa, os usos dos telefones inteligentes variaram desde realizar ligações – algo muito pouco mencionado, por sinal – até a função de despertador.

A lista de aplicativos utilizados pelos entrevistados é bastante extensa, incluindo, entre outros: 9Gag, aplicativos de bancos, calculadora, Candy Crush, Cartola FC, corrida, Dropbox, e-mail, Evernote, Facebook, Flipboard, fotos, Google Maps, GPS, gravador, Idesp Money, Instagram, jogos, Kindle, LinkedIn, livros, música, navegadores, Netflix, PagSeguro, previsão do tempo, Rdio, Shazam, Skype, SMS, tradutor, Tune In, Twitter, Vai Rio, Viber, vídeos, vôos, Waze, What’s App e YouTube. De todos os citados, os mais recorrentes são aqueles utilizados para saber como está o trânsito na cidade – o que é bastante compreensível, considerando que os entrevistados moram no Rio de Janeiro – e para interagir com outras pessoas, como é o caso do What’s App, do Facebook e dos aplicativos para e-mails.

Entre os usuários frequentes de redes sociais estão, respectivamente, Ronaldo Longos e Fábio Valentino:

“utilizo também para me comunicar, seja através de telefone, voip (skype, viber) ou mensagens (whatsup). No facebook, a cada 2 horas para verificar as atualizações dos meus amigos. No skype, eu falo com meus filhos (Santos), meus pais (Petrópolis). No whatsapp, costumo me comunicar ao longo do dia com minha namorada. Acho que utilizo mais o facebook.”

“eu uso MTO o whatsapp. uso o dia inteiro... falo de td. Namorada. grupo de amigos. e trabalho Tb. sou responsável por uma equipe q fica fora do banco. e la tem um supervisor o cara tb tem smart, então nos falamos por whatsapp.”

Outro frequentador assíduo delas é Mariano Albuquerque, que chega a admitir que “Whatsapp é praticamente minha vida...rs Facebook e linkedin tb, mas os dois uso muito mais como espectador apenas”. Segundo Mariano, como ele nunca gostou muito de falar ao telefone, as redes sociais são a solução perfeita para que ele possa falar e parar quando quiser. Além disso, elas permitem que ele converse com diferentes pessoas ao mesmo tempo.

No caso de Mariano, porém, o aparelho serve também como uma importante ferramenta de trabalho:

“Hoje ainda uso como ferramenta de trabalho principal tb! Tenho uma equipe de 18 pessoas e nao ha nada melhor para nos comunicarmos toda hora, com agilidade e sem perder historico o email so uso para formalizar. Sem duvida! (O What's App) É o que mais uso sim. Nao pago conta de telefone, mas se pagasse ainda seria mais um motivo para usa lo em vez de ligar!”

O uso dos *smartphones* para fins de trabalho, por sinal, foi bastante mencionado pelos participantes da pesquisa. Marco Cantini, por exemplo, diz utilizar “aplicativo dos.emails (...) Carrego as vezes duas vezes por dia os aparelhos. Uso (muito) sim. 90% pra.trabalho”. Marco, porém, diz ter como objetivo diminuir este uso “pra ontem! As vezes fico com dor na orelha. Dor.de cabeça. Uso o fone pra me ajudar. Po muito o tempo todo.falando. Ou vendo email”.

Apesar de muitos entrevistados compartilharem deste mesmo objetivo, quando indagados sobre se e quando desligam os seus *smartphones*, praticamente todos disseram nunca fazê-lo. Muitos, contudo, relataram já ter ficado “desconectados” por motivos de força maior. Neste caso, as reações são bastante diferentes, como veremos abaixo.

6.3.3 Conexão 24 horas por dia

Para alguns, como Leonardo Cantão e Ronaldo Longos, estar “desconectado” não parece gerar grandes problemas:

“Só (fico desconectado) quando dá algum problema... Em geral deixo ligado o dia inteiro. E recarrego de noite e eventualmente no trabalho pelo computador. Algum problema com o 3g por exemplo. (Como você lida com o fato de estar “desconectado”?) Normal. Não morro por causa disso.”

“Neste último Domingo. Esqueci de recarregar de Sábado para Domingo... No final de tarde a bateria acabou. (...) Meu maior problema foi ficar sem o GPS (...) Não cheguei a tremer de abstinência.”

Para outros, ficar sem acesso ao *smartphone* não apenas não é um problema, como pode proporcionar uma agradável “sensação de paz”. É o que diz Michel Costa:

“(Fica) Ligado direto, agora eu te pergunto, quem desliga um telefone hoje em dia? Acho que só meu pai!! Hahahahahahaa. (...) Fiquei sem meu telefone na metade da viagem pra frente e estou até hoje, meu Galaxy só deve chegar essa semana. Posso te falar uma verdade, que paz!! Ahahahahahaha. (...) Nenhum bicho de 7 cabeças, só simplesmente não respondo de imediato como se estivesse com o telefone em mãos. (...) as vezes é até bom, tem uma galera que é meia sem noção e fica o dia inteiro fazendo posts no FB, te chamando no whatsapp, enfim, como falei, da uma paz.”

Michel não é o único que diz se sentir bem ao se “desconectar”. Existem aqueles, como Fernando Garcia, que, por opção, procuram fazê-lo em alguns momentos do dia: “eu desligo quando chego em casa. (...) Meus pais, meus melhores amigos e minha mulher sempre sabem onde eu estou (...) Eu desligo já pensando “cara, chega!!!”. Quando indagado a respeito do sentimento que tem ao se “desligar”, porém, Fernando fez um adendo no mínimo interessante, dizendo que “por enquanto, é tranquilo. Se quiser repetir esse papo daqui a uns meses... Hehe.”.

Com base nas falas de Michel e de Fernando, entre outras, a pergunta óbvia que parece se colocar aqui é: se estar “desconectado” é algo prazeroso e que gera um certo tipo de alívio, por que será que os *smartphones* praticamente nunca são desligados? Para esta pergunta, entretanto, os entrevistados parecem não ter resposta. Existem apenas consequências...

Outro que diz jamais desligar o seu telefone inteligente, Marcelo Greips, por exemplo, recrimina o hábito que algumas pessoas têm de utilizar seus *smartphones* na praia ou em restaurantes:

“Nunca (desligo). Mas em momentos de lazer deixo no mudo e guardo na gaveta. Depois eu vejo se tem mng ou ligação. Ainda acho um absurdo levar celular a praia ou ficar teclando no meio do restaurante. Almoco dia da semana,

em horario do trabalho, sim. De resto, nao. Mesmo no Almoco em dias de trabho, deixo o smart no bolso. Nao vejo email. Mas se alguem ligar ou madar mng atendo.”

O mesmo Marcelo, contudo, se contradiz ao afirmar que “não existe mais tempo ocioso” e que agora ele pode responder e-mails e resolver coisas de trabalho onde quer que esteja: “qd estou na rua, viajando a lazer ou num restaurante, Posso fazer coisas do trabalho”. Ao que parece, ele próprio não percebe a contradição em sua fala.

Marcelo, porém, definitivamente não está sozinho. Como foi possível notar, muitos dos entrevistados não identificam em si próprios alguns dos comportamentos que apontam como “inadequados” em outras pessoas. O uso que eles próprios fazem de seus aparelhos parece ser sempre mais “crítico” e “criterioso” que o dos outros.

Ainda assim, muitos admitem ter grande dificuldade em administrar as situações em que estão “fora do ar” sem que esta tenha sido uma decisão própria. Enquanto para Fábio Valentino estar *offline* é “meio estranho né... você fica sem saber do q esta acontecendo entende? fica desplugado msm. honestamente eu nem tenho mta consciência dessa "dependência". acho q e meio automático (...) vc fica fora do ar”, para Paulo Rosa, estar desconectado “é chato. Porque me comunico muito pelo aparelho. Procuo logo uma chance pra carregar”.

Mariano Albuquerque é outro que diz achar “horrível” se sentir “fora do mundo”:

“Horriavel! So topo ficar desconectado quando estou viajando de ferias, que aí o intuito é me desconectar da rotina mesmo! E acho que acabou topando me desconectar pois geralmente viajo para fora e a conexão é cara. Se fosse barata talvez eu ficasse conectado também ja que assim que chego no hotel ou em restaurantes ja busco um wi fi. Acho que a resistencia nas ferias é maior mas tb nao conseguiria essa desconexão por muito tempo nao... Digo isso porque sempre que tem um wi fi nas viagens a primeira coisa que faço é me conectar para me atualizar. Estar desconctado parece estar fora do mundo, meio que sem informação ou contato com os outros. Posso ficar sem acessar pagina de noticia ou ligar a tv que sei de tudo que acontece no mundo mesmo assim quando estou conectado.”

Parece ser de Daniel Silva, contudo, a mais interessante analogia para explicar a sensação de estar “desconectado”. Para Daniel, é “como se tivesse em uma caverna com um lampião a querosene e nada mais. principalmente pq isso

nunca acontece quando eu estou no trabalho, em casa ou na aula onde eu posso recorrer ao wi fi, é só no transito ou em viagens mesmo”.

Foi curioso perceber, porém, que, em meio a tudo isso, alguns dos entrevistados parecem preocupados com os seus próprios sentimentos, o que, como já foi mencionado acima, os têm levado a adotar algumas estratégias para se “proteger” de seus *smartphones*. Como exemplo, podemos citar os casos de Felipe Brasil e Leandro Brisa:

“jamais. n desligo nunca. mas qdo chego em casa tento deixá-lo longe do meu alcance. pq iphone vicia. deixá-lo longe é um motivo a menos para ficar conectado o tempo todo. algo q conseguiria facilmente. e é motivo de brigas do casal. esposa briga menos por causa do basquete ou do trabalho e mais por causa do celular...”

“Nunca desliga. Só no avião. Mas também nem sempre fica próximo a mim. Em casa em geral fica longe. Agora por exemplo. (...) nos finais de semana (inclusive na praia) ele fica comigo. Só não uso mesmo dentro de casa (as pessoas até já sabem que quando não atendo o celular é porque estou em casa).”

Diante deste cenário, como será que os entrevistados percebem suas vidas após a entrada em cena dos *smartphones*? Este foi o tema central do terceiro e último bloco das entrevistas, e é sobre ele que falaremos abaixo.

6.4

Vida pós-smartphone

Quando solicitados a discorrerem sobre o impacto que o *smartphone* teve sobre suas vidas, as opiniões dos participantes mais uma vez se dividiram. Para alguns, o aparelho trouxe facilidades, para outros, gerou alguns problemas. Começamos pelos pontos considerados positivos...

6.4.1

Vantagens trazidas para o dia-a-dia

Uma parte dos entrevistados destacou, entre outros pontos, a maior facilidade que os *smartphones* trouxeram para o cotidiano. O advogado Jean Rezende, por exemplo, diz ver os seus e-mails constantemente, “para o caso de alguma

emergência, algo do gênero, ou o banco para ver se, por exemplo, entrou algum pagamento de acordo e repassar para o cliente (...) O que o *smartphone* me ajuda, e muito, é monitorar o que está havendo enquanto estou fora”.

Ronaldo Longos foi outro a destacar as maneiras pelas quais seu telefone inteligente facilitou sua vida:

“Ele não chegou a determinar o que eu deveria fazer. Ele apenas facilitou meu trabalho quando estou fora da minha base. (...) Não preciso ficar levando pastas com tabelas. Posso tirar fotos dos trabalhos realizados, posso ler e enviar e-mail de onde estiver. Basta sair de casa com o *smartphone* e carteira...”

Há também aqueles que destacam o quanto o aparelho favoreceu a organização de compromissos e de horários. Para José Valério Gama “a vida ficou mais planejada (...) você se acostuma a se organizar melhor o seu dia-a-dia.”. Apesar de dizer que era feliz sem seu *smartphone*, e que levava outro tipo de vida antes deste “invadir” o seu cotidiano, Marco Cantini é outro que reconhece que os telefones inteligentes trouxeram facilidades:

“Era feliz sem ele (...). Tinha um outro tipo de vida. (...) Se eu tivesse esse ritmo de vida e compromisso sem um *cel smart* poderia dizer que seria diferente. Mas a gente se adapta. (...) Quando falamos em *smartphone* não falamos só em responder email e rede social. Tem outras ferramentas, como já dei exemplos que facilita a vida. Google maps. Google place. Enfim, é por aí.”

Em direção semelhante vão os depoimentos de Anderson Moura, Felipe Brasil e Daniel Silva, outros que apontam um lado muito positivo no dispositivo:

“Na verdade trouxe facilidades. Como *ehattapps*. A coisa dos *aapps* de trânsito e tal. É uma solução saudável.”

“evolução, cara. q nem a vida com tv a cabo. Etc. foi uma evolução da sociedade, o avanço da tecnologia.”

“(eu diria) que atualmente (a minha vida) é muito melhor sem sombra de dúvida, hoje os problemas não se acumulam e eu não fico recebendo recadinhas de cliente quando chego no escritório. (...) eu consigo dar atenção a minha namorada pelo celular, faço videoconferência com ela e não ouço tanta reclamação quanto eu estar trabalhando muito.”

A sensação de maior conexão com pessoas importantes e queridas, como no caso de Daniel e sua namorada, foi um ponto bastante mencionado pelos

entrevistados. Enquanto Paulo Rosa, por exemplo, utiliza alguns dos recursos disponibilizados por seu *smartphone* para permitir que as pessoas acompanhem o desenvolvimento de seu filho recém-nascido, Leandro Brisa diz se sentir mais conectado a sua família depois que passou a fazer uso dos telefones inteligentes:

“Tenho mais contato com quem quero e com quem não quero. Gosto! (...) Postar foto do meu filho no face e no instagram e acompanhar curtidas e comentários. É fantástico, muitos não o viram pessoalmente mas podem acompanhar de longe.”

“A resposta é meio imbecil, mas eu me sinto de fato mais "conectado" com a família e amigos.”

Assim como eles, Mariano Albuquerque e Marcelo Greips também percebem este aumento no grau de “conectividade” experimentado pelas pessoas, destacando algumas de suas vantagens. Eles citam os seus próprios exemplos para ilustrar este raciocínio:

“(Minha vida se tornou) Muito melhor depois (dos *smartphones*). Me sinto mais informado e conectado com o mundo e pessoas. Acho que sou mais produtivo no trabalho e de quebra ainda me divirto nas horas vagas. Agora tiro mais fotos e divido momentos felizes com meus amigos tb rs.”

“O celular deixa a familia conectada e rastreada 24hs. Isso faz nossos habitos mudarem. Um imprevisto q nos impeça de chegar a um compromisso, um acidente, a rapidez da comunicacao em qq lugar. Muitos habitos mudaram nesse mesmo moento oriundos da Internet e suas redes sociais. Mas na Mina visao, o smart deu mais mobilidade a esses novos habitoa.”

Como se pode perceber, muitos são os que encaram o *smartphone* como um verdadeiro aliado em um momento de grande confusão e turbulência. Com seus inúmeros recursos, ele teria vindo tornar nossas vidas mais fáceis, mais conectadas e mais organizadas. Os novos hábitos destacados por Marcelo – para os quais, segundo ele, os telefones inteligentes teriam dado maior mobilidade –, contudo, nem sempre são percebidos de forma tão positiva.

6.4.2 Maior organização ou perda de foco?

É curioso notar que, ainda que defendam que o *smartphone* trouxe maior organização para suas vidas, alguns dos participantes da pesquisa apontam para

uma possível perda de foco em função das diversas possibilidades que o aparelho traz.

Esta aparente ambiguidade é percebida em falas como a de Paulo Rosa:

“Me comunico mais por mensagem. O que as vezes ajuda as vezes interrompe. Recebo emails toda hora, o que mantém atualizado, mas desloca a concentração. Organizo melhor minhas anotações. A interatividade constantemente é uma moeda de dois lados. Assuntos nos perseguem “fora de hora” e o mundo clama por nos distrair. Atrapalha muito. Por outro lado, consigo agilizar comunicações e emails e organizar meus documentos na rede com acessibilidade a todo instante. Mas o saldo é que consome mais o tempo do que abre tempo livre. Porque aumenta o leque, e muito.”

A visão de Paulo é compartilhada por outros entrevistados, que em muitas situações também percebem o telefone inteligente como um “vilão” disfarçado de “herói”. De acordo com eles, o que existe é uma “ilusão” de que o aparelho veio facilitar a nossa vida, quando, na verdade, ele apenas geraria mais demandas e criaria mais compromissos, o que, no final das contas, poderia tirar nosso foco e acabar sendo contraproducente.

Válter Arcain está entre os que defendem este ponto de vista. Ele diz que costuma usar o seu telefone inteligente no caminho para o trabalho com o objetivo de “adiantar” e-mails e conferir a agenda de reuniões, entre outras atividades. O próprio Válter, contudo, questiona se é isto mesmo que ele está fazendo: “não sei se estou adiantando algo. Mas me incomoda um pouco esta questão de ter sempre tudo a mão, da uma ansiedade e as vezes desfoca. principalmente no trabalho”. Ele vem tentando encontrar respostas para o que percebe estar acontecendo consigo mesmo.

Reforçando o que já havia sido dito por Marcelo Greips, Válter também acredita que novos hábitos estão sendo criados como resultado da entrada do *smartphone* em sua vida. Diferentemente de Marcelo, porém, ele nem sempre os percebe como positivos:

“Estou em alguma reunião, o tema desviou um pouco, abro logo o email para ver se tem algo, ou sms, até FB, dependendo da reunião. Não gosto disso, mas faço. Acordar de manhã e já querer ver o email e facebook, antes de dormir o mesmo. Gostaria de gastar menos tempo com essas tarefas, e mais tempo lendo, até vendo TV, jogando video game, escutando música por ex. (...) Acho que entrou na rotina, virou habito. um mal hábito na minha opinião. queria chegar em casa e deixar o cel no quarto. sem olhar :)”

Outro a falar sobre esta mudança de hábitos é Leonardo Cantão, que, assim como outros participantes da pesquisa, percebeu uma significativa diminuição no uso dos computadores pessoais após a disseminação dos telefones inteligentes. Segundo Leonardo, hoje em dia ele tem “entrado menos no pc de casa. E o fb eu praticamente só uso pelo celular atualmente. Lembretes eu uso o bloco de notas do celular... Ah... Eu de vez em quando crio uns grupos pelo whatsapp pra resolver alguns assuntos...”.

A principal questão levantada pelos entrevistados no que concerne às mudanças trazidas pelos *smartphones* para o seu dia-a-dia, porém, foi outra: o uso que atualmente fazem do seu tempo “livre”.

6.4.3

Fim do tempo ocioso ou aumento na carga de trabalho?

A forma como os participantes da pesquisa têm preenchido o seu tempo após a entrada em cena dos telefones inteligentes foi algo que chamou bastante atenção. Como argumentam alguns, apesar de seu cotidiano não ter sofrido grandes mudanças, a presença do *smartphone* é agora algo indispensável, especialmente nos momentos em que não se tem nada para fazer. Engarrafamentos e filas de banco nunca mais serão os mesmos. Companhias desagradáveis, tédio... Ao que parece, o aparelho é um verdadeiro “antídoto” para os “vácuos do dia”, como disse um dos entrevistados.

Para Felipe Brasil e Leonardo Cantão, entre outros, não há mais desperdício de tempo:

“nunca fico parado. no ônibus. ouço musica. pago conta. faço transferencia do banco. mando email. critico a cbb pelo twitter. atualizo meu facebook pessoal ou do blog. acho que "perco" menos tempo com o iphone em mãos. (...) em média levo 40 minutos p ir ao trabalho. se tivesse q fazer tudo o q faço no 512 na empresa. perderia mto tempo lá. e conseqüentemente ficaria mais tempo no trabalho. entende?”

“(...) além de ajudar no trabalho, me manter mais tempo conectado e ter mais acesso a conteúdos do meu interesse, nos tempos ociosos, ou "perdidos" (trânsito, fila de banco, esperando uma consulta médica) tenho o i phone para me distrair.”

O curioso é que, ainda que afirmem preencher estes vazios do dia com tarefas na maior parte das vezes ligadas a questões profissionais, alguns dos entrevistados

não percebem isto como um aumento em sua carga de trabalho. Para estes, não houve qualquer alteração na quantidade de horas de trabalho por dia. O contraditório Marcelo Greips faz parte deste grupo. Segundo Marcelo, ele atualmente trabalha o “mesmo numero de hs. Só q antes, ficava fisicamente mais tempo no escritorio. Hj dedico o mesmo tempo só q sem estar preso num lugar”.

Michel Costa está entre os que não consideram os e-mails respondidos fora do horário comercial como horas adicionais de trabalho:

“Não (acho que eu esteja trabalhando mais do que antes) pq a única coisa que me ajuda em relação a trabalho é a agilidade nos emails. Não conto responder email de cliente fora do horário comercial excesso de trabalho, acho que apenas agiliza as coisas como falei.”

Como destacado anteriormente, contudo, é possível perceber muitas contradições no discurso dos entrevistados quando o assunto é trabalho. Anderson Moura, por exemplo, argumenta que não considera que sua carga de trabalho tenha aumentado, pois, segundo ele próprio, ele não é um “high user” e não usa seus *smartphones* (ele possui três deles!) “como um louco”.

Ainda assim, Anderson diz checar seus e-mails quando está a caminho do trabalho, durante o almoço ou após ter saído do escritório. Esta seria, nas palavras dele, “uma forma de se organizar” e “tentar saber se o dia vai ser punk”. Finalmente, Anderson “confessa” estar trabalhando mais atualmente do que trabalhava antes de travar contato com o aparelho: “mais. um pouco. porque acabo respondendo. não fico so no ler. e ver oq vai ser o dia seguinte”.

Outro a falar sobre um possível aumento na carga de trabalho após o surgimento dos telefones inteligentes é Bruno Queiroz, para quem “o trabalho acaba sendo re-ativado quando você acessa um e-mail do trabalho”. Ele argumenta que a lógica atual é diferente da que existia no tempo do seu pai, quando ao “bater o cartão” o funcionário efetivamente podia se desligar do trabalho. Para ele, as formas de conexão entre o “patrão” e o “empregado” têm aumentado cada vez mais.

Assim como Bruno, outros entrevistados percebem alguns perigos nesta nova lógica e procuram se proteger como podem. Válter Arcain, outro que afirma estar trabalhando mais do que antes, por exemplo, admite estar se “policiando muito” para não enviar e-mails de trabalho à noite ou durante o final de semana. Válter, contudo, toca em um ponto extremamente importante ao dizer que “você pode trabalhar sempre. estamos sempre online”.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, alguns dos entrevistados argumentam que, ainda que as horas de trabalho possam não ter aumentado, este acaba se fazendo mais presente em seu dia-a-dia. Esta é a visão, entre outros, de Paulo Rosa:

“Acho o trabalho ocupa mais a minha mente. Num leque mais ampliado de horários. Acho que produzo igual mas penso mais vezes no trabalho. Por exemplo, muitos emails eu leio duas vezes no celular e no computador. E quando estou em lazer, as vezes me invade o telefone um assunto 'do dia seguinte'. Se formos considerar trabalho toda a vez em que ele ocupa minha preocupação, trabalho mais. Se formos considerar o saldo produzido, produzo a mesma quantidade.”

A fala de Paulo levanta outra importante questão: como anda a “produtividade” dos entrevistados após a entrada em cena dos *smartphones*? Estariam eles produzindo mais do que antes? Menos? A mesma coisa?

6.4.4 Aumento da capacidade produtiva?

Quando indagados a este respeito, os participantes da pesquisa mais uma vez se dividiram em três grupos. Para o primeiro, e menor deles, não houve qualquer mudança em sua capacidade produtiva.

Entre os representantes deste grupo estão Felipe Brasil, para quem “é mto difícil responder isso por mim. eu acho q tá igual”, Leonardo Cantão, que diz achar “que nao... Se afeta, afeta pouco... Pra pior. Pq tira um pouco a concentração. O foco”, e José Valério Gama, que argumenta que a produtividade não está relacionada a aparelhos: “ele apenas ajuda, lembro que há 20 anos as pessoas nem sonhavam com tamanha tecnologia e nem por isso eram menos produtivas que os profissionais de hoje”. Para José Valério, a vida hoje está mais corrida, e o smartphone nos ajuda a nos organizarmos melhor.

Na visão da maior parte entrevistados, porém, houve sim um grande aumento em sua produtividade a partir do momento em que os telefones inteligentes passaram a fazer parte de suas vidas. Jean Rezende é um dos que pensam desta forma. Ele argumenta que a possibilidade que o aparelho trouxe de resolver assuntos pendentes enquanto está “em trânsito” o ajuda a ganhar tempo e, conseqüentemente, a ser mais produtivo:

“Sim, claro (que aumentou a minha produtividade). Como disse, posso resolver coisas on-line fora do escritório. (...) A diferença pra mim é que ganho tempo. Se estou em MG fazendo uma audiência, posso trocar e-mails em trânsito, acessar o site do Tribunal, fazer coisas no saguão do aeroporto, sem ter que esperar chegar ao RJ. Exemplo: tenho 10 e-mails pra responder. Posso adiantar pelo menos uns 5, fora do escritório.”

Assim como Jean, Ronaldo Longos é outro que destaca a possibilidade de atender a demandas de forma mais rápida como algo fundamental para o aumento de sua capacidade produtiva. Segundo ele, “assim como as informações, minhas ações e respostas são mais rápidas. Não preciso esperar chegar em casa para responder um e-mail, seja de cliente, fornecedor ou parceiro comercial”.

A possibilidade de realizar diferentes tarefas simultaneamente, ou de preencher momentos de ócio com “atividades produtivas”, foi outro ponto levantado pelos entrevistados. É sobre isto que falam Marcelo Greips...

“Muita. Mais agilidade. Antes Muitas decisoes demoravam p ser tomadas esperando um parecer de um diretor, por ex. Q estava numa reuniao. Com a mobilidade q temos, passamos a ser mais multitarefas. Podemos estar numa reuniao ou num evento c um fornecedor e ao mesmo tempo interagindo c varias pessoas, fazendo o mundo rodar... Veja q agora msm estou com vc e, ao mesmo tempo trocando mng c o juridico. Não é fantastico?”

Anderson Moura...

“Cara sou mais produtivo porque antecipo algumas coisaa. Pq trabalho com diversos paises que estao a frente. Isso ajuda a responder algumas coisas q so responderia final do dia do pessoal. (...) to indo pra casa ou pro trabalho. Se vejp algo q posso responder. Ja respondo.”

E Mariano Albuquerque:

“Aumento de produtividade gritante! Por exemplo nosso bate papo aqui nao ocorreria se nao fosse o smatphone..E ainda estou trabalhando normalmente. Estou no transito! Sem ele eu estaria apenas parado e revoltado para chegar em casa e ainda ter que responder email”

Um terceiro grupo, porém, questiona o que, efetivamente, significaria “produzir mais”. Paulo Rosa, por exemplo, entende que, dependendo da perspectiva adotada, o que está acontecendo, de fato, representa não um aumento, mas sim uma queda de “produtividade”. Em suas próprias palavras, “gasto mais tempo pra produzir igual.

Tecnicamente isso seria menor produtividade. (...) Sou capaz de fazer mais coisas e de gerenciar muitas atividades em paralelo. Mas, para, cada "produto gerado" o tempo e o esforço consumido é maior”.

Marco Cantini vai um passo além, questionando se este suposto aumento na capacidade produtiva estaria gerando resultados efetivos no que diz respeito, entre outras coisas, ao aumento na quantidade de tempo livre para o desenvolvimento de outras atividades. Para ele, a situação parece apresentar um verdadeiro dilema:

“Mais agilidade! Mas que assim gera mais produtividade. (...) Vc respondendo mais rápido gera mais oportunidades mais tempo livre pra fazer mais coisas (Você sente que tem mais tempo livre hoje em dia?) Hahaha. Quanto mais faz mais aparece. É muito ruim esse sistema. Mas faz parte. Da vida da competição. a falta de valores da correria da necessidade de ter dinheiro. Tudo muito caro. Desabafo! Hahah.”

Outro a abordar o assunto é Válter Arcain, que apesar de acreditar que existe sim um aumento na produtividade, diz que isto não “alivia nada”, pois “como a quantidade de trabalho é infinita (...) fica só a pressão de produzir mais e mais. e isso vira o normal, ai ferra tudo, que se você não fizer, acha que está produzindo abaixo do que poderia”. Ele aprofunda a sua análise, defendendo que, ao tirar o foco das pessoas da tarefa que estão ou deveriam estar desempenhando, os *smartphones* podem acabar gerando grande dispersão. Em sua visão, definitivamente passamos a acreditar que podemos fazer tudo ao mesmo tempo:

“dispersão, falta de foco, todos querendo fazer tudo ao mesmo tempo. Almoço de trabalho é clássico estarem todos no celular. Não gosto disso. Em casa também, cada um no seu celular, tablet e etc. menos tempo de ócio produtivo, ou só ócio. ficar de bobeira, só escutando música, pensando na vida, o celular sempre te puxa, tem tudo ali. Para trabalho, diversão, falar com a família e etc. Ou seja, temos que aprender a viver dessa maneira, que sempre, a qualquer momento, podemos fazer algo. Ex: Comprar algo. Antes só na loja, agora a qualquer momento na Internet. Falar com o amigo no facebook. e bota amigo. pesquisar algo sobre a viagem e etc. Todo está disponível. A Internet é que trouxe isso, não é só culpa do coitado do smartphone, o smartphone trouxe para a mão isso tudo. temos que aprender a usar com moderação. Assim como tudo na vida.”

Ao dizer que “tudo” está disponível, Válter acaba incluindo a si próprio, e também a todos nós, neste “bolo”. Ele argumenta que, por estarmos sempre conectados, “quem enviou um pedido, sabe que pode ter a resposta imediata”. Para Válter e vários outros participantes da pesquisa, a “acessibilidade constante” pode

estar sendo equivocadamente entendida como uma “disponibilidade constante”, o que parece ser percebido por todos como grande fonte de pressão.

Bruno Queiroz coloca em palavras este sentimento, ao dizer que “o ‘estar disponível’ virou sinônimo de conectividade eterna! As vezes vc não está usando o celular e é cobrado por não ter visto alguma msg. Vem a velha frase: mas você está on-line no Facebook? rs”. Como os entrevistados estão lidando com esta “disponibilidade eterna” é o assunto do próximo bloco.

6.4.5 Eternamente disponíveis?

Válter Arcain segue falando sobre a dificuldade – cada vez maior – que encontra para separar sua vida pessoal de sua vida profissional. Assim como muitos dos outros entrevistados, ele diz não gostar da sensação de estar “disponível” 24 horas por dia:

“não gosto, mistura muito o horário de trabalho com vida pessoal. fica cada vez mais difícil separar. Antigamente você não tinha praticamente todo ambiente de trabalho no smartphone, quando saia do escritório, acabava o turno de trabalho. Agora você pode trabalhar a qualquer momento, (...) pode produzir algo a qualquer momento. Fica sempre a pressão psicológica.”

Esta “pressão” mencionada por ele e por Bruno Queiroz é sentida por vários participantes da pesquisa. Para alguns, porém, ela não estaria relacionada apenas a assuntos ligados ao trabalho. Como argumenta Leandro Brisa, por exemplo, parece haver um “senso de urgência” no que diz respeito aos *smartphones*, com as pessoas querendo olhar para a tela a cada apito de seus aparelhos. Segundo ele, “parece que as pessoas esperam resposta imediatas pra tudo (e olha que eu nem falo de trabalho)”.

Fábio Valentino é outro a abordar o assunto:

“o smart da uma acelerada sim. na pressão eu digo. as pessoas (meus amigos, parentes...) sabem q tenho acesso a internet 24 hrs/dia. então se alguém te manda um e-mail tipo: futebol e churrasco quinta as 18 no clube, peço confirmar eu fico logo na ansiedade de responder. isso aconteceu hj. rsrs”

Ao que parece, não existe mais qualquer desculpa para deixarmos algo ou alguém sem pronta resposta. Pelo menos é esta a visão de alguns dos

entrevistados. A questão é que, como eles próprios frisam, apesar de atualmente, com seus telefones móveis inteligentes, estarem “acessíveis” o tempo inteiro, isto não significa que estejam, efetivamente, “disponíveis” o tempo inteiro. O reconhecimento deste fato, contudo, não parece ser o suficiente para aliviar a pressão por respostas imediatas.

Esta nova lógica instaurada pelos *smartphones* preocupa uma grande parte dos participantes da pesquisa, que dizem temer suas consequências.

6.4.6

Temores em relação ao futuro

Quando questionados a respeito das possíveis consequências do uso dos telefones inteligentes, os entrevistados confessaram ter algumas preocupações. A sensação de aumento de velocidade trazida pelos *smartphones*, por exemplo, foi um ponto bastante enfatizado por eles. Segundo Fábio Valentino, isto valeria para diferentes situações:

“acho q o q mudou é a velocidade com q as coisas andam msm. pra td. hj mandam um cara embora no bloco A e agente fica sabendo no C em 5 min. antes a noticia ia se espalhando pelo telefone... depois o e-mail... e agora vem no smart msm. é rápido. mto rápido. (Você diria que a sua vida se tornou mais “rápida” também?) sim.”

Um ritmo de vida mais corrido e acelerado, por sinal, foi apontado como um dos prováveis resultados da entrada em cena e da utilização dos telefones móveis inteligentes. Os efeitos desta nova forma de viver já vêm sendo sentidos por alguns dos participantes da pesquisa, como Jean Rezende:

“Já estava me fazendo mal, para minha saúde mesmo. Então resolvi me comportar de uma maneira a tentar me desestressar mais. (...) Comecei a ter problemas de pressão alta. (...) A consequencia, na minha opinião, é um ritmo de vida muito mais corrido, angustiante. Como falei, tenho amigos que se ficarem sem ele, sem facebook 24hs, sem What's app, sem twitter, etc. ficam literalmente estressados! Isso não é bom.”

Outro que afirma ter receio de que as pessoas possam acabar desenvolvendo problemas de saúde em função deste processo de aceleração alucinante de certa forma incentivado pelos *smartphones* é José Valério Gama:

“A tecnologia é excelente, o problema é como estamos utilizando-a. As consequências ao meu entender virão mais adiante (...) Pessoas com problemas de saúde, o stress, a má alimentação, aumento de acidentes de trânsito, amizades desprovidas de confiança”

Ao mencionar as amizades desprovidas de confiança, José Valério acaba tocando em outra questão muito abordada pelos entrevistados. Para a maioria deles, uma das consequências mais nefastas da utilização dos telefones móveis inteligentes seria o impacto que eles têm sobre a interação social. Marco Cantini é um dos que acreditam que as pessoas possam vir a se encontrar menos em função das facilidades trazidas por esta nova tecnologia, dizendo que agora “tudo virou.msg ou email. Falar.cada.vez. menos”.

Este mesmo ponto é enfatizado por inúmeros participantes da pesquisa. Entre eles, podemos citar Felipe Brasil...

“pras pessoas, ficar o tempo todo no celular, mesmo em bares ou restaurantes. isso é bem irritante. (...) distanciamento entre as pessoas no mundo real. aproximação no virtual nao sei se isso é bom.”

Michel Costa...

“Acho que principalmente a falta de (...) contato direto como estamos cansado de ver quando as pessoas estão juntas em algum lugar e cada um falando com outras pessoas em seus respectivos telefones.”

Daniel Silva...

“(...) eu vejo muita gente que abre mão de contato com as pessoas e fica só pendurado em seu smartphone.”

Leandro Brisa...

“A principal é que vejo mais gente olhando para as suas próprias telas que para os outros quando estão em uma mesa de bar. Eu mesmo faço isso.”

E Bruno Queiroz:

“Já ouvi algumas pessoas falando sobre a diminuição do contato humano-humano. Sou totalmente contra isso. Continuo afirmando que o ser humano

ainda possui uma escolha e o contato humano-humano nunca será substituído através de uma interface mediada. Concordo que isso aumentou muito. É só ir a algum local público e enxergar o que chamo de “cifose dos smarts” rs”

Parece ser Ronaldo Longos, porém, aquele que melhor consegue explicar o momento que os entrevistados acreditam que estamos vivendo:

“Acho que acabamos não tendo a mesma percepção do que está ao nosso redor quando estamos no smartphone. Ficamos concentrados na tela e muitas vezes esquecemos ou perdemos tempo em interagir com quem está fisicamente conosco. Reclamo muito com minha namorada por ela passar tanto tempo usando o Iphone ao invés de me dar atenção. (Mas o que você acha que isto pode vir a gerar?) Não saberia te dizer. Eu acho que ao mesmo tempo em que as nossas vidas ficam mais interligadas através de redes sociais, elas acabam ficando mais isoladas umas das outras fisicamente. Nos satisfazemos em saber que fulano está almoçando no restaurante do Zé ao invés de nos encontrarmos lá.”

Entre tantos temores, outro que se destacou bastante na fala dos participantes da pesquisa diz respeito ao medo de ser criada uma relação de dependência em relação aos *smartphones*. Esta preocupação é compartilhada, entre outros, por Fábio Valentino, Jean Rezende e Ronaldo Longos:

“o medo de ficar dependente disso. hj eu teria uma certa dificuldade se tivesse q voltar a usar um celular comum. acho q nao iria me adaptar. vc fica realmente conectado. aumenta a ansiedade, por saber o q esta rolando e tal. pra td. trab, vida pessoal,....”

“Conheço gente que quase morre se ficar sem entrar em facebook, twitter, essas coisas, rs...”

“Diria que (a minha vida) ficou mais fácil, mas ao mesmo tempo, acho que cada vez mais vou ficar dependente do smartphone.”

Para Válter Arcain, as nossas vidas estão cada vez mais aprisionadas ao dispositivo. Ele, porém, percebe isto como um processo pelo qual todos precisam passar:

“(Nossa vida está) Cada vez mais aprisionada a eles, é uma relação de amor e ódio :) Reclamo que minha esposa chega em casa e fica no celular. Acho que é tudo muito novo, pra todos, os smartphones, a internet, redes sociais, toda essa hiperconectividade. Tem coisas maravilhosas, aproxima, agiliza, facilita a vida, e etc. Mas dependendo de como é usada, distancia, estressa, aumenta ansiedade, e etc. Aos poucos vamos aprendendo. Não tem volta, vamos nos

adaptando um pouco, e pagando o preço dos malefícios que possam trazer, somos as cobaias :)”

Apesar de demonstrar preocupação com o momento que estamos vivendo, Válder levanta um ponto interessante ao dizer que, a seu ver, tudo depende da forma como a tecnologia é utilizada. Ao falar sobre o processo de aprendizado que estaríamos todos atravessando, ele introduz uma questão importante, e mencionada por muitos entrevistados: o surgimento de alguns mecanismos de defesa que podem nos proteger dos *smartphones*.

6.4.7 Estabelecendo limites

Apesar de ainda encontrarem dificuldade para avaliar o verdadeiro impacto que os telefones móveis inteligentes estão tendo em suas vidas, poucos são aqueles que dizem não ter havido qualquer mudança nelas após terem passado a fazer uso destes. José Valério Gama, por exemplo, diz que sua vida não mudou em função do aparelho. Ainda assim, ele destaca que toma “cuidado com isso”. Quando indagado a respeito de que cuidado seria este, Jose Valério, como outros já haviam feito, fala das dificuldades geradas pela acessibilidade constante e das estratégias de que lança mão para se “preservar”:

“Ficar acessível 24 horas é bem complicado, vc perde sua privacidade, atrapalha os relacionamentos saudáveis, eu tenho o costume de desligar o aparelho, principalmente quando vou dormir ou ler algo, hoje em dia as relações humanas estão passando por um processo muito complicado, pois ninguém se conhece e sim se conecta, como a gente kkk.”

Como mencionado acima, outros entrevistados também disseram ter desenvolvido algumas “táticas” com o objetivo de se proteger do que é considerada por eles uma verdadeira “invasão”. Esse foi o caso, por exemplo, de Jean Rezende:

“(...) hoje desligo o celular 18 horas em ponto, rs!!! Mas vejo meus e-mails em casa toda noite, no computador, rs! Senão, não durmo em paz, hahaha!!! (...) Eu tinha o vício de, pela facilidade e praticidade do smartphone, checar e-mails toda hora ao sair do escritório. (...) Inclusive, até desabilitei a caixa postal do celular, rrsrrsrs. Por isso o pessoal e profissional se dão bem. Consegui por limites...”

Marco Cantini foi mais um a se impor algumas regras. Apesar de um pouco longa, sua fala é interessante no sentido em que consegue colocar em palavras o sentimento expresso por vários participantes:

“Piorou se nao.se.controla.vc trabalha o.tempo.todo. Muito ruim issl. (...) Mas coloco.regras de nao abrir email.de trabalho depois de tal horário. Difícil.manter as regras mas tento. (Há quanto tempo você se colocou estas regras?) A um ano.mais ou menos. Por.causa dos.sinais.sonoros quando chega uma msg ou email. Vc fica.doido.pra.abrir podendo.ser algo.importante e quando abre ja era! Vai querer responder. E pode ser quase na hora.de.dormir e dormir.com um problema nao.é bom. (...) Acabo dormindo pouco. Muito ruim. Mas estou na luta pra.melhorar. Meus pais.morar no.interior.do.rio. Miguel pereira. Vou pra lá temos uma fazenda e uma das melhores partes é que o.cel nao pega!!! Hahaha. É muito bom. Ficar sem ele um.poucl (Como você se sentia antes de estabelecer estas regras?) Um bosta. Hahaha. Vc ver que nao é por ai. Que o caminho nao é esse. Que tudo tem o seu tempo sua hora. Que ha vida fora dos smartphone.”

Ao que parece, ainda que apenas recentemente tenham entrado na vida dos entrevistados, os *smartphones* já trouxeram, de fato, mudanças fundamentais. No meio de tantas dúvidas e incertezas, uma coisa pelo menos parece certa: os telefones inteligentes chegaram para ficar e já são parte integrante do cotidiano de muitas pessoas pelo mundo afora.

No caso do presente estudo, isto ficou muito claro quando perguntei aos entrevistados quando usam seus telefones inteligentes pela primeira e pela última vez no dia. A grande maioria disse fazê-lo assim que acorda e logo antes de dormir. Para alguns, como Fábio Valentino, Marco Cantini e Leonardo Cantão, o *smartphone* é a primeira coisa que eles veem ao despertar:

“a primeira vez é as 5:30 o smart é meu despertador. rs. a ultima normalmente as 0:00 , 0:30 eu dou uma conferida no whatsapp e nos e-mails.”

“Primeira quando abro o olho. Pq é meu despertador. E ultimo quando vou dormir e quando eu nao durmo com ele na minha Mao.”

“(Uso para) Ver meus e-mails em ambos os casos. Ah sim... E ligar e desligar o alarme... (...) Ao acordar e ao dormir. 07:30 e 00:30/01:00.”

Quando indagados sobre os motivos para utilizarem seus *smartphones* nestes momentos do dia, a maior parte dos participantes da pesquisa disse fazê-lo para ler notícias ou checar mensagens. Este é o caso, entre outros, de Ronaldo Longos...

“Assim que acordo e antes de dormir, ambos ainda na cama. Assim que acordo, para ver as notícias (globo.com) e e-mail existentes. Antes de dormir, para assistir vídeos ou simplesmente me comunicar com minha namorada via whatsapp.”

Marcelo Greips...

“Qd estou pronto p sair é o momento em q procuro o celular. Da mesma forma q procuro a carteira e a chave do carro. Neste momento já. Olho rapidamente o email. Nao tendo nada muuuito importante, deixo p ler no trabalho. Qd vou de onibus, ja vou trahando, Desde 8hs. (...) Ja a noite, até umas 8:30 ainda fico muito ligado. Depois disso fica de lado. Mas atendo se me chamarem até mai tarde.”

Paulo Rosa...

“Primeira coisa ao acordar e última antes de dormir: checo mensagem, vejo a hora e eventualmente leio um link!”

E Mariano Albuquerque:

“Uso assim que acordo para ver as noticias e ver meus recados (mensagens, emails e whatsapp). A ultima vez uso quando ja estou deitado na cama. Geralmente é a hora que converso com meus amigos e vejo o que aconteceu ao longo do dia nas redes sociais...”

Estar a par do que está acontecendo no mundo, e saber como vão seus amigos e familiares, parecem ser, de fato, os principais interesses dos entrevistados. Ainda a este respeito, contudo, Válter Arcain mais uma vez apresenta o seu questionamento, desta vez acompanhado por Felipe Brasil:

“antes de dormir (email, FB, app da Biblia para ler uma passagem). Quando acordo, email, FB, noticias de tecnologia.. (...) Tenho curiosidade de ver o impacto nas gerações que sempre viveram assim. Nós conhecemos os dois lados, imagino que para eles será diferente. Não sei se para melhor ou pior.”

“qdo acordo já abro pra ver email e o blog. a última, antes de dormir mesmo. o mundo tá perdido? essa é sua conclusao?”

A colocação de Felipe parece um tanto fatalista, e certamente não é esta a conclusão que devemos tirar das falas dos participantes. Fica claro, porém, que o anseio por se manter informado e atualizado em relação aos acontecimentos encontrou no telefone móvel inteligente o parceiro ideal. Não existe mais desculpa

para a ignorância ou margem para dúvidas. Afinal, qualquer resposta pode ser obtida instantaneamente.

A última pergunta feita aos entrevistados tinha o objetivo de verificar a partir de que dispositivo eles estavam respondendo à entrevista. Como foi possível constatar, alguns, como Marcelo Greips, Leonardo Cantão e Paulo Rosa, por exemplo, o fizeram do próprio *smartphone*:

“Sim (do BlackBerry). Aqui em casa não temos PC propositalmente. Tenho laptop do trabalho mas muitas vezes, de propósito, o deixo no trabalho. É uma forma de não cair na tentação de trabalhar, pois confesso que mesmo atrapalhando minha vida pessoal, trabalho no que gosto. Por isso, quando começo não tenho vontade de parar. Como só tenho o BlackBerry em casa, ao menos não tenho como abrir o Excel, entendeu?”

“Sim (estou respondendo do iPhone).”

“Comecei no computador, mas migrei (para o smart), estou sim!”

É de Paulo, por sinal, a fala que melhor parece resumir a experiência que todos os entrevistados têm vivido a partir do momento em que os telefones inteligentes entraram em suas vidas:

“Viver se torna potencialmente mais difícil e mais divertido. É preciso um ser humano mais preparado para lidar com esse frenesi. Mas a humanidade acelera o passo do desenvolvimento, creio eu.”

Em meio a tantas contradições e dúvidas, levando em consideração a experiência dos entrevistados, parece claro que são muitos os desafios que devemos enfrentar neste importante momento de mudanças que vivemos atualmente. Espero ter, a partir da exposição dos resultados da pesquisa, fornecido ao leitor base suficiente para compreender a discussão que se segue.

7 Uma nova forma de viver?

É sabido que, quando se atira uma pedra num lago, se obtém uma série de ondas concêntricas que se propagam, de forma contínua, por toda a superfície aquática. Do mesmo modo, graças ao progresso tecnológico, o nosso planeta tornou-se hoje como um pequeno lago, onde cada onda atinge e envolve rapidamente até os cantos mais remotos.

(De Masi, 2000, p. 133)

No decorrer do presente estudo, apresentei ao leitor um raciocínio baseado na noção de que o homem é construído socialmente, argumentando que mudanças no cenário social geram impactos diretos sobre as mais diversas esferas de nossas vidas. Com o intuito de reforçar esta ideia, fiz referência a grandes revoluções vividas pela humanidade ao longo de sua história, apontando algumas de suas principais consequências.

Como sugerido acima, o surgimento de novas tecnologias parece ter servido como um verdadeiro catalisador para estas revoluções. Da criação da escrita e da imprensa de Gutenberg, passando pelo desenvolvimento da máquina à vapor de Watt e pela invenção do relógio, chegando aos computadores pessoais e à Internet, muitas foram as inovações tecnológicas que vieram transformar fundamentalmente a vida do homem.

A metáfora da pedra sendo atirada em um lago, apresentada na abertura deste capítulo, me parece ser uma boa forma de compreendermos a maneira como se manifestam os efeitos de revoluções tecnológicas. Poderíamos dizer que as perturbações econômicas geradas pelo surgimento de novas tecnologias não passam do “splash” inicial na água, enquanto as alterações sociais seriam as pequenas e permanentes ondas que se formam na superfície do lago uma vez que a pedra tenha afundado (Dunlop, 1962).

Novas formas de pensar, se comunicar, sentir, se relacionar e, em última instância, viver, emergem do contato do homem com as novas tecnologias, que viriam alterar radicalmente a forma deste estar no mundo. Algumas destas

mudanças já foram abordadas de forma bastante aprofundada no capítulo “Impactos sociais das novas tecnologias”, de forma que creio não ser necessário cansar o leitor repetindo aqui o que já foi debatido antes.

Assim, penso que podemos passar diretamente à discussão do especial momento que estamos atravessando. Afinal, de acordo com estudiosos da contemporaneidade citados nos capítulos iniciais do presente estudo, mais de dois séculos após a Revolução Industrial, vivemos agora outro período de transformações fundamentais, e a Revolução Digital parece ter potencial comparável ao das mais importantes revoluções conhecidas pela humanidade (ver Neves, 2007; Nicolaci-da-Costa, 1998 e 2006a; Tapscott, 1998; Turkle, 1997; entre outros).

Como já foi destacado acima, entre as características mais marcantes das Revoluções Industrial e Digital podemos citar a aceleração sem antecedentes na história, a penetração em todo o tecido social e a difusão por todo o sistema econômico. Segundo Nicolaci-da-Costa (2002), por lidarem com informação e comunicação – ou seja, aquilo de que a sociedade é feita –, porém, as novas tecnologias que estão entrando em nossas vidas atualmente parecem ter potencial para gerar mudanças muito mais velozes e profundas do que aquelas que, no final do século XVIII e no século XIX, acompanharam a Revolução Industrial.

Ao que tudo indica, a entrada em cena do *smartphone* parece inaugurar mais um importante capítulo da Revolução Digital atualmente em curso...

7.1

A Internet e o telefone celular se encontram

Como visto no capítulo “A qualquer hora, em qualquer lugar”, o telefone celular, e os impactos que este vem tendo na vida de seus usuários, têm sido alvo de estudo em todo o mundo. Considerando os resultados de pesquisas realizadas até o momento, parece claro que o celular, por si só, trouxe inúmeras mudanças para o nosso dia-a-dia e para a forma como nos organizamos e nos comportamos (ver Galambos e Abrahamson, 2002; Katz e Aakhus, 2002; Ling, 2004; Ling e Donner, 2008; Nicolaci-da-Costa; 2004b; entre outros).

Assim como aconteceu com o computador pessoal antes dele, contudo, é no encontro do telefone móvel com a Internet que parece residir o poder de

potencialização destas transformações. Ao trazer para o aparelho inúmeros novos recursos e possibilidades, o casamento da rede com o celular vem criando uma nova realidade para o dispositivo e, conseqüentemente, também para aqueles que dele fazem uso.

Como proposto por Nicolaci-da-Costa (2005), já é possível perceber alguns dos contornos de uma nova configuração subjetiva, peculiar ao homem que vem emergindo do contato com as tecnologias digitais e, em especial, com a Internet. Quais serão, então, as conseqüências do acesso ininterrupto à rede, tornado possível pelos *smartphones*? Como ressaltou um dos participantes da presente pesquisa: “temos que aprender a viver dessa maneira, que sempre, a qualquer momento, podemos fazer algo. (...) Tudo está disponível. A internet é que trouxe isso, não é só culpa do coitado do smartphone, o smartphone trouxe para a mão isso tudo. temos que aprender a usar com moderação”.

Este processo de aprendizado, contudo, parece estar impondo um grande desafio não apenas às pessoas por mim entrevistadas durante a realização desta pesquisa, mas a todos aqueles se utilizam dos telefones móveis inteligentes. Afinal, assim como é cada vez mais comum vermos pessoas carregando *smartphones* em seus bolsos e bolsas, é cada vez mais comum, também, vermos estas mesmas pessoas vagando por aí vidradas nas telas de seus aparelhos.

Lembro que quando dei início à presente pesquisa, quatro anos atrás, o número de usuários de telefones inteligentes em nosso país não era muito significativo. A taxa de crescimento nas vendas de *smartphones* no Brasil durante este período – alguns números foram apresentados em capítulos anteriores e outros serão apresentados abaixo –, entretanto, parece não deixar dúvidas de que a aposta em elegê-los como tema de estudo fazia sentido.

Devo confessar, porém, que quando escutava conhecidos que trabalham no ramo da telefonia afirmarem que, no “futuro”, os telefones celulares nos permitiriam ter acesso à Internet, assistir vídeos, televisão e enviar e-mails, entre inúmeras outras tarefas, eu mesmo tinha bastante dificuldade em acreditar. Hoje, a dificuldade está em prever o que mais poderemos fazer com nossos telefones – que estão, cada vez mais, se tornando verdadeiros “computadores de bolso”, – e também o que eles poderão fazer conosco...

7.2 Dois lados de uma mesma moeda

A questão é que, ao trazer novas perspectivas e possibilidades para a vida humana, as novas tecnologias acabam, muitas vezes, por trazer também novas expectativas e cobranças. Vale lembrar aqui o exemplo já citado acima da máquina de lavar roupas, que, no início do século XX, poupou as donas de casa de horas de labuta à beira do tanque. Com o passar dos anos, todavia, ao elevarem-se os padrões de higiene, passamos a ser obrigados a lavar a roupa com mais frequência. Assim, ao resolver um problema, a tecnologia teria acabado contribuindo para que outro fosse criado.

Outro exemplo que podemos citar é o do computador pessoal, hoje sempre aliado à Internet. Como aponta Nicolaci-da-Costa (2005), se olharmos para além dos inúmeros recursos e facilidades que estes nos trouxeram, poderemos perceber que, entre outros aspectos, eles acabaram por reforçar o ideal da “multitarefa simultânea”. Assim, muitos passaram a acreditar que são realmente capazes de realizar várias atividades ao mesmo tempo, o que pode gerar – e tem gerado – consequências nem sempre muito interessantes.

Agora nos chega o *smartphone*... Como argumentei acima, aparentemente não poderia haver cenário mais propício para sua entrada em cena. Em um mundo em que as noções de tempo e espaço vêm sofrendo profundas alterações, em que a velocidade, a instantaneidade e a instalibilidade são cada vez maiores e em que se espera e se cobra tanto de nós, o telefone inteligente parece ser, de fato, a “arma” mais apropriada para encarar a “batalha”. Mais um “computador portátil que fala” do que um telefone com muitas funções, ao prometer agilidade, velocidade, acesso à informação e conexão constante, entre outras coisas, o *smartphone* aparentemente surge como uma salvação em meio ao caos.

De acordo com os dados de pesquisas realizadas por estudiosos da área apresentados acima, porém, apesar de trazerem muitas facilidades para o nosso cotidiano, a invasão de nossas vidas pelos telefones móveis inteligentes também pode ter algumas consequências não tão positivas (ver Baron, 2008; Hanson, 2007; Ling e Donner, 2010; McCormick et al., 2012; Perlow, 2012; entre outros). Tal fato foi reforçado pelo depoimento dos participantes do presente estudo, que, ao mesmo tempo em que apontaram algumas das vantagens trazidas pelos *smartphones* também destacaram um lado não tão interessante deles. As consequências tidas

como negativas de seu uso incluiriam, entre outros aspectos, perda de foco, pressão por estar constantemente acessível e disponível, sensação de exaustão e estresse.

Segundo os entrevistados, apesar de facilitarem suas vidas em diversos sentidos, os *smartphones* também teriam aumentado a cobrança para que atendam prontamente qualquer demanda que recebem, por exemplo. Pelo que pude perceber, a maior parte deles parece seguir o lema de uma colega minha, que certa vez disse: “se eu não responder na hora, posso parecer incompetente ou mal-educada, e eu não quero parecer nem uma coisa nem outra”.

Esta expectativa por respostas imediatas, destacada pelos participantes da pesquisa, está de acordo com o que Perlow (2012) encontrou em seus estudos com usuários norte-americanos de telefones inteligentes. Segundo a autora, de fato estamos sendo obrigados a nos familiarizar cada vez mais com os desafios da conexão constante.

Para Baron (2008), a pressão que usuários de *smartphones* sentem para estarem sempre acessíveis e disponíveis já vem gerando reações. Assim como os participantes de suas pesquisas, as pessoas por mim entrevistadas disseram procurar formas de se proteger de seus próprios aparelhos. Ao que parece, como proposto pela autora, muitas delas por vezes se sentem verdadeiras vítimas de seus telefones inteligentes e buscam maneiras de se “desconectar”.

Como sugerido por Perlow (2012), contudo, isto constitui um enorme desafio, pois, por mais que optemos por nos desligar, todos permanecem conectados. Como diz a autora, nossa caixa postal não deixará de ficar cheia caso tomemos a decisão de não ler e responder nossos e-mails. Ainda assim, eles continuarão chegando. Afinal, em um mundo em que todos estão sempre conectados, não podemos quebrar o ciclo por conta própria.

De forma a ilustrar esta ideia, podemos recorrer novamente a uma interessante analogia proposta por Ling e Donner (2010). Segundo eles, a comunicação móvel é atualmente um aspecto tomado como certo em nosso cotidiano, da mesma maneira que aconteceu com os automóveis antes dela. Os autores argumentam que devemos organizar nossas vidas em função de um sistema montado para quem possui um carro – ainda que não tenhamos um –, sugerindo que o mesmo princípio se aplicaria aos telefones celulares inteligentes. Ou seja, em um mundo em que cada vez mais a lógica é a da conexão constante e

da resposta imediata, a expectativa que existe sobre todos nós, queira-se ou não, é a de que nos encaixemos nesta lógica.

Como argumenta Hanson (2007), é extremamente importante que tentemos compreender este ambiente criado pelas novas tecnologias digitais – entre elas o *smartphone* –, em que expectativas de entretenimento, comunicação e informação instantâneos estão completamente acessíveis 24 horas por dia, 7 dias por semana. Em concordância com a visão de parte dos meus entrevistados, a autora argumenta que, ainda que nos prometa a possibilidade de vivermos em uma sociedade mais móvel, bem como de termos maior controle sobre o nosso tempo, o telefone inteligente na verdade cria uma “ilusão” de facilidade. Isto, por sua vez, faz com que sejam criadas expectativas que, na maior parte das vezes, não serão atendidas.

Como é possível constatar através da análise do discurso dos participantes da presente pesquisa, algumas áreas extremamente importantes de suas vidas, como a forma com que se relacionam com os outros e com o trabalho, e a maneira como ocupam o seu tempo, por exemplo, já estão sofrendo as consequências desta nova lógica celular. É exatamente às novas formas de se relacionar, de trabalhar e de utilizar o tempo que daremos atenção nos próximos blocos.

7.3 Mais próximos ou mais distantes?

Poderem estar mais conectados a pessoas importantes e queridas é, para os meus entrevistados, um dos principais ganhos do uso do *smartphone*. Há os que utilizam os recursos disponibilizados pelo telefone inteligente para manter contato constante com amigos e namoradas e também os que dizem fazê-lo para se sentirem mais próximos de suas famílias.

Paradoxalmente, contudo, quando indagados a respeito das possíveis consequências da entrada dos *smartphones* em nosso cotidiano, a maioria disse se preocupar com a possibilidade destes gerarem um distanciamento entre as pessoas. Amizades desprovidas de confiança e a diminuição dos encontros presenciais foram dois dos principais temores citados pelos participantes da pesquisa, que disseram ser cada vez mais comum ver pessoas mais interessadas em “interagir” com a tela de seus aparelhos do que com aqueles que estão ao seu

lado. Nas palavras de um deles, os telefones inteligentes podem vir a gerar “distanciamento entre as pessoas no mundo real. aproximação no virtual”.

Tal colocação remete ao conceito de “presença ausente”, proposto por Gergen (2002) como uma tentativa de encarar os grandes avanços na tecnologia de comunicação no século XX. Como diz o autor, estas tecnologias, cada vez mais, trazem para o contexto imediato da vida um mundo repleto de significado, ainda que geograficamente distante. O temor das pessoas por mim entrevistadas parece encontrar eco nas palavras de Gergen, para quem a expansão da dimensão da presença ausente tem sido destrutiva em certos aspectos. Para ele, a dinâmica da interação social vem sendo transformada pela comunicação móvel, e nossa concepção de como esta deveria se dar é constantemente desafiada.

Quando os meus entrevistados se queixam do fato de que está se tornando algo corriqueiro encontrarmos grupos de pessoas reunidas “olhando mais para as próprias telas do que uns para os outros” ou de que muita gente “abre mão de contato com as pessoas e fica só pendurado em seu *smartphone*”, eles parecem estar reforçando a proposta do autor de que o telefone inteligente está mudando a nossa forma de interagir com as pessoas. Afinal, como diz Gergen, agora é possível colocar “em espera” aqueles que estão copresentes, a fim de ter uma conversa ao telefone (Gergen, 2002).

Apesar se queixarem do fato de que, mesmo em bares e restaurantes, atualmente encontramos muitas pessoas dando mais atenção a seus interlocutores “virtuais” do que àqueles que estão ao seu lado, porém, todos admitem fazer uso de redes sociais e de aplicativos que têm como finalidade promover interação entre as pessoas, como o Facebook e o What’s App, por exemplo. Citados por todos os meus entrevistados, ambos, invariavelmente, ocupam lugar de destaque entre as ferramentas mais usadas por eles ao longo do dia. Segundo um deles, esse “sucesso” se deveria ao fato de que, além de permitirem que pessoas diferentes possam ser acessadas simultaneamente, as redes sociais apresentam a grande vantagem de possibilitar que se fale e que se pare de falar quando quiser.

Utilizados por muitos como uma forma de “trazer para a conversa” pessoas que não estão fisicamente presentes, tais programas acabam servindo a diferentes propósitos. Seja seu uso voltado para fins pessoais ou profissionais, ao que parece, eles acabam criando novas formas de nos relacionarmos uns com os outros.

Tal noção é defendida por Baron (2008), para quem, como mostra claramente a nossa experiência com tecnologias de comunicação, as normas comportamentais e sociais são sempre alteradas em função delas. De acordo com a autora, as tecnologias da linguagem contemporâneas certamente redefinirão as nossas antigas ideias sobre o que significa se comunicar e se relacionar com alguém.

Este já parece ser o caso, por sinal, quando pensamos no mundo do trabalho, tema que será abordado abaixo.

7.4 Trabalhando o tempo inteiro

No que diz respeito a sua relação com o trabalho e à forma como conciliam sua vida pessoal e sua vida profissional, os participantes da pesquisa levantaram outro ponto que vai ao encontro de propostas apresentadas pelos estudiosos do tema citados anteriormente.

Segundo a maioria dos entrevistados, a possibilidade trazida pelo *smartphone* de transitarmos em vários espaços ao mesmo tempo e de resolvermos questões pessoais e/ou profissionais em qualquer momento, situação ou local, faz dele uma ferramenta valiosíssima. Muitos são os que percebem tal fato como algo extremamente positivo, sugerindo que suas vidas se tornaram mais organizadas e produtivas após terem passado a fazer uso dos telefones inteligentes.

Outros, contudo, parecem concordar com Ling e Donner (2010), para quem esta flexibilidade que a comunicação móvel introduz em nossas vidas pode acabar nos custando muito caro. Na visão dos autores, e de alguns dos participantes da pesquisa, ao estarmos sempre acessíveis e disponíveis, diferentes esferas de nossas vidas, como a família e o trabalho, por exemplo, invariavelmente entram em confronto, o que pode ter efeitos indesejáveis.

Como indicam estudos realizados por MacCormick et al. (2012), crises na vida pessoal dos profissionais vêm sendo geradas pelos excessos que têm sido cometidos. Segundo os pesquisadores, estes quase não praticam atividades físicas, comem e consomem álcool demais, precisam fazer uso de remédios para controlar sua ansiedade e dormem pouco.

As pessoas que entrevistei parecem não ter chegado a este ponto – pelo menos não ainda –, mas não foram poucos aqueles que se queixaram da obrigação de estarem constantemente acessíveis e disponíveis e da invasão do espaço familiar pelo trabalho. Não parece ser uma mera coincidência, também, o fato de muitos sonharem em ter mais tempo para a prática de atividades físicas e para estar com suas famílias e amigos.

Ainda assim, a “pressão” por respostas imediatas aparentemente fala sempre mais alto, e boa parte dos entrevistados admitiu trabalhar em momentos de “lazer” para atendê-la. Como é possível perceber pelas falas dos participantes, assim como proposto por MacCormick et. al (2012), a linha entre o tempo privado e o tempo de trabalho vem, de fato, se tornando cada vez mais “embaçada” e tênue. Seguindo a lógica 24/7, a conexão ao trabalho é agora constante, o que, por sua vez, faz com que muitas pessoas sintam que estão sempre trabalhando.

Esta ideia é defendida também por Cardoso (2010), para quem é cada vez mais difícil definir onde começam e onde terminam os espaços de trabalho e de não-trabalho. Segundo a autora, a reaproximação entre estes dois espaços, bem como a intensificação e a flexibilização do tempo de trabalho, é uma característica marcante do momento que vivemos. Para ela, a perda do controle sobre o gerenciamento dos tempos sociais pode vir a ser um dos resultados deste processo.

Perlow (2012) parece concordar com tal noção ao propor que o tempo de trabalho se torna cada vez mais imprevisível, à medida que as pessoas estão cada vez mais conectadas. Para ela, por estarem constantemente ligadas ao trabalho, a pressão para que estejam sempre disponíveis e acessíveis seria reforçada e amplificada.

Este sentimento foi compartilhado por muitos dos participantes da pesquisa, que, assim como propõe a autora, procuram se ajustar às demandas, reorganizando os seus horários, mudando a forma como levam a sua vida e interagem com familiares, amigos e companheiras – vale lembrar aqui o entrevistado que disse fazer videoconferências diárias com a sua namorada, que ele só encontra presencialmente aos sábados – e mudando a forma de trabalhar. Assim, esperam dar conta de atender às demandas cada vez maiores sobre o seu tempo.

Alimentada pela capacidade do *smartphone* de nos manter ligados ao trabalho de qualquer lugar e a qualquer hora, esta conexão constante carrega consigo a promessa de uma maior produtividade. A ironia, como diz Perlow (2012), e parecem

concordar muitos dos entrevistados, é que, ao mesmo tempo em que nos sentimos libertados dos limites do escritório, desafiados, estimulados e recompensados, convivemos com a sensação constante de sobrecarga e de falta de tempo para nos concentrarmos.

Como foi destacado anteriormente, a existência de um tempo urgente e acelerado é uma das características mais marcantes das sociedades contemporâneas. Aliado à dificuldade cada vez maior de conciliar as inúmeras tarefas que devem ser alocadas em um tempo que é limitado, tal fato, por sua vez, pode acabar provocando um grande mal-estar. Assim como sugerido por Cardoso (2010), podemos perceber que o sentimento de falta de tempo para a vivência social se faz muito presente também no discurso dos meus entrevistados.

A forma com que as pessoas que participaram deste estudo lidam com e preenchem o seu tempo, por sinal, foi outro interessante resultado da pesquisa e é sobre ela que falaremos a seguir.

7.5

O ócio “produtivo”

De acordo com os estudiosos da Pós-Modernidade citados no capítulo “Tempos (pós)modernos”, estaríamos presenciando atualmente a supremacia do tempo sobre o espaço. Este novo momento que estamos vivendo teria algumas regras bastante claras, tais como: rupturas de barreiras e fronteiras, fragmentação, imediatismo e descentralização, entre outras.

Segundo Bauman (2001), o mundo de hoje é pautado por sua imprevisibilidade e por sua instabilidade. Aliada a tais características, a instantaneidade que marca a pós-modernidade lhe conferiria sua “liquidez”, que pede, entre outras coisas, que não nos fixemos e não assumamos compromissos de longo prazo.

Para o autor, vivemos atualmente em um “presente contínuo”, em que o nome do jogo é mobilidade. A eficácia, a simplificação das tarefas e a fluidez tornar-se-iam obrigatórias no tempo-espaço das novas realidades, e os procedimentos tradicionais não encontrariam mais lugar em um tempo cada vez mais acelerado (Bauman, 1998).

Outro a abordar o tema, Harvey (2002) defende que o rompimento de barreiras espaciais e a grande aceleração do ritmo de vida seriam duas inquestionáveis características da história do capitalismo. Tal noção é reforçada por Vergara e Vieira (2005), que defendem que a transição de um modelo industrial de produção clássico para outro de flexibilidade produtiva tem no tempo uma de suas variáveis essenciais.

Parece inquestionável que o ritmo acelerado e a velocidade alucinante são duas das principais marcas da vida contemporânea, em especial quando se trata desta nas grandes cidades. Como vimos, este processo de aceleração começou há muitos anos e teve em sua fonte algumas inovações tecnológicas, que, paradoxalmente, na maior parte das vezes foram criadas com a promessa de economizar tempo e, assim, facilitar nossas vidas. O mesmo parece estar acontecendo agora, com o advento do *smartphone*.

Este acelerado ritmo em que vivemos atualmente é motivo de preocupação para alguns. Honoré (2005), por exemplo, teme que nossas vidas tenham se tornado uma verdadeira corrida de obstáculos. Como visto acima, para o autor, teríamos todos sido apanhados por esta vertigem, o que nos leva a querer fazer cada vez mais coisas em cada momento do nosso dia. A regra, segundo ele, é aproveitar cada migalha de tempo.

Esta questão se faz bastante presente no discurso dos meus entrevistados. Estes argumentam que, entre outras coisas, os telefones inteligentes teriam vindo por fim no “desperdício de tempo”. Como destacaram muitos dos participantes da presente pesquisa, o *smartphone* contribuiria para tornar “produtivos” aqueles momentos de “vácuo” do dia.

Tal ideia parece estar de acordo com o proposto por MacCormick et al. (2012), que defendem que, ao nos permitirem conexão constante com a Internet, em qualquer lugar e a qualquer hora, os telefones inteligentes podem transformar o tempo antes “gasto” esperando em filas, ou no trânsito, em tempo “produtivo”. Para os autores, a utilização de jogos, inúmeros aplicativos, bem como de redes sociais, faz com que a chance de ficarmos entediados ao longo do dia passe a ser praticamente nula.

Reforçando esta noção, os meus entrevistados atestam que, além de servir como fonte de distração em momentos de tédio, ao tornar possível atender a assuntos pessoais e profissionais a qualquer momento e de qualquer lugar, o

aparelho os ajudaria a “ganhar tempo”. Como decreta um deles: “não existe mais tempo ocioso”.

Ao que parece, estamos mesmo sempre correndo contra o relógio em um mundo em que a velocidade é alucinante. Assim, maximizar a eficiência e economizar tempo tornam-se as grandes metas do momento.

Como sugere Honoré (2005), contudo, se não conseguirmos mudar este cenário, a tendência é que este culto da velocidade se torne cada vez pior. Afinal, de acordo com o autor, uma vez que todos optam pela alternativa mais rápida, deixa de existir a vantagem de andar depressa. Desta forma, acelerar ainda mais acaba se tornando uma obrigação de todos.

Esta perversa lógica é, aparentemente, algo pouco percebido pelos participantes da presente pesquisa. Alguns, porém, trazem o assunto à tona ao dizer que, ainda que gere mais agilidade e, conseqüentemente, mais oportunidades de tempo livre, o *smartphone* não resolve o problema de falta de tempo sentido por muitos. Vale repetir aqui as palavras de um de meus entrevistados, para quem “fica só a pressão de produzir mais e mais. E isso vira o normal, ai ferra tudo, que se você não fizer, acha que está produzindo abaixo do que poderia”.

A sensação de que devem produzir mais e mais, por sinal, é comum entre as pessoas que entrevistei para este estudo. Por que será que tantos acreditam que precisam ocupar todos os minutos de seus dias com atividades “produtivas”? Por que não se sentem no direito de ter momentos de “ócio”? Será que, como proposto por Honoré (2005), estamos, de fato, sendo todos acometidos pela “doença do tempo”²⁷?

Como argumentam Vergara e Vieira (2005), percebemos de forma cada vez mais evidente o quanto o tempo vem ganhando novos atributos no que concerne a sua determinação, duração e efeitos sociais. Na visão dos autores, o padrão humano de existência, inclusive, vem sendo colocado em questão em função da ansiedade pelo novo.

No mesmo caminho, Castells, Fernández-Ardevol, Linchuan Qiu e Sey (2007) questionam se o tempo em nossa já apressada existência estaria sofrendo uma compressão ainda maior como resultado da capacidade tecnológica para realizar multitarefas simultâneas em qualquer lugar. Os autores se perguntam se, por

²⁷ Apenas para refrescar a memória do leitor, esta é uma expressão cunhada por Larry Dorsey, médico americano que fala sobre a sensação de que o tempo parece nunca ser o suficiente e estar sempre fugindo, fazendo com que precisemos andar cada vez mais depressa.

estarmos perpetuamente em contato e “onipresentes”, estaríamos vivendo neste momento uma transcendência do espaço e do tempo na prática social.

Não existem respostas definitivas para esta ou para as demais perguntas aqui propostas. O fato, porém, é que a nossa relação com o tempo parece estar sofrendo mais um duro golpe com a entrada do *smartphone* em nosso cotidiano. Ainda que pareça atender muito bem às exigências da pós-modernidade, a lógica de maior agilidade e produtividade incentivada pelo dispositivo aparentemente vem reforçar ainda mais o processo de aceleração pelo qual o mundo passa.

7.6

Olhando para frente...

Como mencionado acima, no ano de 2010, ocasião em que dei início ao presente estudo, o número de usuários de *smartphones* no Brasil não era muito significativo e os telefones inteligentes representavam apenas 10% do total de celulares em nosso país. Ao final de 2011, contudo, este número já havia saltado para 36%²⁸.

O crescimento nos números continuou acelerado e, de acordo com dados da pesquisa Our Mobile Planet, realizada pelo Ipsos Media CT, e apoiada pelo Google, a MMA (Mobile Marketing Association) e o IAB (Interactive Advertising Bureau), já em 2012 chegava a 27 milhões o total de usuários de *smartphones* no país, que ultrapassava a Alemanha (24 milhões) e a França (25 milhões)²⁹. Na época, 14% da população brasileira já possuíam telefones inteligentes.

Segundo um estudo realizado pela IDC – principal provedora global de inteligência de mercado, serviços de consultoria e eventos para as indústrias de tecnologia da informação e telecomunicações –, o mercado brasileiro de *smartphones* encerrou o ano de 2012 com a marca de 16 milhões de unidades comercializadas, número 78% maior do que o apontado em 2011. Isto representava a venda de 30 aparelhos por minuto, o que colocava os telefones inteligentes entre os bens mais adquiridos pelos brasileiros já naquela época.

²⁸ <http://www.secundados.com.br/>

²⁹ <http://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/noticias/2012/05/15/Brasil-27-milhoes-de-usuarios-de-smartphones.html>

De acordo com os analistas da IDC, em 2013 o Brasil se tornaria o quinto maior mercado de *smartphones* do mundo, ficando atrás apenas de China, Estados Unidos, Reino Unido e Japão. Números divulgados pela consultoria mostram que 10,4 milhões de telefones inteligentes foram vendidos entre os meses de julho e setembro de 2013, o que representa um crescimento de 10% em relação ao trimestre anterior. Em relação ao mesmo período de 2012, o aumento nas vendas foi de espantosos 147%³⁰.

Ao que parece, contudo, a projeção da IDC era conservadora demais e, segundo dados da consultoria Morgan Stanley, o Brasil já ocupa a quarta posição no ranking mundial de *smartphones* – ultrapassamos o Reino Unido e, no momento, estamos atrás apenas de China, Estados Unidos e Japão –, com impressionantes 70 milhões de aparelhos³¹. De acordo com uma pesquisa divulgada recentemente pela AG2 Publicis Modem, agência webnative do Grupo Publicis no Brasil, mais de um quarto da população brasileira já possui um aparelho³².

Os números são, de fato, impressionantes. A adoção em massa dos *smartphones* nos leva a reforçar algumas questões levantadas ao longo do presente estudo: como lidaremos com este verdadeiro “arrastão” promovido pelos telefones móveis inteligentes? Afinal, será que eles vêm facilitar as nossas vidas, ou criar novas demandas? Eles nos ajudarão em nossa organização, ou contribuirão para diminuir o nosso foco? Ficaremos mais ou menos “conectados” uns aos outros? Como passaremos a nos relacionar com nossos colegas de trabalho, amigos e familiares? Como gerenciaremos o nosso tempo agora que temos esta nova e poderosa tecnologia em nossas mãos? Sentiremos mais ou menos pressão para atender às demandas imediatamente?

Como bem coloca Silva-Matos (2011):

“As rápidas mudanças que as novas tecnologias vêm gerando em nosso cotidiano fazem com que nós, pesquisadores, tenhamos o privilégio de ser observadores de uma realidade em transformação. Como pesquisadores, devemos acompanhar estas transformações e modificar constantemente nossas perguntas, para que elas permaneçam adequadas à realidade vigente” (Silva-Matos, 2011, p. 151).

³⁰ <http://corporate.canaltech.com.br/noticia/mercado/Venda-de-smartphones-cresce-20-no-Brasil/>

³¹ <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/brasil-e-o-quarto-pais-do-mundo-em-numero-de-smartphones>

³² <http://www.adnews.com.br/tecnologia/pesquisa-revela-dados-sobre-o-uso-de-smartphones>

Procurei, por meio da presente pesquisa, prestar minha singela contribuição para essa interminável busca de respostas que nos move. Espero que este estudo tenha colaborado no sentido de favorecer a compreensão de algumas das transformações fundamentais pelas quais estamos passando atualmente. Muitas novas questões surgiram, contudo, a partir de meu contato com usuários brasileiros de *smartphones*. Que estas possam ser respondidas em investigações futuras...

8 **Apêndice**

Como prometido, o leitor poderá encontrar abaixo mais informações acerca do surgimento e da trajetória dos telefones móveis e inteligentes.

8.1 **Os telefones se tornam móveis**

Não muito tempo atrás, quando precisávamos utilizar um telefone fora de nossas casas, nossa única alternativa era recorrer aos “orelhões”. Passados alguns anos, podemos perceber que as “cabines telefônicas” são hoje marcas de um passado remoto. A partir da metade da década de 1980, quando surgiram os primeiros telefones móveis, temos acompanhado o desenvolvimento desta tecnologia, que, ao que tudo indica, veio substituir não apenas os orelhões como todos os telefones “fixos”.

Segundo dados da União Internacional de Telecomunicações, até o final de 2007 havia 3,3 bilhões de assinaturas de telefones móveis – o que representa cerca de uma para cada duas pessoas no mundo –, tendo os 4 bilhões de assinaturas sido alcançado no final de 2008 (Ling e Donner, 2010). Para que possamos ter uma ideia do que representam estes números, podemos usar como termo de comparação a velocidade de penetração dos telefones fixos.

Como se sabe, o telefone foi inventado no ano de 1876, contando, dois anos mais tarde, com a adição fundamental das centrais telefônicas. Andando 25 anos para frente, veremos que por volta de 1900 o número de assinaturas nos Estados Unidos era de cerca de uma para cada 10 mil pessoas. Até 1915, este número cresceu exponencialmente, aumentando 10 vezes e passando a ser de cerca de uma assinatura para cada 1000 pessoas. Isto indica que, mesmo ainda sendo uma tecnologia nova e rara, o telefone estava bem estabelecido no início do século XX (Fischer, 1992; Ling e Donner, 2010).

Chegando a um passado mais recente, existem dados que mostram que o número de telefones fixos em uso praticamente quadruplicou entre 1976 e 2000. Na

virada do milênio, ainda havia no mundo mais telefones fixos do que celulares: dos 1,7 bilhões de telefones do planeta, 983 milhões eram fixos e 740 milhões eram celulares. A história das telecomunicações na primeira década do século XXI, contudo, é, sem qualquer sombra dúvida, móvel.

Apesar de os computadores pessoais e a Internet terem recebido grande atenção, é o telefone celular que vem desfrutando do nível de adoção mais amplo e rápido entre as novas tecnologias. Projeções feitas por pesquisadores da área de telefonia sugeriam que entre 2001 e 2010 teríamos um aumento de 400 milhões de telefones fixos, em comparação ao incrível número de 3 bilhões de novas assinaturas de telefones móveis. Com isso, teríamos mais de 5,4 bilhões de assinaturas de telefone no planeta em 2010, sendo destas 1,4 bilhões de telefones fixos e 4 bilhões de assinaturas de telefones móveis.

Diferentemente do que acontece com os telefones fixos, estes bilhões de aparelhos celulares pertencem a indivíduos, que carregam um ou mais deles para todos os lugares. Os usuários de telefones móveis podem acessar os outros com mais facilidade do que nunca, da mesma forma que estão mais acessíveis do que nunca. Nas palavras de Ling e Donner (2010), “se a explosão de conectividade é o primeiro tema importante do crescimento celular, então este novo nível de acessibilidade é o segundo” (Ling e Donner, 2010, p 3 – minha tradução)³³.

Na visão dos autores, os telefones celulares estão se tornando o local de origem, e de destino, das chamadas que marcam as diferentes fases de nossas vidas. Para eles, a telefonia móvel está se tornando um ícone cultural em seus próprios termos. A imagem pessoal que construímos e mostramos ao mundo seria constituída, entre outros aspectos, pelo modelo e pelas características de nossos telefones. O crescimento no número de proprietários de telefones celulares disparou de tal forma no mundo inteiro que em muitos países já existem hoje mais assinaturas de celulares do que habitantes.

Este é o caso, por exemplo, da Noruega. Segundo dados da ITU, já no ano de 2006 havia mais assinaturas de telefones celulares do que pessoas no país: 108,6 assinaturas por 100 pessoas. De acordo com o instituto de pesquisa, em 2000, cerca de 13 por cento dos adolescentes noruegueses já possuía duas ou mais assinaturas.

³³ “If the explosion in *connectivity* is the first major theme of the mobile boom, then this new level of *reachability* is the second”.

Assim como a Noruega, também a Alemanha e a Itália têm cada um mais assinaturas móveis do que pessoas. Segundo Ling e Donner (2010), conhecido como “teledensidade”, este fenômeno tem gerado impactos sociais nas partes mais prósperas do mundo. De acordo com os autores, na Escandinávia, por exemplo, todos os jovens de 15 anos possuem um telefone celular.

Para Hamilton (2003), existiriam duas formas distintas de entender os telefones celulares móveis: como complementos (como é o caso entre os usuários que adicionam uma linha de celular a um telefone fixo) ou como suplentes (como ele é percebido entre aqueles que têm apenas um celular). Na maior parte dos países, os telefones celulares ainda não se tornaram substitutos para os telefones fixos, atuando como um complemento para o sistema tradicional de telefonia. Em alguns países em desenvolvimento, no entanto, os telefones celulares estão servindo como um substituto tecnológico para linhas fixas, e, de forma crescente, certos grupos de pessoas em países desenvolvidos também estão substituindo os telefones móveis por razões econômicas (Castells, Fernández-Ardevol, Linchuan Qiu e Sey, 2007).

Esta tendência pode ser bem percebida nos EUA, por exemplo, onde a proporção de pessoas que têm apenas telefone celular, e já não possuem um telefone fixo, entre a população adulta, passou de 4,4% a 12% entre 2004 e o final de 2007 (Blumberg & Luke, 2007). Ao que parece, estamos de fato caminhando para a personalização de telecomunicações (Ling e Donner, 2010).

De forma que possamos compreender como chegamos a este ponto, contudo, é necessário, mais uma vez, fazer uma breve viagem ao passado.

8.2

O desenvolvimento da telefonia celular

De acordo com os registros históricos, o telefone foi patenteado por Alexander Graham Bell em 1876, época em que os Estados Unidos contavam com 214 mil milhas de telégrafo de fio e 8.500 escritórios de telégrafo. Passados apenas 25 anos, já havia 13 milhões de telefones em operação e, no ano de seu centenário, o número de linhas em todo o mundo era de 228 milhões (Ling e Donner, 2010).

No início de 1950, Harold S. Osborne – ex-engenheiro chefe da AT&T – previu que a telefonia móvel acabaria por permitir-nos o acesso onipresente através de

pequenos dispositivos portáteis. Osborne previu que poderíamos acessar quem quer que fosse, a qualquer hora, simplesmente utilizando um pequeno aparelho. Em sua visão, estes dispositivos nos permitiriam ouvir a voz de nossos amigos, bem como vê-los em três dimensões.

Se os telefones móveis com que nós contamos hoje não são exatamente como Osborne imaginava, ainda assim eles nos fornecem novos recursos para coordenar nossas vidas, nos proporcionam uma sensação de segurança e nos dão acesso aos outros. Ao personalizarmos nossos dispositivos, estamos também fazendo uma declaração a respeito de quem somos e de como queremos ser vistos (Ling, 2004).

De acordo com Ling (2004), a telefonia móvel contemporânea pode ser entendida como um desdobramento do desenvolvimento mais geral da comunicação via rádio, que teve início no final de 1800. A incubação teria começado na Itália, onde, seguindo o trabalho de Maxwell, Hertz, Hughes e outros, o jovem inventor italiano Guglielmo Marconi, apontado como a primeira pessoa a acreditar no milagre da transmissão sem fio, se tornou uma figura central no desenvolvimento da comunicação baseada no rádio (Galambos e Abrahamson, 2002; Ling, 2004).

Apoiada pelo desenvolvimento por De Forest, em 1906, de um tubo a vácuo que permitiu a amplificação de sinais de rádio, a comunicação via rádio viveria um período de grande crescimento durante os primeiros anos do século 20. Teria sido o desenvolvimento do transistor, após a Segunda Guerra Mundial, contudo, o que levou ao desenvolvimento significativo da telefonia móvel.

Segundo Galambos e Abrahamson (2002), os experimentos com telefones sem fio começaram há quase uma centena de anos, mas não foi até meados dos anos 1980 que esta inovação passou a ser disponibilizada para um grande número de consumidores. Os autores reforçam a ideia de que o mundo sem fio que conhecemos hoje é, em grau considerável, uma consequência do desenvolvimento do transistor e do circuito integrado, inovações que catalisaram a Terceira Revolução Industrial. Para eles, é certo que “essas novas tecnologias têm impulsionado mudanças em todo o mundo, assim como hidráulica e o motor a vapor

impulsionaram a economia britânica durante a Primeira Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX” (Galambos e Abrahamson, 2002, p. 9 – minha tradução)³⁴.

De acordo com Baron (2008), os telefones móveis – inicialmente, sistemas baseados em automóveis – nasceram na Suécia, em meados dos anos 1950. A autora destaca que o Nordic Mobile Telephone Group foi estabelecido em 1969, e, pouco depois, Alemanha, França, Itália e Grã-Bretanha, de forma independente, tentaram desenvolver sistemas móveis, embora os custos fossem altos e não existisse interoperabilidade entre as diferentes empresas.

Também em 1969, o sistema celular foi introduzido pela AT&T no trem da Amtrak Metroliner que fazia o trajeto entre Nova York e Washington. A primeira chamada de telefone celular teria sido feita em janeiro daquele ano, por clientes a bordo do trem em questão (Galambos e Abrahamson, 2002).

Como podemos perceber, os primeiros aparelhos de telefonia celular móvel eram móveis apenas no sentido de que precisavam de um meio de transporte motorizado para movê-los. Um dos primeiros aparelhos desenvolvidos pela Nokia, por exemplo, pesava 9,5 kg. Com o passar do tempo, porém, os dispositivos foram se tornando cada vez menores e mais leves, e, no dia 3 de abril de 1973, Martin Cooper fez, em uma esquina de Manhattan, aquela que é considerada a primeira chamada a partir de um telefone celular portátil na história.

O executivo da Motorola, também conhecido como “o pai do telefone celular”, utilizou um Motorola DynaTAC que pesava pouco menos de um quilo e era do tamanho de um grande pacote de espaguete³⁵. O aparelho, um modelo inicial do “tijolo” que Sam Ginn – fundador da AirTouch e um dos pioneiros no setor de telefonia celular – usaria nos Jogos Olímpicos de 1984, era equipado com uma bateria que dava ao usuário modestos 30 minutos de tempo de fala (Galambos e Abrahamson, 2002; Ling e Donner, 2010).

Segundo Ling e Donner (2010), a tecnologia começava, então, a dar grandes passos, mas ainda existiam muitas questões importantes que precisavam ser resolvidas para que a telefonia móvel pudesse, de fato, decolar. Entre elas, poderíamos destacar as questões regulatórias, separando a confusão de normas

³⁴ “These new technologies have driven change around the globe just as surely as waterpower and the steam engine propelled the British economy forward in the First Industrial Revolution of the eighteenth and early nineteenth centuries”.

³⁵ A maioria dos telefones móveis que conhecemos hoje pesam entre 100 e 200 gramas.

diferentes, o refinamento dos aparelhos e, finalmente, o desenvolvimento comercial de assinaturas que fossem atraentes para os usuários.

De uma forma ou de outra, porém, os autores apontam que entre 1969, quando o primeiro sistema celular foi colocado em uso no Amtrak Metroliner, e o final do século, “a telefonia móvel deixou de ser uma raridade para ser uma bem integrada parte de nossas vidas cotidianas” (Ling e Donner, 2010, p. 41 – minha tradução)³⁶.

Como relatam Galambos e Abrahamsom (2002), a década de 1970 marcou o momento em que efetivamente emergiu a tecnologia de comunicação pessoa-a-pessoa, a qualquer hora em qualquer lugar. Neste momento, os avanços em sistemas eletrônicos de comutação – combinados a sintetizadores de frequência de baixo custo e a microprocessadores de alta capacidade – enfim habilitaram os pesquisadores da Bell a desenvolver sistemas celulares experimentais em Newark e na Filadélfia.

A AT&T e a Motorola disponibilizaram, em 1979, os primeiros sistemas celulares dos Estados Unidos. Os clientes da AT&T destacaram que os novos telefones celulares economizavam seu tempo e aumentavam sua produtividade em 20 a 30 por cento. O clamor público pelos telefones móveis reflete um triunfo tecnológico que levou mais de sete décadas para ser alcançado (Galambos e Abrahamson, 2002).

A década de 1980 viu um interesse crescente no desenvolvimento de vários padrões de telefonia móvel. Criado na Suécia no início dos anos 80, o Nordic Mobile Telephone (NMT) foi o primeiro sistema celular bem sucedido na automatização do processo de chamadas que ainda permitia *roaming* internacional.

No início da década, no espírito do bem coletivo, os operadores das redes telefônicas públicas da Europa, em conjunto com a Comunidade Europeia e com o European Telecommunications Standards Institute (ETSI), começaram a desenvolver o GSM (Groupe Spécial Mobile), um consórcio europeu formado para criar um sistema de telefonia móvel único, que funcionaria em toda a Europa. O processo levou uma década, mas, em 1992, oito países europeus (Alemanha, Dinamarca, Finlândia, França, Reino Unido, Suécia, Portugal e Itália) já usavam a

³⁶ “(...) mobile telephony moved from being a rarity to being a well-integrated portion of our everyday lives”.

rede GSM – Sistema Global para Comunicações Móveis – e em 1995 a maioria da Europa tinha aderido.

O padrão GSM foi um sucesso absoluto e imediato em diversos países da Europa e seu desenvolvimento e comercialização resultou em uma corrida de clientes. A dinamarquesa TeleDanmark, por exemplo, que esperava 15 mil novos clientes em 1993, ano de sua comercialização, teve mais de 65 mil. A Sonofon, da Finlândia, planejou seu sistema GSM para 25 mil clientes em 1995, mas alcançou a impressionante marca de 100 mil. De acordo com a União Internacional de Telecomunicações (ITU), a partir de 2003 quase 69% de todos os assinantes de telefonia móvel em todo o mundo usavam o sistema GSM.

Segundo Baron (2008), este número seguiu crescendo e no início de 2007 o sistema GSM já representava mais de 80% do mercado móvel global. A autora nos ajuda a colocar estes números em perspectiva, relatando que a partir do início de janeiro de 2007 havia 2,73 bilhões de assinantes de telefonia móvel, o que significa dizer que mais de um terço da população mundial tinha acesso a celulares – em grande parte no sistema GSM.

Outro importante desenvolvimento que veio com o sistema GSM foi o Sistema de Mensagens Curtas (SMS). Depois de viver um período de tranquilidade em seus primeiros anos de existência, foi por volta de 1997 que o potencial desta ferramenta, na época gratuita, foi descoberto pelos adolescentes. Tal descoberta levou ao desenvolvimento de uma nova forma de interação, que, por sua vez, resultou em novas formulações linguísticas. Segundo dados apresentados por Ling (2008), um trilhão de mensagens de texto foram enviadas no ano de 2005, e a tendência era de grande crescimento. Também em 1997 surgiu o sistema WAP, um esforço para permitir que serviços de Internet pudessem ser oferecidos dentro do padrão GSM.

Acompanhando a evolução técnica, o número de assinantes de inúmeros serviços de telefonia móvel tem crescido de forma dramática desde o início da década de 1980. Segundo dados da ITU (2003), em 2003 havia em torno de 1,162 milhões de assinaturas de telefones móveis. Se pensarmos em termos mundiais, isto significa dizer que, já naquela época, existia um assinante de celular para cada cinco ou seis pessoas no planeta.

De acordo com Ling e Donner (2010), até 2005, quase 80 por cento da população mundial já tinha tido acesso a um sinal de telefone celular fora de suas casas. Os autores acreditam que a lógica da esfera social em tempo-real está se

espalhando: “assim como aconteceu com o automóvel, provavelmente não haverá acesso universal, mas inegavelmente a tecnologia está entrando em nossas vidas e se estabelecendo” (Ling e Donner, 2010, p. 150 – minha tradução)³⁷.

De fato, para os consumidores ao redor do mundo, o telefone móvel parece ter introduzido uma nova forma de vida. Atualmente, existem mais telefones celulares em uso do que computadores pessoais, e um número cada vez maior de pessoas se conecta à Internet através de um dispositivo sem fio. Apesar de estranho, o “tijolo” da Motorola inaugurou uma época, permitindo que, no início da era sem fio, em 1984, qualquer pessoa pudesse se comunicar com qualquer outra pessoa, a qualquer hora, em qualquer lugar – o que tinha sido um sonho fantástico ao longo de décadas.

Como destacam Castells, Fernández-Ardevol, Linchuan Qiu e Sey (2007), as redes de comunicação sem fio estão se difundindo em todo o mundo de forma mais veloz do que qualquer outra tecnologia de comunicação conhecida. Segundo os autores, em um espaço de apenas dez anos, a telefonia móvel deixou de ser uma tecnologia para uns poucos privilegiados para se tornar uma tecnologia essencialmente “mainstream”.

Analisando as estatísticas, podemos perceber que a telefonia móvel começou a efetivamente decolar em todo o mundo em meados da década de 1990, quando a proporção de telefones celulares para telefones fixos passou de cerca de 1 para cada 34, em 1991, para cerca de 1 para cada 8, em 1995. No ano 2000, a proporção já era de 1 telefone móvel para cada 2 telefones fixos, e em 2003, o número de assinaturas de telefones celulares já tinha ultrapassado o de assinaturas de linhas fixas. As assinaturas, tanto móveis (1,748 milhões em 2004) quanto fixas (1,198 milhões em 2004), continuaram a aumentar, com as de celulares crescendo em um ritmo muito mais rápido, efetivamente dobrando o número de linhas disponíveis em todo o mundo (Castells, Fernández -Ardevol, Linchuan Qiu e Sey, 2007).

Os números continuam crescendo, e a eles se somam agora os relativos aos telefones inteligentes, apresentados nos capítulos anteriores. Parece inquestionável que os telefones móveis e inteligentes de fato chegaram para ficar e ocuparão um

³⁷ “Thus, the mobile logic of the real-time social sphere is spreading. Just as with the automobile, there will likely not be universal access, but the technology is undeniably moving in and establishing itself”.

espaço cada vez maior em nossas vidas. Resta saber quais serão, efetivamente, os impactos que estes terão sobre elas...

9 Referências bibliográficas

ABREU, R.A.S. **A Internet na prática pedagógica: novos desafios e conflitos para os educadores.** Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ANDREWS, S. **Stress a seu favor – como gerenciar sua vida em tempos de crise.** São Paulo: Ágora, 2003.

BARON, N. S. **Always on: language in an online and mobile world.** New York, NY: Oxford University Press, 2008.

BAUDRILLARD, J. **Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem.** Porto Alegre: Sulina, 1997.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BLUMBERG, S.J.; LUKE, J.V. **Wireless Substitution: Early Release of Estimates From the National Health Interview Survey.** January-June 2007. Atlanta, GA: National Center for Health Statistics, 2007.

CARDOSO, A.C.M. Os trabalhadores e suas vivências cotidianas: dos tempos de trabalho e de não trabalho, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 25, nº 72: 101-116, fevereiro de 2010.

CASTELLS, M.; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, M.; LINCHUAN QIU, J.; SEY, A. **Mobile Communication and Society: A Global Perspective**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

CORTELLA, M.S. **Qual é a tua obra? – Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

COSTA, A.C.A. **IRC: uma nova alternativa para as relações entre as pessoas**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

COSTA, V.E.S.M. & MEDEIROS, M., O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 14, nº 2, p. 375-383, Abr./Jun. de 2009.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DI LUCCIO, F. **Do Iluminismo à Web Semântica: reflexões sobre a comunicação com base em uma única língua**. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

DI LUCCIO, F. **As múltiplas faces dos blogs: um estudo sobre as relações entre escritores, leitores e textos**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

DIEBOLD, J. **Man and the computer: technology as an agent of social change**. New York, NY: Frederick A. Praeger, Publishers, 1969.

DUNLOP, J.T. **Automation and technological change**. New Jersey: The American Assembly, 1962.

EISENSTEIN, E.L. **A revolução da cultura impressa – Os primórdios da Europa Moderna.** São Paulo: Ática, 1998.

FISCHER, C.S. **America Calling: A Social History of the Telephone to 1940.** Berkeley, CA: University of California Press, 1992.

GALAMBOS, L.; ABRAHAMSON, E.J. **Anytime, Anywhere: Entrepreneurship and the Creation of a Wireless World.** New York, NY: Cambridge University Press, 2002.

GEHLEN, A. **Man in the age of technology.** New York, NY: Columbia University Press, 1980.

GERGEN, K.J. The challenge of absent presence. In: KATZ, J.E.; AAKHUS, M. (ed.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.

HAMILTON, J. Are main lines and mobile phone substitutes or complements? Evidence from Africa. **Telecommunications Policy 27**, pp. 109-133, 2003.

HANSON, J. **24/7: How Cell Phones and the Internet Change the Way We Live, Work and Play.** Westport: CT, 2007.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2002.

HONORÉ, C. **Devagar.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

KATZ, J.E.; AAKHUS, M. (ed.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.

LEITÃO, C.F. **Impactos subjetivos da Internet: reflexões teóricas e clínicas.** Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LÉVY, P. (1990) **As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1998.

LÉVY, P. (1995) **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LING, R.; DONNER, J. (2009) **Mobile Communication (Digital Media and Society Series)**. Malden, MA: Polity Press, 2010.

LING, R. **The mobile connection: the cell phone's impact on society**. San Francisco, CA: Elsevier, 2004.

LING, R.; YTTTRI, B. Hyper-coordination via mobile phones in Norway. In: KATZ, J.E.; AAKHUS, M. (ed.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.

MACCORMICK, J.S. et al. Engaged or just connected? *Smartphones* and employee engagement. **Organ Dyn (2012)**, doi: 10.1016/j.orgdyn.2012.03.007.

MATOS-SILVA, M.S. **Teclando com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto**. Tese (Doutorado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg – A formação do homem tipográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEVES, R. **O novo mundo digital: você já está nele: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Tudo ao mesmo tempo: realidade ou ilusão? **Psicologia: Ciência e Profissão**, Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, vol. 31, no. 3, p. 602-615, 2011.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M.; ROMÃO-DIAS, D.; e DI LUCCIO, F. Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). **Psicologia Reflexão e Crítica**, vol. 22, no. 1, p. 36-43, 2009a.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Quando o velho esconde o novo: antigas palavras, novos significados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 25, no. 1, p. 109-117, 2009b.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia Reflexão e Crítica**, vol. 20, no. 1, p.65-73, 2007a.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Celulares: um "presente do céu" para mães de jovens. **Psicol. Soc.**, vol. 19, no. 3, p. 108-116, 2007b.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006a.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. **Psicol. Soc.**, vol. 18, no. 3, p. 88-96, 2006b.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica". **Cadernos CEDES**, vol.25, no.65, p.71-85, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. A passagem interna da Modernidade para a Pós-Modernidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, v. 24, n. 1, p. 82-93, 2004a.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, vol. 20, no. 2, p. 165-174, 2004b.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v.18, n. 2, pp. 193-202, 2002.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **Na Malha da Rede: os impactos íntimos da Internet.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **A Internet e os brasileiros: testemunhos de uma transformação.** Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 1997.

NISBET, R.A. **The Sociological Tradition.** New York: Basic Books, Inc., 1966.

PERLOW, L.A. **Sleeping with your smartphone: how to break the 24/7 habit and change the way you work.** Boston, MA: Harvard Business School Publishing, 2012.

PRANGE, A.P.L. **Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si.** Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

RAINIE, L.; WELLMAN, B. **Networked: the new social operating system.** Cambridge, MA: MIT Press, 2012.

RAMALHO, E.F. **Par Perfeito: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos.** Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ROMÃO-DIAS, D. **Brincando de ser na realidade virtual: uma visão positiva da subjetividade contemporânea.** Tese (Doutorado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ROMÃO-DIAS, D. **Nossa Plural Realidade: um estudo sobre a subjetividade na era da Internet.** Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SAYLOR, M. **The Mobile Wave – How Mobile Intelligence Will Change Everything.** Boston, MA: Da Capo Press, 2013.

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O.G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 11-25. (Original publicado em 1902)

TAPSCOTT, D. **Growing up digital**. New York: McGraw-Hill, 1998.

TEIXEIRA, A. **Cultura e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, 1971.

TOFFLER, A. (1980) **A terceira onda – a morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TOFFLER, A. (1970) **O choque do futuro**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

TOFFLER, A. **Powershift: as mudanças do poder**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

TURKLE, S. **Life on the screen: identity in the age of the Internet**. New York: Touchstone, 1997.

VERGARA, S.C. & VIEIRA, M.M.F. Sobre a Dimensão Tempo-Espaço na Análise Organizacional. **RAC**, vol. 9, nº 2: 103-119, Abr./Jun. de 2005.

ZAREMBA, R. Do papel para a tela: o nascimento do ‘homem digital’. In: NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006. p. 209-228.

ZAREMBA, R., ROMÃO-DIAS, D. e NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Simples como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Conselho Federal de Psicologia, Brasília, ano 22, n. 1, 2002.

ZAREMBA, R. **Escrevendo – ou seria teclando? – o Homem do Século XXI.** Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ZAREMBA, R., ABREU, R.A.S. & NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Escrita Digital: a nova pedra no sapato da escola. **Anais do III Workshop de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais**, Porto Alegre: Impa Artes Gráficas Ltda, 2000, p. 196-202.

ZARIFIAN, P. O tempo do trabalho: o tempo-devir frente ao tempo espacializado. **Tempo Social, Rev. Sociol. USP**, São Paulo, 14(2): 1-18, outubro de 2002.

10 Anexos

10.1 Roteiro de entrevistas

I - Dados de Identificação

Idade:

Grau de escolaridade:

Ocupação/Profissão:

II - Temas/tópicos

ORGANIZAÇÃO DO COTIDIANO E GESTÃO DO TEMPO

- 1 – Organização do dia / rotina (descrever um dia comum)
- 2 – Horas de trabalho por dia
- 3 – Atividades de lazer (o que faz / gosta de fazer quando não está trabalhando)
- 4 – Gerenciamento do tempo e distribuição deste entre as diferentes atividades
- 5 – Vida profissional x Vida pessoal

ENTRADA EM CENA DO *SMARTPHONE*

- 6 – Há quanto tempo possui e faz uso de *smartphones*
- 7 – Motivações para adquirir um *smartphone* (se ganhou por razões profissionais ou comprou)
- 8 – Escolha do aparelho (se possui mais de um, ou já fez uso de modelos diferentes)
- 9 – Usos que dá ao *smartphone* (que aplicativos utiliza, com que finalidade, com que frequência, etc.)
- 10 – Se desliga o aparelho e em que momento
- 11 – Como se sente quando está “desconectado” ou quando a bateria acaba)

VIDA PÓS-SMARTPHONE

- 12 – Mudanças trazidas pelo *smartphone* para a organização do cotidiano
- 13 – Horas de trabalho por dia após a aquisição do *smartphone*
- 14 – Tempo x Produtividade
- 15 – Sensação de estar acessível / disponível 24 horas por dia
- 16 – Vida antes e depois do *smartphone*
- 17 – Em que momento do dia utiliza o aparelho pela primeira e pela última vez
- 18 – Possíveis consequências do uso dos *smartphones*

10.2

Dados de identificação dos entrevistados

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão / Ocupação	Usa <i>smartphone</i> há
Anderson Moura	31 anos	Superior Completo	Estatístico	1 ano e 6 meses
Bruno Queiroz	31 anos	Superior Completo	Professor de Educação Física e Técnico Pleno Pesquisador em Eletrônica e Eletrotécnica	6 meses
Daniel Silva	30 anos	Superior Incompleto	Corretor de imóveis	2 anos e 6 meses
Fábio Valentino	35 anos	Superior Completo	Administrador de Empresas	2 anos
Felipe Brasil	30 anos	Superior Completo	Jornalista	4 anos
Fernando Garcia	38 anos	Superior Completo	Psicólogo e Jornalista	4 meses
Jean Rezende	36 anos	Superior Completo	Advogado	1 ano e 7 meses
José Valério Gama	36 anos	Superior Completo	Psicólogo / Gerente de RH	8 meses
Leandro Brisa	33 anos	Superior Completo	Publicitário	5 anos
Leonardo Cantão	33 anos	Superior Completo	Arquiteto	3 anos
Marcelo Greips	37 anos	Superior Completo	Administrador de Empresas	2 anos
Marco Cantini	30 anos	Superior Completo	Administrador de Empresas	4 anos
Iariano Albuquerque	33 anos	Superior Completo	Gerente de vendas	5 anos
Michel Costa	33 anos	Superior Incompleto	Empresário	4 anos
Paulo Rosa	34 anos	Superior Completo	Consultor e Professor	1 ano
Ronaldo Longos	40 anos	Superior Completo	Empresário	4 meses
Válter Arcain	34 anos	Superior Completo	Economista	6 anos

10.3

Termo de consentimento livre e esclarecido

Título da pesquisa: O mundo na palma da sua mão: reflexos do estilo de vida “superconectado”

Pesquisador: Raphael Sacchi Zaremba

Orientadora: Professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Em uma realidade onde muitos se queixam de não possuir tempo suficiente para atender às intermináveis demandas que chegam dos mais diferentes e inesperados lugares, o *BlackBerry*, o *iPhone* e outros apetrechos semelhantes têm sido vistos como um oásis em meio ao deserto. Percebidos por alguns como a solução para todos os seus problemas, os *smartphones* vêm invadindo o nosso dia-a-dia com uma velocidade alucinante. Por estes motivos, pretendo, com esta pesquisa, investigar o papel que esta inovação tecnológica tem desempenhado na vida dos usuários. Este formulário de consentimento refere-se à autorização da utilização dos dados coletados nas entrevistas realizadas.

A pesquisa será realizada a partir de entrevistas *online*, permanecendo sob a responsabilidade do pesquisador todo e qualquer dado de identificação. Uma das vias deste Termo de Consentimento ficará com o pesquisador, e a outra com o entrevistado. Todas as informações têm caráter confidencial, e, portanto, sua identidade será mantida em sigilo.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando o pesquisador a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Assinatura do pesquisador

Assinatura do entrevistado

Rio de Janeiro, ____/____/____.